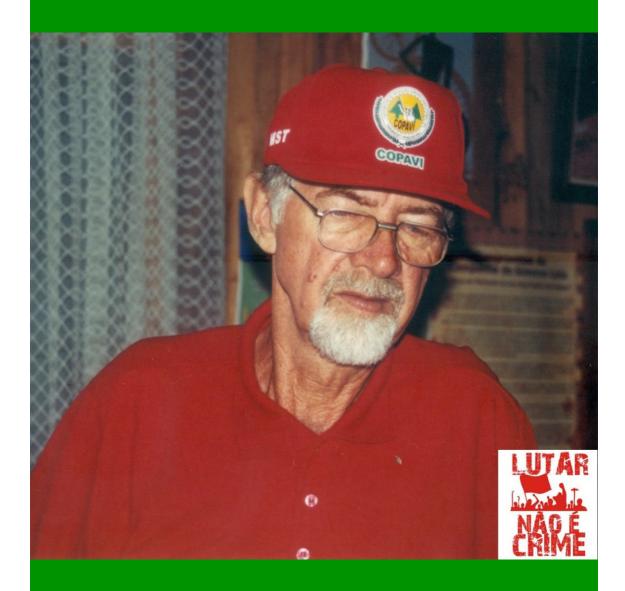
O MST, UM OUTRO OLHAR O que a mídia não divulga

O que a mídia não divulga





Padre João Caruana - Amigo do MST

O que a mídia não divulga



ALTAR MOR
PAROQUIA SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS - Sarandi (PR)

Eder Portalha

A Opção Preferencial Pelos Pobres

A direita, o mapa da América Latina, a Cruz com as correntes que representam o pecado social da marginalização. Mas estas correntes estão caídas, fruto da libertação que Jesus nos trouxe. Embaixo, a Nossa Senhora do Magnificat, gravida, mostrando Jesus Libertador aos operários e criança! A esquerda, os operários, agora libertos, em marcha para Jesus. Em cima, Santa Teresinha, padroeira das Missões, aprovando esta opção pelos pobres da Igreja na América Latina. No extremo direito, a catedral da Arquidiocese de Maringá mostrando o apoio da diocese pela reforma agraria.

O MST, UM OUTRO OLHAR O que a mídia não divulga

DEDICATÓRIA

A todos e todas que lutaram em favor da Reforma Agraria no nosso tempo e foram cruelmente tombadas! O sangue deles e delas não foi em vão!

O que a mídia não divulga

AGRADECIMENTOS

Às lideranças das duas cooperativas, pais e mães de famílias, jovens e crianças, A COPAVI E A COANA, que com a coragem que mostraram nos anos difíceis da luta, serviram como uma inspiração na minha caminhada. A Débora Maria Borba e Hélio Douglas que me ajudaram editando, corregendo e dando uteis dicas para melhorar o texto.

Padre João Caruana - V075738-2
Paróquia São Paulo Apóstolo, Sarandi – Parana, Brazil
Contato: caruanajohn13@gmail.com
Declaração: Pe João Caruana assume a responsabilidade por eventuais erros na ortografia da linguá portuguesa.
03 de Junho 2019

O MST, UM OUTRO OLHAR O que a mídia não divulga

PREFÁCIO

Prezadas-Prezados!

Com prazer estou apresentando este livro intitulado "Um Outro Olhar Ao MST". Todos estes anos,77, dos quais 35 no Brasil, eu sempre procurei de me conscientizar a luz das Bem Aventuranças e o Ensino Social da Igreja. Eu sempre senti que eu tenho um dever duplo na minha vida: primeiramente, de apoiar publicamente, assinando em baixo, aqueles pais e mães de família, que se dedicam dentro de um ou outro movimento, com todos os riscos que não são nem poucos nem pequenos, em favor da construção de uma sociedade justa, neste caso, fazendo acontecer a tão almejada reforma agraria. Secundariamente eu procurei de ajudar com meu testemunho em Jesus Libertador, os demais cidadãos, igualmente de boa fê, mas vítimas das manipulações da Grande Imprensa, para que eles também entram num processo de conscientização.

Chegando no Brasil em 84 encontrei uns pais fervendo de ideias progressistas variando do Ulysses Guimarães, Brizola, Lula e seu novo partido, a Central Única dos Trabalhadores e O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Ao lado de tudo isto surgiu também uma Igreja atuante com Helder Câmara, Cardeal Arns, Cardeal Antoniazzi e outros, moldando a CNBB que todos nós conhecemos.

Me orgulho em dizer, que nos meus primeiros três anos, eu participei em 32 dois encontros de formação discutindo diretamente ou indiretamente o aspecto social da Palavra de Deus. Isto era possível porque também dentro da nossa arquidiocese, com Dom Jaime Luís Coelho na frente, acompanhado com um grupo de padres decididos de fazer bom trabalho evitando alienações, encorajou uma evangelização que ajudou a conscientização sócio política do povo de Deus no nosso meio.

Cheguei no Brasil já consciente que não existe solução aos problemas gravíssimos sócias do nosso povo, sem fazer acontecer a Reforma Agraria. Participando no Primeiro Congresso do MST em Curitiba, onde eu percebi que os participantes têm ideias claras e sabem onde e como podem chegar, facilitou o meu apoio irrestrito à causa deles.

Neste livro eu quero mostrar que a liderança originaria do Movimento, mesmo aceitando que o marxismo e` uma inspiração na luta deles, eles

O que a mídia não divulga

conseguiram criar uma aproximação respeitosa com a Igreja no Brasil, mesmo porque bastante deles, eram oriundos da mística das *comunidades eclesial de base*. Quem conhece a prática política em Europa, a ala conhecida como *da esquerda*, quase sempre tem um viés anticlerical e ante Igreja. O que não aconteceu no Brasil, mérito - me deixa dizer - do tao sofrido e injustiçado Presidente Lula de um lado, e a Igreja da qual falamos em cima de outro lado. Muitos são os católicos no Brasil que ainda não perceberam isto. Com estas pessoas na minha mente, eu escrevi a última parte do livro - *a igreja e a reforma agraria* - terminando o livro com a Carta que o Presidente Lula escreveu ao CNBB antes de deixar a Presidência. Um verdadeiro testemunho de uma vida sincera e autentica!

O livro de fato tem três partes: na primeira parte 'e introduzir o Movimento como um todo através de entrevistas e testemunhos de jornalistas, uma breve estória e homenagens e prêmios recebidos. Na segunda parte eu cometo sobre as duas cooperativas que eu conheço melhor, a COPAVI de Paranacity e a COANA de Querência do Norte. A terceira parte, como já indiquei, eu discuti a reforma agraria e a igreja.

Boa Leitura. Humildemente espero, que o livro ajude aos leitores e as leitoras ter *Um Outro Olhar Ao MST*, mais verdadeiro, contrariando os preconceitos, verdadeiramente capim, que a Grande Imprensa plantou na mente de milhões de pessoas. E assim façamos justiça com as centenas de pais e mães de famílias que se juntaram e lideraram um Movimento, que durante estes 35 anos ganharam terra com muito suor, perseguição, prisão e as vezes morte, terra por milhares de famílias pelo Brasil afora!

O AUTOR



Pe. Joao Caruana, nascido em Mosta, Malta no dia 03 de Junho 1941, foi ordenado padre, em sua terra natal no dia 11 de março de 1967. Sempre sentiu muito forte a vocação missionaria, mas precisou esperar dezessete anos para realizar o seu sonho.

Durante estes dezessete anos, Pe Joao serviu como diretor das vocações por alguns anos, tendo mudado para a Paroquia de São Giuliano onde serviu por treze anos como

vigário paroquial. Depois foi escolhido como secretario administrativo do Seminário de Malta.

Durante este período participou no Conselho de Vice Párocos e fez parte do Conselho Representativo Diocesano (KRD), responsável por decidir quais as prioridades e as reformas necessárias na gestão dos recursos da diocese.

Pe Joao serviu também como Presidente da Sociedade Christus Rex, que era uma sociedade independente interessada na vida dos padres. Serviu na diretoria da revista mensal Pastor, e junto com um outro grupo, iniciou e manteve uma pagina semanal em inglês, chamada Catholic Outlook, no jornal de grande prestigio The Sunday Times of Malta.

Pe Joao chegou ao Brasil no dia 07 de setembro 1984 e assumiu a paroquia Nossa Senhora das Graças, na época única paroquia no município de Sarandi, que já` tinha 40.000 habitantes. Dedicou-se ao serviço das Comunidades Eclesiais de Base que tinham sido recém-plantadas pelo Pe Vicente Costa, o primeiro pároco. Apoiou ativamente os movimentos sociais que trabalharam n cidade no campo — especialmente com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (O MST).

Também serviu por dois anos numa paroquia irmã em Guajara-Mirim, no Estado de Rondônia. Foi a Malta por mais dois anos, escrevendo um livro chamado The Maltese Missionary Experience, e voltou no Brasil, servindo como vigário numa outra paroquia em Sarandi, a São Paulo Apostolo.

For do livro acima mencionada ele escreveu também mais dois livros: Pensadores da Caminhada — 30 anos na caminhada das CEBs e Comissão Pastoral da Terra frisando o trabalho de um colega maltes Pe Joao Maria Cauchi de Paraiba, em duas versões — Português e Inglês.

INDICE

O MEU PRIMEIRO ENCONTRO	1
Direção Nacional - Agenda MST 2018	8
"Falta Igualdade para a Democracia Brasileira"	11
Ademar Bogo	18
O MST NA MÚSICA	19
O MST hoje, ontem, amanhã, sempre	21
A ENCICLOPEDIA WILKIPEDIA - DISCUTE A REFORMA AGRARIA	26
POLÍCIA MASSACRA EM ELDORADO DOS CARAJÁS	43
OCUPAÇÃO DO MST NO PARANÁ GANHA PRÊMIO PORRECUPERAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA	45
Projeto ambiental com MST ganha prêmio internacional	50
Livro sobre MST ganha prêmio Vladimir Herzog	54
Reforma Agrária nos Governos Lula e Dilma	55
Mais de 164 mil Assentados foram atendidos pelo "PRONERA"	57
Justiça a Serviço de Quem?	61
O "ESCRITÓRIO" DE MARINGÁ. DA RENAP AO VIDA DIGNA	66
A OCUPACAO DA FAZENDA ANONI	70
E ASSIM SURGE O MST	80
Povo do Campo e da Cidade: Tamo Junto e Misturado	83
MST/RS FORMA ENGENHEIROS AGRÔNOMOS	84
Exibição das fotos de Sebastiao Salgado	85
Sem Terrinhas na Construção do Movimento	89
Apesar de Tudo Somos Esperança	96
COPAVI - Cooperativa de Produção Agropecuária VITORIA	98
A ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA COPAVI	108
COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA VITÓRIA (COPAVI)	111
COPAVI CELEBRA 15 ANOS	115
O DR. ROSINHA, VISITOU A COOPERATIVA	116

O MST, UM OUTRO OLHAR O que a mídia não divulga

COPAVI, NO PARANÁ: 22 ANOS DE PRODUÇÃO SOLIDÁRIA	119
Assentamento do MST no Paraná produz e exporta cachaça para a Europa	122
Histórico de Chicão!	123
COANA - Cooperativa de Comercialização da Reforma Agrária Avante Ltda	125
Noroeste do Paraná: a prosperidade via assentamentos	128
TERROR NO NOROESTE DO PARANA CONDENADO POR ESTRANGEIROS	140
A IGREJA E A REFORMA AGRÁRIA	144
CARTA ABERTA AOS NOSSOS MÁRTIRES	156
VIDAS PELO REINO	159
OS INDÍGENAS	179
lgreja através a Pastoral do Migrante e o MST acolhem expatriados	180
COMISSÃO PASTORAL DA TERRA	182
MST, Guerrilheiros, Lei e Religião	185
Democracia, Liberdade e Justiça	188
90 anos de transformações na Igreja. Entrevista especial com Dom Tomás Balduíno	190
LEONARDO BOFF: Reforma Agrária Luta Pela Vida	200
Os 10 Conselhos de Frei Betto	201
Os Martírios de Hoje e a Cruz de Jesus	205
UM GRANDE PASSO NO NOROESTE DO PARANA	208
Sangue Indígena: Nenhuma Gota a Mais	209
Indígenas de Baixo Tapajos (Amazonia) –Novo Gurupa aldeia indígena, Rio Arapiuns, Santarem – Para	a. 212
CARTA DO PRESIDENTE LULA A CNBB	216
COMPROMISSO DE FE DO PARTICIPANTE DAS CEBs	220
OUTROS LIVROS DO PADRE JOÃO CARUANA	223

O que a mídia não divulga

O MEU PRIMEIRO ENCONTRO

O meu primeiro encontro com o Movimento em favor da Reforma Agraria aconteceu quando fui chamado para um encontro, com Ze Rainha, lá no Pontal bem longe da minha cidade de Sarandi, ainda nos meus primeiros meses no Brazil! Rainha deixou uma boa impressão em me, - até me surpreendeu quando ele se abriu, nos informando do plano de ação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra — o MST. Ele nos disse, com toda clareza, que ele está visitando vinte e sete municípios para encontrar com prefeitos e com a sociedade em geral para informar que eles entendem ocupar várias áreas — ele só não indicou quais são as áreas e quando eles irão ocupar. Ficou claro para nós que vai ser um Movimento das massas e todos os sem terras são convidados para se juntar.

Também, eu pensei na época, que esta metodologia de ir ao encontro e informar os passos ao ser dados, indiretamente, esta' excluindo qualquer cheiro de luta armada! Sobre este aspecto, ser armados ou não, estou lembrando quando numa outra oportunidade, tinha um correspondente do então TV Manchete me dizendo pessoalmente, que ele estava acompanhando o Movimento por alguns dias e não viu nenhum sinal de armas ou algo de gênero fora de uma ou outra espingarda para pegar os coelhos selvagens. Coitados!

Paranacity

Noutro momento, Pé Zezinho pároco de Paranacity, num encontro dos Padres na presença do Dom Jaime Luiz Coelho, nos convidou para a Missa da Padroeira no próximo Domingo de Tarde, frisando, que um grupo de sem terras vindo do Sul do Paraná, acabaram de ocupar um fazenda bem vizinha a Igreja Matriz, e ele que quer mostrar o apoio da Igreja para a luta em favor da Reforma Agraria! Eu convidei os paroquianos — em Sarandi na

O que a mídia não divulga

época teve uma paroquia só - e fomos para Paranacity com dois ônibus bem cheinhos! Chegamos um pouco atrasados, e a Missa campal tinha acabado de começar. Dom Jaime lidava a concelebração! Logo reparei que este Bispo, uma vez que se convence que a causa era justa, e reflete o ensino social da Igreja, ele entra frontalmente no problema e nunca vai olhar para trás! "Pode ter certeza disso" alguns colegas padres que o conheciam bem mais do que eu, me disseram! E por décadas, não deu outro sempre coerente!

No fim da Santa Missa Zé Rainha foi convidado para fazer o uso da palavra. Para o bom povo de Paranacity esta Missa com todos os gestos e palavras em favor da Reforma Agraria marcou a vida deles para sempre! Alguns meses depois, Zé Rainha foi preso em São Paulo, mas foi trazido na cadeia de Maringá! Dom Jaime chamou Conego Schneider para ir atrás o



delegado para garantir a vida Por sendo preso por dele. causa da reforma agraria, tinha medo que pessoal não tratam ele bem. Não só! Dom Jaime tinha cinco minutos diárias as 08.00h de manhã na Rede Globo da região, e no meio dessa polemica na diocese e na região ele dedicou estes cinco minutos pregando ensino da igreja sobre necessidade da Reforma Agraria! Um testemunho que valeu o que valeu!

Conscientização

Quero partilhar uma experiência que tinha quando fazendo um ano sabático em Roma, um professor. Debatendo os direitos humanos terminou a última palestra do curso dizendo: "Vocês que sois do terceiro mundo ou irão trabalhar no terceiro mundo, vocês podem fazer três coisas:

O que a mídia não divulga

- 1, Vocês encontrando um mendigo, irão colocar a mão no bolso e da uma ajuda vocês estarão fazendo nada!
- 2. Vocês sendo criativos, irão ajudar um grupo de jovens da sua redondeza achar trabalho -não isto e' o seu trabalho!3. *A única coisa necessária e que e' difícil* e', que juntos com a Comunidade vocês entram num processo de conscientização...tentando responder para a pergunta: porque toda esta pobreza!? Porque esta' fila nunca acaba!? E, como eu gosto terminar o conto, o professor pegou a mala e foi para Nova York era americano e eu peguei o avião e vim para Sarandi.

Ensino Social da Igreja

Como eu já disse, estes eram os meus primeiros contatos que me levaram para me envolver na Caminhada da Reforma Agraria, e nunca olhei para trás, como me pede o Evangelho, e animado pela tenacidade de Dom Jaime o meu arcebispo na época! Como vou mostrar mais para frente o trabalho do MST começou em Sarandi no Rio Grande do Sul - eu era pároco na cidade de Sarandi no Paraná, pura e feliz coincidência! Eu chequei no Brazil dia 07 de Setembro 1984 dia da Independência! Esta' não era coincidência! Eu planejei isto para me lembrar para sempre que eu vim neste país para servir a Igreja particular que está no Brazil! No sentido, que sem negar o meu passado – ao contrário eu usei muito bem o meu passado com colegas que eram oriundos dos melhores elementos de lá, e por isso eu agradeço Deus - mas, que nas palavras de São Paulo, eu logo reparei que eu devo começar um processo de "tirar as roupas velhas e vestir as roupas novas"! Ou nas palavras do meu amigo Pedro de Recife, - éramos grandes amigos já' no tempo do Seminário lá na nossa terra natal - "agora Joao, uma vez que nesta sua idade, 43 anos e 17 anos de padre, você conseguiu fazer esta7 mudança e começar tudo de novo, pega um caderno novo e um lápis novo, e começa pensar tudo de novo, caso contrário você não consegue fazer bom trabalho." Pedro, que morreu bem jovem afogado quando junto com o seu irmão Alfredo, estavam tentando ajudar a esposa e filho, não conheceu o MST, que tinha acabado de começar uma caminhada gloriosa, lá no Sul, 3000 quilômetros longe! Mas ele fazia parte

O que a mídia não divulga

de um grupo que assumiram a "opção preferencial pelos pobres" com muita seriedade.

Mas fruto daquelas palavras do meu maior amigo, (e me deixa enfatizar, do melhor amigo que alguém pode ter na sua vida), eu me encostei com qualquer grupo social no qual eu percebi a determinação de fazer acontecer as mudanças estruturais que o Brazil estava precisando! Pessoalmente eu era sempre inspirado pelo ensino social da Igreja - seja o magistério universal e seja o ensino da Conferencia Nacional dos Bispos do Brazil – A CNBB!

Já' lá atrás, o Concilio Vaticano II, no documento bem conhecido e aceito, *Gaudium Et Spes,* tem um parágrafo especifico, numero 71, sobre a Propriedade, intitulado "Acesso à propriedade e domínio privado. Problemas dos latifúndios":

"A propriedade privada ou um certo domínio sobre os bens externos asseguram a cada um a indispensável esfera de autonomia pessoal e familiar, e devem ser considerados como que uma extensão da liberdade humana. Finalmente, como estimulam o exercício da responsabilidade, constituem uma das condições das liberdades civis (13).

No entanto, o direito à propriedade privada não é incompatível com as várias formas legítimas de direito de propriedade pública. Quanto à apropriação pública dos bens, ela só pode ser levada a cabo pela legítima autoridade, segundo as exigências e dentro dos limites do bem comum, e mediante uma compensação equitativa. Compete, além disso, à autoridade pública impedir o abuso da propriedade privada em detrimento do bem comum.

Segue depois um parágrafo, que, 50 anos depois, eu acredito, tem muito a ver com os excessos do latifúndio brasileiro!

"Em bastantes regiões economicamente pouco desenvolvidas, existem grandes e até vastíssimas propriedades rústicas, fracamente cultivadas ou até deixadas totalmente incultas com intentos lucrativos, enquanto a maior parte do povo não tem terras ou apenas possui pequenos campos e, por outro lado, o aumento da produção agrícola apresenta um evidente carácter de urgência. Não raro, os que são contratados a trabalhar pelos proprietários ou exploram, em regime de arrendamento, uma parte das propriedades, apenas recebem um salário ou um rendimento indigno de um

O que a mídia não divulga

homem, carecem de habitação decente e são explorados pelos intermediários.

"Impõem-se, portanto, reformas necessárias, segundo os vários casos: para aumentar os rendimentos, corrigir as condições de trabalho, reforçar a segurança do emprego, estimular a iniciativa *e, mesmo, para distribuir terras não suficientemente cultivadas àqueles que as possam tornar produtivas*"

Mais recentemente, A *Comissão Justiça e Paz da Santa Sé* publicou um documento intitulado "*Para Melhor Distribuição da Terra*". O parágrafo 44 reforça o argumento dos vários grupos sociais – inclusive dentro da Igreja - em justificar o trabalho em favor da reforma agraria.

Leia-se: "Nos lugares onde subsistem condições iníquas e de pobreza, a reforma agrária representa não só um instrumento de justiça distributiva e de crescimento econômico, *mas também um ato de grande sabedoria política.*"



"Nos Campos do Senhor, Gritam por Direito e por Valor"

O que a mídia não divulga

E continua:

"Manifestação, muitas vezes, de situações intoleráveis e deploráveis no plano moral, a ocupação das terras é um sinal alarmante que exige a atuação, a nível social e político, de soluções eficazes e justas. São, sobretudo, os Governos a ser interpelados, na sua vontade e determinação, a fim de fornecerem urgentemente estas soluções. O retardamento e adiamento da reforma agrária tiram toda a credibilidade às suas ações de denúncia e de repressão da ocupação das terras."



Um dia a vida surgiu na terra. A terra tinha com a vida um cordão umbilical. A vida e a terra. A terra era grande e a vida pequena. Inicial.

A vida foi crescendo e a terra ficando menor, não pequena. Cercada, a terra virou coisa de alguém, não de todos, não comum. Virou a sorte de alguns e a desgraça de tantos. Na história foi tema de revoltas, revoluções, transformações. A terra e a cerca. A terra e o grande proprietário. A terra e o sem terra. E a morte.

Muitas reformas se fizeram para dividir a terra, para torná-la de muitos e, quem sabe, até de todas as pessoas. Mas isso não aconteceu em todos os lugares. A democracia esbarrou na cerca e se feriu nos seus arames farpados. O mundo está evidentemente atrasado. Onde se fez a reforma o progresso chegou. Mas a verdade é que até agora a cerca venceu, o que nasceu para todas as pessoas, em poucas mãos ainda está.

No Brasil a terra, também cercada, está no centro da história. Os pedaços que foram democratizados custaram muito sangue, dor e sofrimento. Virou poder de Portugal, dos coronéis, dos grandes grupos, virou privilégio, poder político, base da exclusão, força de apartheid. Nas cidades virou mansões e favelas. Virou absurdo sem limites, tabu.

Mas é tanta, é tão grande, tão produtiva que a cerca treme, os limites se rompem, a história muda e ao longo do tempo o momento chega para pensar diferente: a terra é bem planetário, não pode ser privilégio de ninguém, é bem social e não privado, é patrimônio da humanidade e não arma do egoísmo particular de ninguém. É para produzir, gerar alimentos, empregos, viver. É bem de todos para todos. Esse é o único destino possível para a terra.

Assinam esta carta os que desejam mudar a terra, querem democratizar a terra, querem democracia na terra. Mas ainda neste século. Já se esperou demais. A democracia na terra é condição de cidadania. Esta é uma tarefa fundamental da Ação da Cidadania.

Que o novo presidenté execute essa reforma. Que os novos governadores participem dessa mudança. E que a sociedade seja o verdadeiro ator dessa nova peça para mudar a face da terra. A partir daí a vida na terra será melhor.

Herbert de Sousa (Betinho)

Articulador Nacional da Ação da Cidadania.

Coordenador da Campanha Nacional
pela Reforma Agrária

O Primeiro Congresso

O meu verdadeiro primeiro encontro com o MST como um todo, aconteceu quando eu participei, uns 30 anos atrás, no *Primeiro Congresso Nacional do Movimento em Curitiba*. Eu lembro bem um número grande de ônibus, a maioria de modelo ântico, chegando com trabalhadores rurais de partes longínquas de todas as partes do Brazil! Lembro bem quando na conclusão do Congresso no Teatro Guairá apresentaram no palco umas oito viúvas que tinham perdido os seus maridos na luta pela terra – cada uma contando como foi! Era um momento dramático!

Na composição da mesa, convidaram as lideranças presentes, entre outros estava Ulysses Guimaraes que, na época, era figura central na política brasileira. Ficaram na minha memória duas decisões principais: A Assembleia foi perguntada: "Nós Vamos Comprar A Terra?" e, com tudo mundo em pé, saiu o grito "NÃO!!" E logo veio a segunda pergunta: "E Nós Poderemos Vender A Terra" E logo veio o grito: "NÃO!!" Após estas duas respostas – o grito ainda está ecoando no meu ouvido, acredite se quiser – eu decidi: "Este Vai Ser o Meu Movimento!"







Na apresentação dessa Agenda a Direção Nacional discute as consequências do escarnio da Constituição Federal:

"Vivemos tempos difíceis. Vimos, em 2016, um golpe de Estado patrocinado pelo grande capital, mídia empresarial – leia-se Rede Globo –, setores do Poder Judiciário e do Ministério Público, pelo Congresso Nacional e, convenientemente, assistido por um Supremo Tribunal Federal (STF) acovardado.

Com a Constituição Federal rasgada, abriram-se as portas para o golpista Michel Temer e sua quadrilha se assenhorar do Poder Executivo. A partir desse escárnio à Democracia não cessou um só dia o retrocesso civilizatório, os ataques aos direitos trabalhistas e sociais, a entrega das riquezas naturais, empresas públicas e da Soberania Nacional ao imperialismo e aos grupos econômicos que patrocinaram o golpe, o sucateamento das políticas públicas na área da saúde, educação, cultura e ciência e tecnologia.

Agora, temos um presidente da República sem nenhuma dignidade política e pessoal, que nasceu e se mantém no poder à custa da compra da

maioria dos parlamentares. Comprador e comprados se igualam, se auto protegem e contam com a complacência do STF.

O mesmo STF que, conivente com o governo golpista e submisso aos ditames da mídia empresarial, protela o julgamento do impeachment que sofreu a presidenta eleita em 2014. Fará, certamente, esse julgamento após 2018, quando o mandato já estará encerrado. Um comportamento vil de um STF que abriu mão de ser o guardião da Constituição e, na verdade, ajudou a rasgá-la e julga, na maioria das vezes, de forma arbitrária e para atender interesses político-partidários.

A este STF acovardado juntou-se o comando do combate à

corrupção, a chamada República de Curitiba. Para muitos, a ordem foi inversa: à Republica de Curitiba se subordinou um STF acovardado. O Juiz Sérgio, junto com seus asseclas, não hesitou, como disse um jurista, em "matar a vaca para acabar com os carrapatos". Não hesitou em acabar com indúsа tria nacional, causando milhares de desempregos; em fragilizar a Petrobras para criar as condições ideais para esquartejar a empresa e entregar as reservas petrolíferas às transnacionais; instrumentalizou o combate à corrupção para alcançar seus objetivos políticos, cometendo e ilegalidades, arbitrariedades sacrificando direitos garantias fundamentais, utilizando uma ética pragmática, de resultados. Sempre buscando os aplausos, e recebendo-os da mídia empresarial.

Estes todos, Temer e sua quadrilha, os parlamentares que transformaram o Congresso num covil de ladrões, setores do Poder Judiciário e do Ministério Público que violaram a Constituição e instrumentalizam o sistema jurídico para promover um controle social e político do país, podem, hoje, não sentar no banco dos réus para prestar contas dos crimes que cometem contra o Brasil e seu povo. Mas, a eles, já está reservado na história, um lugar na lata de lixo. Há ainda que se responsabilizar a mídia empresarial pelo caos político, institucional, econômico, e social que se instalou no país. Novamente, a Rede Globo promove e se alinha a um golpe de Estado, como fez em 1964. Blindada pelos mesmos moralistas que dizem combater a corrupção, seus crimes não são investigados e muitos menos denunciados à sociedade. Temos uma mídia antinacional, antissocial, antidemocrática e oligopolizada,

O que a mídia não divulga

incompatível com um país democrático, e que será sempre uma mídia promotora de golpes de Estado. É urgente democratizar a mídia e a informação em nosso país.

São tempos difíceis. Mas há sempre a esperança que chegará a hora em que o povo saberá transformar a indignação em ação. Nessa hora, não passará incólume o crime organizado que se instalou nos altos poderes da República e vem causando ao povo vergonha, humilhação, miséria e indignidades. Será o momento de profundas reformas estruturais, tão necessárias para a construção de um país socialmente justo, democrático e igualitário.

A Agenda MST/2018 quer se somar ao desafio de construirmos um Projeto Popular para o país. Apresentamos, aqui, as lutas e as demandas de camponesas e camponeses que fazem a luta pela Reforma Agrária. O golpe de Estado foi dado, também contra essa luta, contra essa gente. São os povos indígenas, os camponeses, os quilombolas, os pescadores e ribeirinhos as maiores vítimas do latifúndio e do agronegócio, protagonistas do golpe.

Mas, aqui também apresentamos nossas conquistas e vitórias. Vitórias na proposta de uma agricultura agroecológica, voltada para a produção de alimentos sadios. Nas conquistas da Educação no campo e das campanhas de alfabetização no campo e nas periferias das grandes cidades.

Na luta das mulheres contra o preconceito, pela igualdade e dignidade. Na exigência de se estabelecer um controle social sobre os bens da natureza e de subordinar a propriedade da terra à sua função social. Na necessidade de assegurar que o alimento é um direito e não uma mercadoria e de que todos os povos conquistem sua soberania alimentar. E que os camponeses e camponesas sejam verdadeiros guardiões da biodiversidade e que as sementes sejam patrimônio da humanidade.

Assim, com as lutas e conquistas apresentadas nessa nossa Agenda, esperamos contribuir para o surgimento de uma nova sociedade, profundamente democrática, igualitária, alicerçada nos valores humanistas e da solidariedade e zelosa pela preservação ambiental."



Joao Pedro Stedile

"Falta Igualdade para a Democracia Brasileira"

"Numa entrevista no Jornal do Comercio por Guilherme Kolling Joao Pedro avalia que o Brasil tem uma democracia formal, uma vez que não conquistou igualdade de oportunidades. Ele avalia que o governo Lula fez uma política macroeconômica de reconciliação de classes. Garantiu os ganhos para aqueles 5% mais ricos e tirou da miséria os 40 milhões que dependem do Bolsa Família. E freou o neoliberalismo, recuperou o papel do Estado, do Banco do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico), que financiava privatizações, agora financia fabricas. O governo Dilma ganha as eleições no bojo da continuidade. Porém, isso tem limite. Não dá mais para apenas distribuir renda através do Bolsa Família. Tem que mudar o modelo. E tem que mexer na taxa de juros. Esse projeto neodesenvolmentista saiu perdendo para os setores conservadores do governo, que ganharam o primeiro round contra a inflação ao fazer um corte de 50 bilhões de reais no orçamento e ao aumentar a taxa de juros em 1 ponto percentual. O aumento da taxa de Selic e' uma burrice. Quem vai bater palmas são os bancos, o resto da sociedade vai pagar para eles.

Debate

"A imprensa tem que ser mais criativa, propor o debate. Tem que discutir problemas de fundo, o agrotóxico – ninguém escapa, vai pegar também donos de jornal, de televisão, o câncer pega todo mundo. E levar esse debate para a universidade, que estão as costas. Levar para as igrejas. Enfim, um mutirão de debate político e social. Estamos num momento de letargia na sociedade. Nem nas campanhas eleitorais se discute projetos.

Democracia

"É uma democracia formal, em que o povo brasileiro ganhou o direito de votar. Mas a população quer as mesmas oportunidades então, quando todo o povo brasileiro tiver a oportunidade de entrar na universidade, uma moradia digna, uma informação honesta, cultura, e não depender do Bolsa Família, ai viramos uma sociedade democrática. A sociedade brasileira e` a terceira mais desigual do mundo. E` por isso que não consegue ser democracia.



Luta pela Reforma Agraria

"Iniciei a minha luta pela reforma agraria na Comissão Pastoral da Terra (CPT). Em 1978, Nonoai (RS), uma área indígena, tinha 700 posseiros pobres. E os índios se organizaram e expulsaram os posseiros, que da noite para o dia, estavam na beira da estrada. Então, comecei a organizá-los, porque parte queria voltar para as terras indígenas, e ai dava morte; outra parte queria ir para o Mato Grosso, que era a proposta do governo. Nosso trabalho na militância social era: quem quiser continuar trabalhando aqui no rio Grande, tem

O que a mídia não divulga

terra. E reivindicamos duas áreas públicas, remanescentes da reforma agraria do (ex-governador Leonel Brizola), que tinham sido griladas.

"O embrião da reforma agraria foi a colonização europeia no Rio Grande. Deu uma base para a democratização da propriedade, eles pegavam de 25 a 40 hectares, nem menos, nem mais. Isso criou uma base de sociedade mais justa. Não e' por nada que Caxias do Sul tem um PIB mais elevado que o de toda a Metade Sul. Na década de 1960, Brizola retomou esse embate e foi o primeiro homem público que fez uma lei estadual de reforma agraria. Foram ocupadas muitas fazendas, a mais importante delas foi a Sarandi, tinha 24 mil hectares.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

"De 1978 até 1984, em todo o Brazil, a CPT começou a juntar as lideranças desses movimentos e a fazer encontros. Quem deu a marca de Movimento dos Sem Terra foi a imprensa – começou a se noticiarem acampamentos dos "colonos sem-terra". Quando fundamos o movimento nacional, em

janeiro de 1984, já havia essa marca. Incluímos uma questão de classe: Movimento dos **Trabalhadores** Rurais Sem Terra. "Hoje como hoje, O MST sofreu percalços nos últimos houve mudanças anos. agricultura. Até a década de 1980, o que dominava era o capitalismo industrial. E o latifúndio improdutivo barreira. Quando era uma latifúndio ocupávamos 0 improdutivo, a burguesia industrial nos apoiava, porque éramos progresso. A minha turma dividia terras, ia para o banco comprar máquinas, geladeira... na essência, essa é a proposta da reforma agrária clássica: dividir a



O que a mídia não divulga

área improdutiva para ela desenvolver as forças produtivas. Por isso, na maioria dos países da Europa, nos Estados Unidos e no Japão, quem tomou a iniciativa de fazer a reforma agrária foi a burguesia industrial, não os camponeses.

Mudanças no Brasil

"O movimento nasceu na década de 1980 no contexto de reforma agrária clássica. Por isso a burguesia industrial e a imprensa nos toleravam: "Ah, está certo, tem que ocupar mesmo." Com o neoliberalismo, houve uma expansão das empresas transnacionais e do capital financeiro que veio tomar conta da nossa agricultura, desde os anos 1990. Quem tem a hegemonia da agricultura não é mais o capital industrial. Tanto que, na década de 1970, a economia brasileira vendia 80 mil tratores por ano. Quem comprava? O pequeno agricultor. Sabe qual foi a venda de tratores no ano passado? 36 mil. Então, aumentou a potência do trator e diminuiu o mercado. É um absurdo.

"Hoje, quando tem um latifúndio improdutivo, as grandes empresas transnacionais também chegam para disputar com a gente. Quando tentamos ocupar a Fazenda Ana Paula, 18 mil hectares improdutivos, acampamos e fomos despejados. Aí, a Aracruz comprou e encheu de eucaliptos. Quantos empregos gerou? Nenhum. Faz sete anos que tem eucalipto lá. Nenhuma renda para o município. Mas a Aracruz vai ganhar



O que a mídia não divulga

muito dinheiro no dia em que colher aquele eucalipto. Então, agora o MST enfrenta barreiras. Mudaram os inimigos de classe.

"O movimento até que aumentou, mas a luta ficou mais difícil. Para desapropriar uma área ficou mais difícil, porque a força desses capitalistas pressiona para não ter desapropriação. Querem empurrar os pobres do campo para a cidade.

O Futuro

"As vitórias do governo Lula (PT) e Dilma colocaram uma barreira ao neoliberalismo. Há uma tentativa de reconstruir o modelo de desenvolvimento, com lugar para mercado interno, distribuição de renda e indústria nacional. Mas isso ainda é uma vontade política. No nível macro, está havendo mudanças de rumo: não é mais o neoliberalismo, agora é o neo-desenvolvimentismo. Na agricultura, estamos iniciando esse grande embate entre o modelo do agronegócio e o da agricultura familiar. Nossa esperança é que nos próximos dez anos a sociedade perceba que o agronegócio é inviável.

Economicamente inviável

"Porque economicamente os únicos que ganham são as transnacionais. Pode dizer: "o Rio Grande produz 10 milhões de toneladas de soja". E quem fica com o lucro se a soja sai daqui em grão? Voltamos a ser um simples exportador de grãos. Temos que exportar é o óleo de soja. A longo prazo, esse modelo de monocultura, que só beneficia a exportação, é inviável. Ou seja, não agrega valor e não distribui renda, concentra. E expulsa a população do campo. E, terceiro, o agronegócio tem uma contradição com o meio ambiente: só produz com veneno, que mata o solo, os vegetais e o ser humano pelos alimentos contaminados. Então, é uma questão social, e econômica e ambiental.

"Vamos continuar lutando contra o latifúndio. Mas, ao mesmo tempo, temos que desenvolver, nas áreas de assentamento, programas que combinem com esse novo modelo: ter agroindústria, laticínio, reflorestar áreas degradadas, produzir alimentos saudáveis. Esse novo caminho que vamos

O que a mídia não divulga

trilhar é seguir a luta contra o latifúndio, implantando um novo modelo nos assentamentos.

"Isso depende dos pobres do campo lutarem; do governo ter essa vontade política de deixar o agronegócio para o mercado, as políticas públicas de agricultura têm que estar voltadas para o pequeno agricultor; e depende de a sociedade perceber que a luta pela reforma agrária não pode ser criminalizada, porque é o progresso. É para garantir emprego, renda e comida farta e saudável. Tudo que o agronegócio não consegue.

A Imprensa

"Os quatro grandes grupos que controlam a imprensa no Brasil – Rede Globo, Estadão, Folha de S. Paulo e O grupo Abril – estão a mercê dos interesses do grande capital, das multinacionais e do capital financeiro. Para eles, não só o MST mas qualquer movimento social que lute contra esse modelo se transforma em inimigo. Quando os operários voltarem a lutar como fizeram em Jirau (usina que está em construção no Rio Madeira, em Rondônia), a hora que os sem-teto voltarem a lutar, a imprensa vai chamá-los de vândalos. Ninguém foi a Jirau pesquisar como os operários estavam vivendo. Mas quando colocaram fogo, a primeira coisa que fizeram foi chamá-los de vândalos. É um caso exemplar de como a imprensa criminaliza e tenta derrotar ideologicamente qualquer luta social. O movimento é contra qualquer tipo de violência, sobretudo, contra pessoas. Mas na mobilização de massas sempre há fatores incontroláveis.

A Burguesia

"A burguesia brasileira é aquele 1%, com as 5 mil famílias que controlam 48% do PIB brasileiro e que são subordinadas ao capital internacional. São as 100 maiores empresas que tiveram lucro de R\$ 129 bilhões para dividir entre eles.

Perfil



João Pedro Stédile, 57 anos, nasceu em Lagoa Vermelha (RS). Passou a infância e a adolescência no Interior, com a família, que produzia uva, trigo e produtos de subsistência. Aos 17 anos, veio para Porto Alegre estudar. Cursou Economia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e formou-se em 1975. Estagiou e depois fez concurso para a Secretaria da Agricultura.

Atuou na Comissão Estadual de Planejamento Agrícola (Cepa), estimulando o cooperativismo e viajando por todo o Estado.

Ficou na Secretaria de Agricultura até 1984. Paralelamente, atuava junto aos sindicatos dos produtores de uva da região de Veranópolis, Bento Gonçalves e Caxias do Sul, a quem assessorava em um plano de cálculo do custo de produção. Sua militância foi influenciada pela Igreja, através Comissão Pastoral da Terra (CPT), onde atuou e através da qual se envolveu na questão da terra. Com a redemocratização, nos anos 1980, diversos grupos, em todo o Brasil, se reuniram e formaram em janeiro de 1984 o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que luta pela reforma agrária e do qual Stédile é considerado um dos fundadores – embora não goste disso – e integra até hoje a coordenação nacional. Ele está radicado em São Paulo.



"Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros."

Che Guevara

Ademar Bogo

Que diremos aos nossos filhos?

Quando acabar a comida,

Quando acabar o trabalho,

E a esperança de vida?

Que os governantes são bons?

Que os policiais são amigos do povo?

Que caixões de companheiros

assassinados

São a vontade do Criador?

Se assim fizermos
Um dia faltará
Comida.
Já não terá esperança.
Nem nossos filhos com vida.
que diremos então?
Que tudo é dos senhores?
Que somos todos irmãos?
E só morrem sonhadores?
Não!

Já não podemos calar.
Chega o tempo de vencer,
Chega o dia de lutar,
Sem morrer.
A única forma de vencer a morte
É enfrentá-la.
único jeito de vencer é lutar,
único modo de fazer justiça,
É continuar lutando.
Assim viveremos eternamente



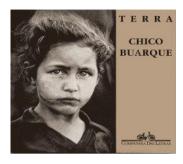
Discorre sobre a poesia social de Castro Alves no evento solene da Academia Teixeirense de Letras (ATL)





Aleida Guevara em visita ao MST

O MST NA MÚSICA







O MST lança disco com a participação de convidados LUIZ ANTÔNIO RYFF da Sucursal do Rio

Bem que o disco poderia se chamar "Música para Acampamento", mas o grupo Legião Urbana teve a ideia antes.

Depois de ocupar fazendas pelo interior do país, o MST lançou ontem o CD "Arte em Movimento".

O disco reúne 18 músicas compostas por integrantes do MST e cantadas em acampamentos, marchas e invasões.

Além das músicas, o disco também traz o hino do movimento e um poema lido pelo comentarista esportivo Juarez Soares.

A renda do álbum será revertida para o Movimento.

Artistas Conhecidos

Para interpretar as canções foram convidados alguns cantores conhecidos. Os compositores do MST também cantam as próprias músicas.

No disco, o cantor e compositor Chico César aparece em "Floriô", de Zé Pinto, Cyda Moreira interpreta "Manter a Esperança", de Ademar Bogo, e Vânia Bastos revela "Sonhar Não Cansa", também de Bogo.

Além deles, Beth Carvalho mostra "Ordem e Progresso", de Kapenga Ventura, e a cantora Lecy Brandão interpreta "Pra Soletrar a Liberdade", de Zé Pinto.

Identidade

Para João Pedro Stedile, um dos líderes do MST, essas músicas contribuem para dar identidade ao movimento.

As músicas são ideológicas ou tratam de temas que fazem parte do cotidiano dos sem-terra. Como, por exemplo, "Companheiros de Guevara", "Pra Soletrar a Liberdade", "América Livre" e "Assim Ninguém Chora Mais", de Zé Pinto.

"Seguimos ocupando a terra/ Derrubando cercas, conquistando o chão/ Que chore o latifúndio/ Pra sorrir os filhos de quem colhe o pão/ E a luta por reforma agrária a gente até para/ Se tiver, enfim/ Coragem a burguesia agrária de ensinar seus filhos a comer capim", diz o final da letra desta canção

Com capa do fotógrafo Sebastião Salgado, o CD, foi lançado no teatro João Caetano, no Rio, com a presença de líderes do MST, como Stedile. O show também serve de pretexto para a entrega do prêmio "Luta pela Terra 97" aos cantores Milton Nascimento e Chico Buarque, por causa do livro "Terra".

O livro, que teve renda revertida para o movimento, é sobre o MST, tem fotos de Salgado e um CD, que vem como brinde, com quatro músicas de Chico e Milton.

Deus. De fato, a música, a dança, a



Esta publicação tem como objetivo ajudar em todos os tipos de encontros do CEBI e das comunidades ou grupos que se reportam à Bíblia: círculos bíblicos, reuniões, cursos, seminários, celebrações, assembleias. Pretende contribuir para a leitura, interpretação, celebração e vivência da palavra de

poesia e o canto nos ajudam a criar um ambiente de contato com nosso Criador, através do Espírito que é a fonte de toda criatividade e que nos fala através da vida e da Bíblia. Além de centenas de cantos, contém sugestões de como rezar um texto (leitura orante) e uma seleção de orações bonitas e poemas de nossos povos.

Cantar

O MST hoje, ontem, amanhã, sempre

Eric Nepomuceno, jornalista e escritor.



O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) não nasceu do nada. Nasceu da luta histórica do povo brasileiro!

Nasceu de episódios importantes, muitas vezes esquecidos por este país sem memória. Mas certamente foi e é não só o movimento mais longevo como também o que mais conquistas importantes alcançou em termos concretos, e continua alcançando.

Vamos falar somente dos últimos 60 anos, apesar de que a questão agrária e o problema da propriedade da terra no Brasil são problemas de séculos.

Leonel Brizola

Para começar, devemos recordar que não se pode falar de luta pela reforma agrária no Brasil sem citar Leonel Brizola.

Em 1961, quando era governador do Rio Grande do Sul, Brizola deu início ao Movimento dos Agricultores Sem Terra, que foi o primeiro passo



O que a mídia não divulga

concreto que se deu no Brasil para implantar uma sempre esperada reforma agrária.

Brizola vinha do campo, conhecia a violência do campo, a miséria e as aberrantes desigualdades do meio rural brasileiro. E isso num estado considerado rico em comparação aos demais. Se casou com Neuza Goulart, irmã de Jango Goulart, uma família de grandes proprietários rurais. Para que seu apoio à reforma agrária fosse comprovável, ele doou 45% das terras que sua mulher havia herdado.

Foi, claro, um gesto destinado a causar impacto na opinião pública. Mas também foi o primeiro passo da primeira tentativa de reforma agrária no Brasil.

Durante seu governo no Rio Grande do Sul foram entregues 13 mil novos títulos aos trabalhadores rurais sem terra. Talvez fosse pouco, mas foi a primeira e exemplar iniciativa.

As Ligas Camponesas

Houve outro episódio que não podemos ignorar nessa retrospectiva: o surgimento das Ligas Camponesas, uma espécie de associação criada primeiro na Paraíba, que depois de estendeu por Pernambuco – onde teve seu principal foco – e também por Goiás e Rio de Janeiro.

Entre 1955 e 1964, as Ligas Camponesas tiveram uma atuação intensa no Brasil. No movimento gaúcho impulsado por Brizola havia dois líderes: João Sem Terra e Jair Calixto, que tinham renome regional. Já as Ligas Camponesas produziram dirigentes com transcendência nacional, como Gregório Bezerra e, depois, Francisco Julião.

Conheci Julião – que para a minha geração era um nome mítico – em Lisboa, em 1979. Conversamos muito naquela primeira vez, e muitas vezes mais quando me mudei da Espanha ao México, onde vivia em condição de exiliado. Anos mais tarde, no Brasil, quando voltou anistiado, após décadas de exilio, ele passou a repetir um bordão: *enquanto não houver uma verdadeira e profunda reforma agrária, o Brasil não existirá*!

Dizia aquilo com a suavidade de um profeta cordial e a convicção dos que têm uma fé insuperável e inquebrantável.

O MST Hoje

Pois bem, o MST soube se apoderar dessa herança essencial e avançar, avançar muito. Hoje, é um dos movimentos sociais mais ativos e significativos não só do Brasil e da América Latina como de todo o mundo. Sua raiz está onde deveria estar: nos sem-terra, nos que reivindicam terras para plantar, para produzir. Para viver. Para ser o que deveriam ser desde sempre, desde suas raízes mais ancestrais, se o Brasil não fosse um país de desigualdades e injustiças aberrantes.

Ao longo de sua história, o MST estabeleceu novos parâmetros para a luta pela terra, pela reforma agrária, todos eles olimpicamente ignorados pelos grandes meios monopólicos de comunicação e, muitas vezes, pelos governos sempre confabulados com os latifundiários.

Escola Florestan Fernandez



O MST criou cooperativas inovadoras no sistema de plantação agroecológica e a única cooperativa da América Latina que produz sementes de hortaliças agroecológicas. Por isso é o maior produtor latino-americano de arroz orgânico. Existe uma fenomenal escola — me refiro à Florestan Fernandes, criada a partir das doações de Sebastião Salgado, José Saramago e Chico Buarque —, que era uma escola nacional e agora é latino-americana e internacional, pela qual passam estudantes de todo o mundo. A mesma que a polícia dos golpistas quis invadir em novembro de 2016. Um dos motivos de orgulho do MST é o de usar um método inovador na alfabetização de adultos, que agora está ajudando o governo do

O que a mídia não divulga

Maranhão a combater o analfabetismo. Existe um sem fim de exemplos notáveis e de iniciativas que comprovam a viabilidade das ações positivas, mas tudo isso é ocultado da opinião pública por parte de uma imprensa concentrada, que tenta defender a qualquer preço o mesmo panorama injusto, imoral e injustificável que o Brasil conhece desde sempre. Assim estão as coisas.

Entretanto, o MST vai muito além dos atos de ocupação e reivindicação de terras e da exigência, com justiça, de uma reforma agrária que pelo menos tente diminuir os absurdos da propriedade rural no Brasil.

Estive em ocupações, conheci terras conquistadas com o amparo da lei, vi o sonho ser alcançado por aqueles que são os abandonados de sempre.

Projeto de Vida

Não, o MST não é só um grupelho de alucinados que invade terras alheias. Isso é o que dizem os grandes meios de comunicação, os jornais, as revistas, as redes nacionais de televisão e rádio.

O MST, além de devolver a dignidade aos pobres da terra, desenvolve de verdade uma espécie de projeto de vida, de nação. Muitas de suas cooperativas, vale a pena reiterar, poderiam servir de modelo de transformação da estrutura atual de produção rural. E, claro, da convivência em sociedade.

A estas alturas da vida me considero um senhor minimamente respeitável: nasci em 1968. Venho de uma geração que se atirou em busca de todos os seus sonhos, e que em determinados momentos sentiu que podia tocar o céu com as mãos — e que em outros pensou que havia conseguido ao menos roçar esse céu.

Entendo que o Brasil, este país que a loteria da vida escolheu para ser o meu país, é um território imenso e cheio de dores espalhadas, e que jamais chegará sequer a começar a ser o que pode e deveria ser enquanto a questão da terra continue como está.

É inadmissível para mim ver que tão poucos mantenham tamanha quantidade de terras intocadas em suas mãos. Incompreensível.

Esta é a primeira injustiça, a mais injusta de todas, o berço de todas as demais.

O que a mídia não divulga

Não sei, de verdade, se na questão da terra está a raiz de todos os nossos males. Mas sei, de verdade, que uma das raízes pelo menos está. Talvez a mais profunda de todas. Quem sabe. Neste ponto, vejo que a principal ação para enfrentar o problema, a mais profunda, é a do MST.

Não nas ocupações – a imensa maioria delas justificada –, não nos gestos mais espetaculares, e sim em sua ação cotidiana, na formação, na conscientização, em semear um país possível, aquele mundo que, nas palavras de Eduardo Galeano, possa ser a casa de todos, e não a casa de alguns poucos, os beneficiados de sempre, em detrimento da imensa maioria dos abandonados, os esquecidos de sempre.

"Ocupar, resistir e produzir": Um novo modelo de vida nasce.

O MST! ESTA LUTA É PRA VALER.



A ENCICLOPEDIA WILKIPEDIA DISCUTE A REFORMA AGRARIA

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento de ativismo político e social brasileiro. De inspiração marxista, teve origem na oposição ao modelo de reforma agrária imposto pelo regime militar, principalmente nos anos de 1970, que priorizava a colonização de terras devolutas em regiões remotas, com objetivo de exportação de excedentes populacionais e integração estratégica. Contrariamente a este modelo, o MST busca fundamentalmente a redistribuição das terras improdutivas.

O MST teve origem na década de 1980, defendendo que a expansão da fronteira agrícola, os megaprojetos — dos quais as barragens são o exemplo típico — e a mecanização da agricultura contribuíram para eliminar as pequenas e médias unidades de produção agrícola e concentrar a propriedade da terra. Paralelamente, o modelo de reforma agrária adotado pelo regime militar priorizava "colonização" de terras а devolutas em regiões remotas, tais como as áreas ao longo da rodovia Transamazônica. objetivo com de "exportar excedentes populacionais" e favorecer a integração do território, considerada estratégica. Esse modelo de colonização revelou-se, no entender do movimento, inadequado e eventualmente catastrófico para centenas de famílias, que acabaram abandonadas, isoladas em um ambiente inóspito, condenadas a cultivar terras que se revelaram impróprias ao uso agrícola.

Nessa época, intensificou-se o êxodo rural — abandono do campo por seus habitantes —, com a migração de mais de 30 milhões de camponeses para as cidades, atraídos pelo desenvolvimento urbano e industrial, durante o chamado "milagre brasileiro". Grande parte deles ficou desempregada ou subempregada, sobretudo no início dos anos 1980, quando a economia brasileira entrou em crise. Alguns tentaram resistir na cidade e outros se mobilizaram para voltar à terra. Desta tensão, movimentos locais e regionais se desenvolveram na luta pela terra. Em 1984, apoiados pela Comissão Pastoral da Terra, representantes dos movimentos sociais, sindicatos de trabalhadores rurais e outras organizações reuniram-se em Cascavel, Paraná, no 1º Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, para fundar o MST.

Apesar de os movimentos organizados pela reforma agrária no Brasil serem relativamente recentes, remontando apenas às ligas camponesas — associações de agricultores que existiam durante as décadas de 1950 e 1960 — o MST entende-se como herdeiro ideológico de todos os movimentos de base social camponesa ocorridos desde que os portugueses entraram no Brasil, quando a terra foi dividida em sesmarias por favor real, de acordo com o direito feudal português, o que excluiu em princípio grande parte da população do acesso direto à terra. Contrariamente a esse modelo concentrador da propriedade fundiária, o MST declara buscar a redistribuição das terras. Desde o início do movimento em 1985 foram assassinados 1722 militantes, segundo a Comissão Pastoral da Terra.

O MST se organiza em 25 estados brasileiros. Sua estrutura organizacional se baseia em uma verticalidade iniciada nos núcleos (compostos por 500 famílias) e seguindo pelas brigadas (grupo de até 500 famílias), direção regional, direção estadual e direção nacional. Paralelo a esta estrutura existe outra, a dos setores e coletivos, que buscam trabalhar cada uma das frentes necessárias para a reforma agrária verdadeira. São setores do MST: Saúde, Direitos Humanos, Gênero, Educação, Cultura, Comunicação, Formação, Projetos e Finanças, Produção, Cooperação e Meio Ambiente e Frente de Massa. São coletivos do MST: juventude e relações internacionais. Esses setores desenvolvem alternativas às

políticas governamentais convencionais, buscando sempre a perspectiva camponesa.

A organização não tem registro legal por ser um movimento social e, portanto, não é obrigada a prestar contas a nenhum órgão de governo, como qualquer movimento social ou associação de moradores. Entretanto, há o questionamento de boa parte da opinião pública brasileira de que se o MST é um movimento social e não tem personalidade jurídica, não poderia receber recursos públicos, sejam eles diretos ou indiretos, como se tem provado nos últimos anos.

A maior instância da organização é o Congresso Nacional, que acontece a cada cinco anos. No entanto, este congresso é apenas para ratificação das diretivas - não é um momento de decisões. Os coordenadores e os dirigentes nacionais, por exemplo, são escolhidos no Encontro Nacional, que acontece a cada dois anos. A Coordenação Nacional é a instância operacional máxima da organização, contando com cerca de 120 membros. Embora um dos principais dirigentes públicos do movimento seja João Pedro Stédile, a organização prefere não rotular alguém com o título de principal dirigente, evitando o personalismo. O MST adota o princípio da direção colegiada, onde todos os dirigentes têm o mesmo nível de responsabilidade.

O movimento recebe apoio de organizações não governamentais e religiosas, do país e do exterior, interessadas em estimular a reforma agrária e a distribuição de renda em países em desenvolvimento. Sua principal fonte de financiamento é a própria base de camponeses já assentados, que contribuem para a continuidade do movimento.

O MST se articula junto a uma organização internacional de camponeses chamada Via Campesina, da qual também faz parte o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e agricultores da Europa, África, Ásia e América. A Via Campesina tem como objetivo organizar os camponeses em todo o mundo. Ele também está vinculado com outras campanhas nacionais e internacionais, como a Via Campesina Brasil, que reúne alguns dos movimentos sociais brasileiros do campo, e a contra a ALCA.



Manifestações Públicas e Ocupação de Terras

Em 2002, o MST ocupou uma das fazendas do então-presidente Fernando Henrique Cardoso, no estado de Minas Gerais, em um movimento que foi publicamente condenado por Lula, então opositor ao governo. Os danos incluíram a destruição de um trator de colheita e de mobiliário da fazenda. Além disso, todo o estoque da adega foi furtado. 16 líderes do MST foram julgados por violação de domicílio, furto e cárcere privado.

Em julho de 2003, o recentemente empossado Presidente Lula declarou, a propósito das ações do MST, que "se os objetivos são justos, os métodos usados estão equivocados e há uma radicalização desnecessária". Em 17 de junho de 2005, após uma discussão sobre o que o Presidente considerava uma "radicalização desnecessária", o MST fez a sua Marcha Nacional pela Reforma Agrária, em direção a Brasília.

O que a mídia não divulga

Em 2007, entre 11 e 15 de junho, o Movimento realizou, também na capital federal, o seu 5º Congresso Nacional.

Em abril de 2006, o MST ocupou uma fazenda da Suzano Papel e Celulose, no estado da Bahia, devido a fazenda ter seis quilômetros quadrados de plantações de eucaliptos, que é também um tipo de árvore não nativa e sua espécie havia sido culpada por desabilitar as terras em que são plantadas, quando em pequena escala. Em 2011, a revista Veja descreveu que atividades como roubo de madeira de eucaliptos, deu informação de uma fonte militar de que 3.000 pessoas ganhavam a vida no sul da Bahia por esse tipo de práticas.

Em outubro de 2011, jovens do MST ocuparam a Secretaria de Educação do Estado de Bahia, ficando na área do prédio da Incra, para reivindicar melhorias na educação. Como resultado dessa ocupação, uma escola de ensino médio, Colégio Estadual do Campo Lúcia Rocha Macedo, foi instalada no Assentamento Caldeirão, município de Vitória da Conquista. No Assentamento Lagoa e Caldeirão, vinculado à escola, foi instalado um projeto de informática do GESAC, com recursos do governo federal. Depois dessas mudanças positivas, o prefeito de Vitória da Conquista, Guilherme Menezes, foi reeleito com o apoio do poder do MST no município. Em 2012, Guilherme Menezes, trabalhando com recursos do INCRA, iniciou um projeto para trazer água para os assentamentos Caldeirão, Cipó, Mutum, Baixão e Arizona.

Ocupação de Terras Griladas

O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, também condenou os atos de vandalismo ocorridos na fazenda da Cutrale. Em 2009 integrantes do MST ocuparam a fazenda de uma transnacional em Santo Henrique, em Borebi. próximo a laras, interior de São Paulo. arilada pela Cutrale. Derrubaram mais de 7.000 laranjeiras. A mídia noticiou a destruição de 28 tratores, a sabotagem do sistema de irrigação e a depredação da sede da fazenda, o que, entretanto, não foi provado. A justiça brasileira, sem tomar conhecimento de que aquelas terras pertenciam à União, ordenou a pronta desocupação do terreno, e entidades como o INCRA apressaram-se em condenar o ocorrido; a ação

O que a mídia não divulga

foi amplamente criticada pela mídia. O presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de São Paulo disse que "a sociedade paulista deve ficar ainda mais atenta aos desdobramentos dessas ações, porque elas comprometem a própria existência da democracia".

Relações Com os Poderes Públicos

Em 2009 o então presidente do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, criticou os repasses de recursos orçamentários que venham a beneficiar o MST, dizendo ser ilegal o financiamento público de movimentos sociais que promovam a ocupação de terras. Segundo o Tribunal de Contas da União, 7,3 milhões de reais do orçamento da educação destinados à Anca (Associação Nacional de Cooperação Agrícola) em 2003 e 2004 foram distribuídos a secretarias regionais do MST em 23 estados. Os advogados da Associação seguem questionando essa decisão na Justiça Federal. Uma CPMI foi instaurada em 2009 para investigar a realização de repasses de recursos públicos a entidades supostamente ligadas ao MST. A conclusão do relatório da CPMI é que não foram constatados desvios de verba pública pelas entidades investigadas. Representantes do movimento social sugeriram a ampla investigação também de entidades ruralistas como a OCB, CNA e a SRB - bem como dos recursos públicos repassados a entidades como o SENAR e SESCOOP, que estariam sendo utilizados para finalidades diversas da autorizada pelas leis nacionais.

Relacionamento com o Incra

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) analisa se as terras ocupadas são ou não produtivas. Se forem improdutivas os semterra podem ser assentados, ou seja, recebem a posse das terras; no caso de a propriedade rural ser produtiva, é expedida uma ordem judicial de reintegração de posse. Na maioria dos casos, os camponeses se retiram sem maiores problemas. Porém, muitas vezes o grupo se recusa a cumprir o mandado judicial de reintegração de posse, sendo desta forma desalojado através de força policial.

O que a mídia não divulga

A produtividade das terras é medida pelo Incra através do Índice de Produtividade Rural de 1980, baseado nas informações do Censo Agropecuário de 1975. Segundo o Artigo 11 da Lei Federal 8.629, de 1993, "os parâmetros, índices e indicadores que informam o conceito de produtividade serão ajustados, periodicamente, de modo a levar em conta o progresso científico e tecnológico da agricultura e o desenvolvimento regional". Os simpatizantes da Reforma Agrária defendem a atualização do Índice de Produtividade Rural, porém enfrentam grande resistência de parlamentares da bancada ruralista.

Resultados Obtidos

A mais conhecida forma de atuação do Movimento, segundo ele próprio, são as ocupações de terra. Áreas, públicas ou privadas, *que não estejam cumprindo com sua função social*, são reivindicadas para fins de reforma agrária. Outras formas de luta seriam marchas, atos políticos, ocupações de prédios públicos, trancamento de rodovias, entre outros.

O MST procura organizar as famílias assentadas em formas de cooperação produtiva em vista de melhorar sua condição de vida. Entre centenas de exemplos que deram certo no Paraná (entre outras a COPAVI DE PARANACITY) Santa Catarina, no Sul do Brasil, destaca-se a COOPEROESTE, Cooperativa Regional de Comercialização do Extremo

Oeste LTDA, sediada em Santa Catarina. Há também o exemplo bem sucedido da Coapar, em Andradina, no interior de São Paulo. Embora com razão social de regime empresa no de sociedade limitada. funciona como um condomínio verdadeiro Α criação produtivo.



de cooperativas é estimulada, embora as famílias que hoje estão assentadas não sejam obrigadas a trabalhar em cooperativas.

Escola Nacional Florestan Fernandes

O MST mantém também a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), sediada em Guararema, a 60 quilômetros de São Paulo, e construída por assentados, em regime de mutirão, usando materiais de construção obtidos *in situ* - tijolos de solo cimento, fabricados na



própria escola. Além de serem mais resistentes, fáceis de assentar e dispensarem reboco, esses tijolos requerem menor uso de energia (são levados para secar ao ar livre) e de outros materiais, como ferro, aço e cimento, gerando uma economia de 30% a 50% em relação a uma edificação tradicional. Organizados em brigadas, os assentados ficavam cerca de 60 dias trabalhando na construção da escola e, nesse período, passavam por cursos de alfabetização e supletivos. Em seguida, retornavam aos seus Estados, dando lugar a uma nova brigada. As obras da ENFF foram iniciadas em 2000. Atualmente a escola ministra cursos em vários níveis, desde a alfabetização até cursos de administração cooperativista, pedagogia da terra, saúde comunitária, planejamento agrícola, técnicas agroindustriais. Os professores da escola geralmente provêm de universidades e escolas técnicas conveniadas. Há também voluntários.

Educação do MST

A educação passa a ser uma questão para o MST antes mesmo da formação oficial do movimento, em 1984. Com o surgimento de acampamentos no Rio Grande do Sul no fim da década de 1970, especificamente com o acampamento Encruzilhada Natalino, mães passam a se mobilizar em relação à educação dos filhos e a se organizar em relação ao que fazer com as crianças acampadas e excluídas da escolarização formal, pensando em atividades educativas que

O que a mídia não divulga

trabalhassem a situação de luta pela terra vivenciada. Entre os acampados havia a Professora Maria Salete Campigotto, que foi a primeira professora de um assentamento do país. Primeiramente, a mobilização passa a reivindicar o direito a escolas oficiais em acampamentos e assentamentos do MST. Posteriormente, essas discussões envolveram o tipo de educação que seria ofertada às crianças Sem Terra, o que fez com que o movimento criasse um Setor de Educação em 1988 e, por meio de suas experiências, reivindicasse também a direção política e pedagógica das escolas, desenvolvendo uma pedagogia própria, a Pedagogia do MST, coerente com a construção de uma educação de acordo com os princípios do movimento.

Em 1984 foi legalizada a primeira escola de assentamento do MST, localizada no Assentamento Nova Ronda Alta, e que teve sua construção autorizada e iniciada em 1982, e em 1986 é oficializada a primeira escola do MST em um acampamento, localizado na Fazenda Anoni, que contava com aproximadamente mil crianças acampadas, que começa a funcionar debaixo de uma lona preta em três turnos, atendendo 600 alunos do primeiro segmento do ensino fundamental.

Com as demandas e especificidades dos acampamentos, foram instituídas as Escolas Itinerantes, aquelas que podem se deslocar juntamente com os acampamentos, garantindo a escolarização dos sujeitos acampados.

Em 1997, ocorreu em Luziânia (GO) o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), considerado um marco na construção de uma proposta de educação que atendesse as demandas dos camponeses Sem Terra. Nesse encontro, além dos educadores e educadoras do MST discutirem os princípios da educação do MST, criaram as bases para o I Congresso Nacional Por uma Educação Básica do Campo.

No I Congresso Nacional Por uma Educação Básica do Campo, que ocorreu em 1998 na cidade de Luziânia (GO) e foi organizado pela CNBB, UNB, MST, UNESCO e UNICEF, houve a construção da proposta de Educação do Campo em contraposição à educação rural. Nessa perspectiva, o conceito de educação rural representa o histórico modelo de educação ofertado para as áreas rurais, já o conceito de Educação do Campo é uma construção dos próprios movimentos sociais do campo, de

O que a mídia não divulga

um modelo de educação que correspondesse às necessidades e aos interesses dos povos do campo, valorizando suas histórias, saberes e culturas.

No ano de 2002 aconteceu o II Congresso Nacional Por uma Educação Básica do Campo, no qual foram discutidos os progressos e demandas para a construção de uma Educação do Campo, tendo destaque a mobilização para que a Educação do Campo se tornasse uma política pública.

Em setembro de 2015, ocorreu o *II Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária, em Luziânia (GO),* com o objetivo de discutir as atuais questões que envolvem a educação pública brasileira, entre elas o avanço da mercantilização da educação e do processo de fechamento de escolas rurais.

Em 2005 o MST possuía aproximadamente 1500 escolas de assentamento e acampamento (itinerantes), contando, de acordo com dados de 2002, com 160 mil alunos e 4 mil professores. Possui também um centro de formação e educação, denominado de Escola Nacional Florestan Fernandes, localizado em Guararema, região metropolitana de São Paulo.

Críticas

Muitos são os críticos do MST que consideram que estes assentamentos, dependentes de financiamento governamental, no que seria uma tentativa de preservar artificialmente uma agricultura de minifúndios em regime de produção familiar, economicamente inviável diante das pressões competitivas da globalização. que exigiriam 0 desenvolvimento do agronegócio. Em resposta, o MST aponta para o fato de que o agronegócio também tem dependido de condições artificialmente favorecidas - fortes subsídios e créditos governamentais - para produzir frequentemente em condições ambientalmente insustentáveis, ecologicamente danosas e socialmente excludentes. Em contrapartida, o movimento ressalta os ganhos políticos e sociais decorrentes da inserção produtiva de seus assentados.

Apesar de várias iniciativas bem sucedidas em âmbito nacional no estabelecimento e organização de assentamentos produtivos, o MST

O que a mídia não divulga

também sofre eventualmente problemas típicos dos movimentos políticos do No São Brasil. assentamento Bento (em Mirante Paranapanema, São Paulo). lotes entregues aos sem-terra foram vendidos, o que é proibido por lei. As acusações levantaram a suspeita de que Ivan Carlos Bueno (ex-técnico do Incra e membro da direção regional do MST), recebera um lote ilicitamente, sem se encaixar nos padrões socioeconômicos estabelecidos para receber o lote.

Nacional Florestan Fernandes. assim como empreendimentos educacionais do MST, tem sido apontada por parte da imprensa como um foco de doutrinação da esquerda revolucionária. Em matéria publicada em 2005 intitulada Madraçais do MST, a revista Veja, ferrenha crítica do movimento, comparou as escolas dos assentamentos Sul às madraçais (ou do Rio Grande do madracas). religiosas islâmicas, muito abundantes no Paquistão, que educam seus alunos através do estudo do Alcorão interpretado em termos fundamentalistas.

Prêmios e Homenagens

Noam Chomsky, um dos mais importantes intelectuais ativistas da atualidade, discursou, em inúmeras ocasiões, em favor ao MST. Segundo Chomsky, existe uma clara ligação entre o surgimento de favelas e a desigualdade na distribuição da terra no campo. O pensador ainda afirmou que o "MST é o movimento popular mais importante e estimulante do mundo!" durante o seu discurso no Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre em fevereiro de 2003.

Sebastião Salgado, fotógrafo brasileiro reconhecido internacionalmente pela sua arte e pela sua identificação com causas sociais relevantes, organizou em 1997 uma exposição intitulada "Terra" em homenagem à luta do MST. O livro com as fotos da exposição inclui quatro cds de Chico Buarque de Hollanda. O prefácio do livro é de autoria do prémio Nobel, José Saramago. O livro é dedicado aos milhares de famílias sem terra no Brasil, cuja situação Salgado documentou em 1996. A exposição tomou lugar em 40 países, e 100 cidades brasileiras. A exposição constituiu também o marco inicial das atividades, na Universidade de Nottingham, do

presente projeto e website, As Imagens e as Vozes da Despossessão, juntamente com o evento Landless Voices, realizado em setembro de 2001 na Universidade de Nottingham. Em dezembro de 2002, como parte das atividades comemorativas da conclusão do projeto, a Universidade de Évora, em Portugal, conferiu a Sebastião Salgado o título de Doutor Honoris Causa.



A controversa sobre a ocupacao da Fazenda Cutrale

Nota da Direcao Nacional

A Direção Nacional do MST, em nota publicada, na epoca, admitiu a ocupação de fazendas que, segundo afirma, têm origem na grilagem de terras públicas, tais

como as da Cutrale - empresa que controla 30% da produção mundial de suco de laranja. Desde 2006, a Justiça analisa os títulos de propriedade da Cutrale, visando verificar se as terras são realmente públicas, como sustenta o MST. A nota afirma, ainda, que "não houve depredação nem furto por parte das famílias que ocuparam a fazenda da Cutrale", e que tais "desvios de conduta em ocupações, que não representam a linha do movimento" têm acontecido por infiltração de elementos estranhos ao MST, adversários da reforma agrária. A Polícia Civil abriu inquérito. Segundo o delegado Jader Biazon, seriam apurados os crimes de formação de bando ou quadrilha, esbulho possessório, dano e furto qualificado.

Esclarecimentos do MST - Por Isaac Ribeiro

Diante dos últimos episódios que envolvem o MST e vêm repercutindo na mídia, a direção nacional do MST vem a público se pronunciar.

1. A nossa luta é pela democratização da propriedade da terra, cada vez mais concentrada em nosso país. O resultado do Censo de 2006, divulgado na semana passada, revelou que o Brasil é o país com a maior

O que a mídia não divulga

concentração da propriedade da terra do mundo. Menos de 15 mil latifundiários detêm fazendas acima de 2,5 mil hectares e possuem 98 milhões de hectares. Cerca de 1% de todos os proprietários controla 46% das terras.

- 2. Há uma lei de Reforma Agrária para corrigir essa distorção histórica. No entanto, as leis a favor do povo somente funcionam com pressão popular. Fazemos pressão por meio da ocupação de latifúndios improdutivos e grandes propriedades, que não cumprem a função social, como determina a Constituição de 1988, que estabelece que devem ser desapropriadas propriedades que estão abaixo da produtividade, não respeitam o ambiente, não respeitam os direitos trabalhistas e são usadas para contrabando ou cultivo de drogas.
- 3. Também ocupamos as fazendas que têm origem na grilagem de terras públicas, como acontece, por exemplo, no Pontal do Paranapanema e em laras (empresa Cutrale), no Pará (Banco Opportunity) e no sul da Bahia (Veracel/Stora Enso). São áreas que pertencem à União e estão indevidamente apropriadas por grandes empresas, enquanto se alega que há falta de terras para assentar trabalhadores rurais sem terras.
- 4. Os inimigos da Reforma Agrária querem transformar os episódios que aconteceram na fazenda grilada pela Cutrale para criminalizar o MST, os movimentos sociais, impedir a Reforma Agrária e proteger os interesses do agronegócio e dos que controlam a terra.
- 5. Somos contra a violência. Sabemos que a violência é a arma utilizada sempre pelos opressores para manter seus privilégios. E, principalmente, temos o maior respeito às famílias dos trabalhadores das grandes fazendas quando fazemos as ocupações. Os trabalhadores rurais são vítimas da violência. Nos últimos anos, já foram assassinados mais de 1,6 mil companheiros e companheiras, e apenas 80 assassinos e mandantes chegaram aos tribunais. São raros aqueles que tiveram alguma punição, reinando a impunidade, como no caso do Massacre de Eldorado de Carajás.

- 6. As famílias acampadas recorreram à ação na Cutrale como última alternativa para chamar a atenção da sociedade para o absurdo fato de que umas das maiores empresas da agricultura que controla 30% de todo suco de laranja no mundo se dedique a grilar terras. Já havíamos ocupado a área diversas vezes nos últimos 10 anos, e a população não tinha conhecimento desse crime cometido pela Cutrale.
- 7. Nós lamentamos muito quando acontecem desvios de conduta em ocupações, que não representam a linha do movimento. Em geral, eles têm acontecido por causa da infiltração dos inimigos da Reforma Agrária, seja dos latifundiários ou da polícia.
- 8. Os companheiros e companheiras do MST de São Paulo reafirmam que não houve depredação nem furto por parte das famílias que ocuparam a fazenda da Cutrale. Quando as famílias saíram da fazenda, não havia ambiente de depredações, como foi apresentado na mídia. Representantes das famílias que fizeram a ocupação foram impedidos de acompanhar a entrada dos funcionários da fazenda e da PM, após a saída da área. O que aconteceu desde a saída das famílias e a entrada da imprensa na fazenda deve ser investigado.
- 9. Há uma clara articulação entre os latifundiários, setores conservadores do Poder Judiciário, serviços de inteligência, parlamentares ruralistas e setores reacionários da imprensa brasileira para atacar o MST e a Reforma Agrária. Não admitem o direito dos pobres se organizarem e lutarem.Em períodos eleitorais, essas articulações ganham mais força política, como parte das táticas da direita para impedir as ações do governo a favor da Reforma Agrária e "enquadrar" as candidaturas dentro dos seus interesses de classe.
- 10. O MST luta há mais de 25 anos pela implantação de uma Reforma Agrária popular e verdadeira. Obtivemos muitas vitórias: mais de 500 mil famílias de trabalhadores pobres do campo foram assentados. Estamos

O que a mídia não divulga

acostumados a enfrentar as manipulações dos latifundiários e de seus representantes na imprensa.

À sociedade, pedimos que não nos julgue pela versão apresentada pela mídia. No Brasil, há um histórico de ruptura com a verdade e com a ética pela grande mídia, para manipular os fatos, prejudicar os trabalhadores e suas lutas e defender os interesses dos poderosos.

Apesar de todas as dificuldades, de nossos erros e acertos e, principalmente, das artimanhas da burguesia, a sociedade brasileira sabe que sem a Reforma Agrária será impossível corrigir as injustiças sociais e as desigualdades no campo. De nossa parte, temos o compromisso de seguir organizando os pobres do campo e fazendo mobilizações e lutas pela realização dos direitos do povo à terra, educação e dignidade.



São Paulo, 9 de outubro de 2009 Comentário de Rodrigo Vizeu - da Agência Folha

O superintendente do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em São Paulo, Raimundo Pires Silva, disse ontem que estão irregularmente em terras da União todos os proprietários e empresas com fazendas no antigo Núcleo de Colonização Monções.

A área, de 50 mil hectares, fica no centro-oeste do Estado, entre os municípios de Iaras, Borebi, Agudos, Lençóis Paulistas e Águas de Santa Bárbara.

Ali está a fazenda de 2.400 hectares da Cutrale invadida pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) na semana passada. Os sem-terra ficaram no local por dez dias, derrubaram pés de laranja e depredaram tratores, caminhões e imóveis da sede.

Segundo Silva, a região onde fica a fazenda foi comprada pela União em 1909 para instalar colonos. O projeto não vingou, e as áreas ficaram desocupadas, levando a um processo de ocupação irregular. O superintendente diz que o Incra, em 2003, foi condenado pela Justiça a implantar assentamentos no local. A partir daí foi feito um levantamento para identificar o histórico das terras. Os atuais ocupantes foram informados sobre a titularidade irregular.

"É um patrimônio público, pertence ao povo", disse Silva. Segundo ele, não foram verificados casos de falsificação de documentos e grilagem: as ocupações foram feitas de "boa-fé".

O Incra afirma que tentou acordo com as empresas. A Lwarcel Celulose reconheceu que sua terra era da União, propôs ficar ali e, em troca, deu ao órgão uma área em outra região. As empresas que chegaram a acordos são as únicas regularizadas, juntamente com descendentes dos antigos colonos do núcleo, segundo o Incra.

Na Justiça, há 50 processos questionando a posse das terras -entre eles o da Cutrale. Uma decisão da Justiça Federal entendeu que o órgão não tinha direito de reclamar a terra da multinacional, mas ainda não julgou se a propriedade é mesmo pública. O Incra recorreu.

O diretor de relações institucionais da Cutrale, Carlos Otero, não quis polemizar: "Nosso foco agora é recuperar o que foi destruído." Ele descartou firmar um acordo com o Incra. Diz que a a Cutrale "é dona" da área e tem documentos.



"A melhor graça que Deus pode ti dar é de morrer ainda buscando a verdade" Karl Rabner



POLÍCIA MASSACRA EM ELDORADO DOS CARAJÁS

19 trabalhadores rurais sem-terra são assassinados pela polícia militar do Pará



Acampados na rodovia pa-150 depois de uma marcha de sete dias rumo a Belém, 1.500 trabalhadores sem terra são atacados pela polícia militar. Dezenove deles são brutalmente assassinados. O episódio teve enorme repercussão internacional e ficaria conhecido como o massacre de Eldorado dos Carajás, município do sudoeste do Pará onde aconteceu a matança.

Havia três meses que os agricultores ocupavam a fazenda macaxeira, em Curionópolis (PA), sob a liderança do movimento dos trabalhadores sem terra (MST). Diante da inoperância do instituto nacional de colonização e reforma agrária (INCRA), eles pretendiam chegar à capital paraense para cobrar a desapropriação do governo estadual. No acampamento à beira da rodovia, os sem-terra esperavam obter alimentos e transporte para vencerem os 600 quilômetros restantes da jornada.

O governador Almir Gabriel (PSDB), o secretário de segurança, Paulo Sette câmara, e o presidente do instituto de terras do Pará, Ronaldo Barata, articularam uma operação militar a pretexto de "desobstruir a rodovia".

Quase 300 policiais armados com escopetas, metralhadoras, fuzis e revólveres investiram contra os acampados, que resistiram usando paus e pedras. Após duas horas de enfrentamento, 19 sem-terra foram mortos e mais de 50 ficaram feridos. Dezenas de lavradores foram presos, espancados e humilhados. Nenhum policial morreu.

A perícia mostrou que pelo menos dez sem-terra foram executados com tiros à queima-roupa. Outros sete foram mortos por instrumentos cortantes, como foices e facões. Foram encontradas nos corpos enormes perfurações a bala e manchas de pólvora. As vítimas tiveram membros mutilados e crânios esmagados. Mesmo quem tentou se proteger, foi atacado: Oziel Alves pereira, de 17 anos, depois de se refugiar em uma casa, foi caçado, baleado, algemado e arrastado pelos cabelos até o ônibus da PM. Seu corpo apareceu depois no instituto médico legal.

A ação policial foi filmada pela tv liberal. Um dia após o massacre, as imagens foram divulgadas por veículos nacionais e estrangeiros. O governador responsabilizou o coronel Mario Colares Pantoja, comandante da operação, pela truculência da ação e prometeu pensão vitalícia às famílias das vítimas, além da desapropriação da fazenda macaxeira.

A intensa repercussão nacional e internacional abriu uma crise no governo federal. O ministro da agricultura, Andrade Vieira, pediu demissão e foi substituído pelo senador Arlindo Porto. Uma semana depois do massacre, o presidente Fernando Henrique Cardoso recriou o ministério da reforma agrária, nomeando para o cargo o militante do PPS Raul Jungmann.

No inquérito que apurou as responsabilidades pelo episódio, o gerente da fazenda macaxeira denunciou que fazendeiros da região haviam ordenado o massacre. Acampados também informaram que o coronel Pantoja esteve na fazenda dias antes do confronto. Empregados da macaxeira foram vistos junto aos policiais fardados. Entretanto, nenhum fazendeiro foi indiciado. Em maio de 2012, Pantoja e o major José Maria Pereira de Oliveira seriam condenados — o primeiro a 228 anos e o segundo a 158 anos de reclusão.

OCUPAÇÃO DO MST NO PARANÁ GANHA PRÊMIO POR RECUPERAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA

Prêmio Juliana Santilli reconhece prática que alia produção de alimentos e preservação ambiental - Júlia Rohden - Brasil de Fato



Acampamento ocupa parte da APA de Guaraqueçaba e desde 2003 concilia a produção de alimentos livres de agrotóxicos / Júlia Rohden

"Mato para nós não é problema, é solução" brinca o agricultor Jonas Souza. Ele integra uma das 20 famílias do acampamento José Lutzenberger, no município de Antonina. O acampamento ocupa parte da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba, no litoral norte do Paraná, e desde 2003 concilia a produção de alimentos livres de agrotóxicos - de couve à café - com a recuperação da Mata Atlântica. Por isso, a comunidade foi contemplada no prêmio Juliana Santilli, na categoria ampliação e conservação da agrobiodiversidade. A premiação acontecerá em 21 de novembro, em Brasília, e envolve a entrega de troféu, de selo de reconhecimento e apoio financeiro para intercâmbio de experiências.

As famílias comemoraram o prêmio como uma forma de dar visibilidade ao projeto. "Estamos mostrando que nós ocupamos uma área totalmente degradada e estamos recuperando a mata e ainda produzindo

alimento sem veneno. Isso mostra que a reforma agrária é um projeto viável, não apenas na questão social, mas também na ambiental", comenta Jonas, que também é um dos coordenadores do acampamento.



Cerca de 90% do que é produzido pelos agricultores é destinado para as escolas da região através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Jonas explica que as famílias trabalham em cerca de 10% da área total, que compreende 240 hectares. "Para trabalhar no sistema agroflorestal não precisa de grandes áreas", explica. Ele comenta que a perspectiva é ocupar cada vez mais o espaço com a produção.

Apesar de bem estruturado, com casas de alvenaria e energia elétrica, o acampamento ainda está em processo de assentamento. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) está negociando a compra da terra com os antigos proprietários.

Recuperação ambiental

"Conheci a área antes dos fazendeiros usarem para criar boi. Era uma área preservada, o rio tinha muito peixe e a comunidade plantava para subsistência", lembra Jonas. Ele conta que as famílias não tinham o documento de posse da terra e os fazendeiros começaram a cerca e ocupar

o território. "Por isso começou a luta pela terra e decidimos acampar", completa o agricultor.



Nos primeiros três anos, as famílias resistiram ao desejo de desistir da área. O rio estava poluído, o solo rebaixado e encharcado, e o pasto dominava a paisagem. Se no início tiveram dificuldade para produzir alimentos para subsistência, hoje a perspectiva é aumentar a produção. A área degradada pela atividade pecuária vai lentamente se recuperando e o resultado fica evidente até aos olhares desatentos: nos lotes que já receberam os cuidados dos agricultores há árvores altas e diversos tipos de plantas, enquanto, muitas vezes ao lado, as áreas que não receberam o manejo são um pasto alto.

Katya Isaguirre, professora de direito ambiental e agrário da Universidade Federal do Paraná (UFPR) que acompanha de perto o acampamento José Lutzenberger, por meio do grupo de pesquisa Ekoa, incentivou a comunidade a se inscrever no prêmio, junto com outro grupo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. "É evidente que a agrofloresta revive a natureza e o exemplo demonstra visivelmente como a paisagem se recupera ao tempo em que os agricultores produzem alimentos saudáveis que lhes garante condições de autonomia", afirma.

O que a mídia não divulga



No local é possível encontrar vários estágios de agroflorestas e são diferentes testadas técnicas de manejo do solo. preparo primeiro passo para а recuperação é fazer o "berço", com plantas como hortalicas e banana. Com o tempo e o manejo

adequado, os agricultores vão inserindo novas plantas de portes variados. Jonas Souza ressalta que o sistema agroflorestal traz diversos benefícios. Além da recuperação e preservação da Mata Atlântica, as famílias camponesas passam a ter a geração de renda e a consumir alimentos de qualidade. "Também é beneficiado quem consome esse alimento livre de agrotóxico que, no caso, são principalmente as crianças das escolas municipais e estaduais", opina.

Alimentação escolar sem agrotóxico

O acampamento, por meio da Associação Filhos da Terra, atende a quatro municípios pela rede estadual (Guaratuba, Morretes, Antonina e Pontal do Sul) e outros três (Matinhos, Antonina e Guaratuba) pela rede municipal de educação, por meio do PNAE. A cada semana são enviados para a rede estadual 1080 kg de tubérculos, 1545 kg de frutas, 390 kg de hortaliças e 45 kg de tempero, informa Ana Paula Rodrigues. A moradora explica que para a rede municipal a quantidade varia de acordo com a demanda da nutricionista escolar e, além dos alimentos in natura, também são enviadas geleias, doces e polpas de frutas. "Tudo produção agroecológica certificada", destaca.

Jonas Souza diz que a expectativa para 2018 é criar uma cooperativa e participar de novas chamadas públicas. Até o fim deste ano, uma nova unidade deve ser finalizada, para processar os alimentos e ampliar a produção. No espaço atual, são descascados e embalados

alimentos como mandioca, abóbora e palmito, e higienizados o restante dos outros produtos que chegam das hortas das famílias. Também são produzidas geleias e polpas de frutas. "A produtividade está aumentado e é natural que isso acontece: as famílias vão ganhando mais experiência na técnica, o mercado vai se abrindo para a produção da agroecologia e as agroflorestas começam a se recuperar e a crescer espécies novas".

Paraná é Destaque na Produção de Orgânicos

De acordo com dados do Ministério da Agricultura e Abastecimento, o Paraná é o estado com maior número de propriedades rurais orgânicas certificadas, com mais de duas mil unidades.

Parte dos alimentos orgânicos produzidos no estado são comercializados pela Cooperativa Central da Reforma Agrária do Paraná (CCA-PR), que centraliza 17 cooperativas regionais e a produção de mais de 20 mil famílias nos 311 assentamentos paranaenses da reforma agrária. Os alimentos chegam até os consumidores de diversas formas e neste mês a CCA-PR lançou um site que facilita ainda mais a compra dos produtos para quem mora na capital Curitiba.

"O Paraná reúne experiências de bastante tempo na agroecologia e um exemplo disso é a Jornada de Agroecologia que já está em sua 16ª edição", lembra Katya Isaguirre, se referindo a um dos maiores eventos nacionais de incentivo à agroecologia que aconteceu no final de setembro, na cidade da Lapa. "O trabalho da Associação para o Desenvolvimento da Agroecologia (Aopa) é outro exemplo porque reúne grupos de agricultores familiares de Curitiba e região metropolitana para acessar programas como o PAA e PNAE e fazer vendas diretas e nas feiras", completa.

Edição: Ednubia Ghisi

"Nós não precisamos de muita coisa, só precisamos uns dos outros" Carlito Maia



Projeto ambiental com MST ganha prêmio internacional

Silvia Salek - BBC Brasil



Projeto derruba mito de que MST é vilão da natureza

Um trabalho inédito de conservação ambiental em assentamentos rurais no Pontal do Paranapanema, em São Paulo, rendeu ao engenheiro florestal Laury Cullen Jr., 35 anos, o mais importante prêmio de conservação ambiental do mundo.

Laury Cullen Jr., pesquisador do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) e mestre em conservação ambiental pela Universidade da Flórida, recebeu o *Whitley Gold Award* das mãos da princesa Anne em uma cerimônia na Royal Geographical Society, em Londres.

O prêmio, no valor de 50 mil libras (R\$ 167 mil), será usado na ampliação do programa que, em cinco anos, já conseguiu recuperar uma área equivalente a 350 campos de futebol de Mata Atlântica.

Nessa entrevista, Cullen Jr., que é paulista de Piracicaba e descendente de americanos, fala sobre como o projeto derruba o mito de que os assentamentos de sem-terra prejudicam o meio ambiente.

BBC - Os trabalhadores sem-terra já foram diversas vezes acusados de destruir florestas. O que o seu projeto mostra?

Que isso é um mito. Há experiências não muito bemsucedidas em assentamentos na Amazônia, por exemplo. Foram criados assentamentos em áreas de florestas, houve um impacto negativo, e a imagem dos sem-terra em reportagens de jornais acabou sendo a de vilões da natureza. Isso não é verdade. Falta iniciativa para negociar com as lideranças e reverter o quadro. É preciso entender que, quando bem organizados, esses trabalhadores são, na verdade, uma grande ferramenta de Cullen: "Sem terra, conservação.



com floresta"

BBC - Em apenas cinco anos, vocês já conseguiram recuperar uma área importante de floresta no Pontal do Paranapanema. Qual é a meta do programa?

Cullen Jr. – O Pontal do Paranapanema abriga os últimos fragmentos de Mata Atlântica do interior do Brasil. Resta apenas 1,8% de cobertura original de matas. A área abriga espécies ameaçadas de extinção como o mico-leão-preto e a onça-pintada. Se você comparar uma foto de satélite da região de 1990 com uma foto de hoje, vai notar claramente pequenas manchas verdes na imagem. São as florestas que estão voltando. Isso é muito importante porque atrai insetos e pássaros que trabalham na dispersão de sementes. Assentados de outras regiões do Brasil estão nos procurando para conhecer nosso trabalho, que chamamos de "Sem terra, com floresta". Nosso objetivo é espalhar essa idéia pelo Brasil.

BBC - O senhor recebeu 50 mil libras como prêmio. Como vai usar o dinheiro?

Cullen Jr. - Será todo investido no projeto. Nós enfrentamos hoje um problema de falta de financiamento de longo prazo. Geralmente, recebemos recursos para apenas um ou dois anos. Por isso, gastamos muito tempo fora do campo, correndo atrás de financiamento.

BBC – Como convencer assentados, que devem estar mais preocupados com a agricultura, a aderir ao reflorestamento?

Cullen – Não é difícil. A falta de dinheiro não é uma barreira quando lidamos com as famílias de sem-terra. São cerca de 500 famílias nos assentamentos do Pontal. Tem muita gente passando fome e que ainda acha tempo para plantar uma árvore. Eles querem trazer o verde para perto dos seus lotes, querem embelezar o ambiente. Eles têm a consciência de que estão fazendo uma reforma agrária diferente e esse sentimento de orgulho move o esforço do grupo. Se você consegue estimular esse sentimento, você consegue fazer muitas mudanças.

BBC - O senhor já esperava ganhar o prêmio?

Cullen Jr. – Não. Quando a princesa Anne abriu o envelope e me entregou o prêmio, eu vi todos os animais da Mata Atlântica sorrindo, batendo palmas e os sem-terra cheios de orgulho por participarem desse programa, dessa nobre missão de aliar a reforma agrária à conservação das últimas florestas do Brasil.

Medalha Chico Mendes de Resistência



MST Em 2005. foi dos doze 0 um Chico agraciados com a Medalha Mendes Resistência. prêmio entregue pela ONG brasileira Grupo Tortura Nunca Mais a "todos que se destacam na luta pelos Direitos Humanos e por uma sociedade mais justa".

O Projeto "Terra Livre" foi anunciado no ano de 2006. Trata-se de uma homenagem da produtora

independente Kate Cunningham ao Movimento pela Midia de Documentário, seguindo as vidas de três famílias no estado do Paraná. O filme também tem uma série de entrevistas com estudiosos e políticos. Entre eles destacam-se: João Pedro Stédile; Miguel Rossetto, então Ministro da Reforma Agrária; Roberto Requião, Governador do Estado do

Paraná e candidato às eleições presidenciais de 2006 e Rolf Hackbart, presidente do INCRA.

O auditório Franco Montoro da Assembleia Legislativa de São Paulo foi palco de Ato Solene em Homenagem aos 25 anos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, dia 12 de Agosto de 2009.

A Diretoria da Associação de Juízes pela Democracia (AJD) também prestou homenagem ao MST em São Paulo. O magistrado comprometido com transformação social entregou no dia 3 de dezembro de 2009 uma pintura representando a luta de Dom Quixote contra os 'Moinhos da Opressão'. Na atividade, representaram o MST os militantes João Paulo Rodrigues e João Pedro Stédile, de São Paulo, e Joba Alves, de Pernambuco.

No dia 10 de dezembro de 2009, Dia Internacional dos Direitos Humanos, a comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro ofereceu ao MST o prêmio 'Centenário Dom Hélder Câmara', por sua defesa dos Direitos Humanos e na organização da luta das mulheres pela Reforma Agrária e Soberania Alimentar. A militante Nívia Regina recebeu o prêmio em nome do Movimento. No mesmo dia. o MST também recebeu a 'Medalha de Direitos Humanos Dom Câmara Helder' em homenagem na Municipal cidade na de Olinda, Pernambuco.

O coordenador do MST João Pedro Stedile recebeu a medalha "Mérito Legislativo", que é concedida a personalidades, brasileiras ou estrangeiras, que realizaram ou realizam serviço de relevância para a sociedade. A indicação partiu do deputado federal Brizola Neto (PDT/RJ), líder da bancada do seu partido na Câmara, como uma forma de trazer a reflexão à luta pela terra e o uso que vem sendo feito dela. Para o deputado, a indicação é uma homenagem mais do que merecida. "A medalha será um símbolo para o Congresso Nacional, que tomou essa iniciativa, mesmo com alguns tentando criminalizar as ações do movimento". Ele diz ainda que a contribuição que Stedile deu ao país é a luta que vem travando nesses anos todos pela terra.

Em 2013 recebeu o *Prêmio Guernica para a Paz e Reconciliação*. Em 21 de abril de 2015 João Pedro Stedile recebeu a *Medalha da Inconfidência do Governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel*. A

premiação foi bastante contestada pelos setores mais conservadores da sociedade brasileira, como os militares e revistas como a Veja. Por outro lado foi celebrada por nomes notáveis da esquerda no Brasil e no mundo, como Leonardo Boff e Noam Chomski.

Livro sobre MST ganha prêmio Vladimir Herzog

Em 1986, o Jornal Sem Terra recebe o prêmio Vladimir Herzog. Rompendo a cerca: a história do MST, de Jan Rocha e Sue Brandford, foi premiado no 26º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, na



categoria Livro Reportagem. Publicado pela Editora Casa Amarela, o livro narra de forma completa e envolvente a história do maior movimento social da América Latina – e por isso mesmo alvo de ataques constantes da mídia e governo brasileiros. A premiação aconteceu em 25/10, realizada pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo. O concurso acontece desde 1979, por iniciativa do Sindicato, com apoio de diversas instituições e da família de Herzog. O objetivo é reconhecer jornalistas e veículos que promovem a cidadania e dos Direitos Humanos e, também, homenagear o jornalista, morto sob tortura nas dependências do DOI-CODI, em 1975.





Reforma Agrária nos Governos Lula e Dilma



O então presidente Lula coloca o boné do MST. Foto: Ricardo Stuckert/PR

Em memória aos 21 anos do Massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) realiza hoje (17), no Dia Nacional de Luta pela Reforma Agrária, mobilizações em todo o Brasil em defesa da terra, da preservação do meio ambiente, da agricultura camponesa e dos camponeses.

Símbolo da democratização da terra e do aumento de oportunidades de trabalho e renda no campo, mas considerada um tabu pelos conservadores, a reforma agrária ganhou um impulso histórico durante os governos Lula e Dilma Rousseff.

Os dois juntos promoveram um número recorde de assentamentos, segundo dados do Incra: 771 mil famílias receberam o título de propriedade de terras nos governos de Lula e Dilma, mais da metade do total de beneficiados em toda a história da reforma agrária no Brasil.

Nada menos do que 3.902 assentamentos foram criados em todos os estados da federação, somando 51 milhões de hectares, ou os territórios

do Ceará e do Mato Grosso do Sul juntos – o equivalente a 56% de todas as terras já disponibilizadas para a reforma agrária na história do país.

E o mais importante: em vez de abandonados à própria sorte como no passado, os assentados passaram a contar com crédito, assistência técnica, construção e reforma de moradias, abertura de estradas, instalação de água e luz elétrica, sementes de alta qualidade genética, garantia de venda da produção e ampliação dos níveis de escolarização, entre outros benefícios. Mais do que um pedaço de chão, eles conquistaram o direito de plantar, colher e viver com dignidade.

Com Dilma, a reforma agrária ganhou mais mecanismos legais para avançar. Desburocratizando-se. Os procedimentos para obtenção de terra foram simplificados. As portarias de criação de novos assentamentos passaram a conter o cronograma de investimentos de programas como Minha Casa Minha Vida e Luz para Todos.

A liquidação das dívidas ficou mais fácil, com descontos de até 80%. Uma portaria de 2013 possibilitou a renegociação dos débitos de 947 mil famílias assentadas, 200 mil do Pronaf. Elas voltaram ao sistema de crédito produtivo, mobilizando 8 milhões de hectares para a produção de alimentos.

Crédito garantido, assistência técnica e infraestrutura social qualificaram reforma agrária de Lula e Dilma

Quantidade com qualidade. Esta foi a bandeira dos governos do PT para a reforma agrária. Além de baterem recorde em número de famílias assentadas e hectares incorporados à reforma agrária, Lula e Dilma fizeram dos assentamentos locais dignos para viver e produzir.

Políticas públicas como Luz para Todos, Minha Casa Minha Vida e Água para Todos chegaram aos assentamentos. E o que nos governos anteriores era pedaço de terra sem infraestrutura, passou a ser unidade de produção estruturada, com segurança alimentar e nutricional garantidas, visando o aumento quantitativo e qualitativo da produção de alimentos e geração de renda.

Mais de 164 mil Assentados foram atendidos pelo "PRONERA"

Para Alexandre Conceição, é preciso avançar com o "PRONERA" para que o povo tenha uma educação libertadora, como sonhou Paulo Freire". 18 DE JUNHO DE 2015 09H18 - Por Iris Pacheco



Na tarde desta quarta-feira (17), o programa nacional de educação na reforma agrária (PRONERA) lançou a segunda pesquisa nacional de educação na reforma agrária (II PNERA), realizada em parceria com o instituto nacional de estudos e pesquisa Anísio Teixeira (MEC-INEP) e o instituto de pesquisas aplicadas (IPEA).

A pesquisa teve como objetivo caracterizar a demanda educacional e diagnosticar a situação do ensino ofertado nos assentamentos da reforma agrária. A pesquisa aponta que o PRONERA atendeu 164.894 moradores de assentamentos desde sua criação, de 1998 até 2011.

Ao apresentar os dados da pesquisa, a professora Mônica Molina, da universidade de Brasília (UnB), salientou que "o PRONERA vem para

garantir o direito à educação por alternância e que a pesquisa traz informações extremamente relevantes que ajudam a conhecer o que essa política faz. Além de trazer resultados positivos de transformações que se repercutem não apenas na vida individual desses sujeitos, mas também que o conjunto se beneficia, porque tem inserção no cotidiano das áreas de reforma agrária".



Segundo Alexandre Conceição, da coordenação nacional do MST, a educação é fundamental para fazer a transformação social. Porém, a demanda do campo, mesmo com os resultados positivos do PRONERA ainda é reprimida e critica o governo por fortalecer uma política unicamente tecnicista.

"O lema do governo é pátria educadora, mas nós não queremos uma pátria de PRONATEC, queremos formar seres humanos, sujeitos históricos. Por isso precisamos avançar com o PRONERA, para que o povo tenha uma educação libertadora, como sonhou Paulo Freire", afirmou conceição.

Já o ministro do desenvolvimento agrário, Patrus Ananias, afirmou a necessidade de integração das políticas públicas de educação com saúde, infraestrutura. "o direito à terra deve ser conciliado com os direitos básicos, nenhuma política por si só vai promover a transformação que queremos". No período entre 1998 a 2011 foram realizados 320 cursos do PRONERA por meio de 82 instituições de ensino em todo o país, sendo 167 de educação de jovens e adultos fundamental, 99 de nível médio e 54 de nível superior. Os cursos foram realizados em 880 municípios, em todas as unidades da federação.

Para a presidenta do instituto nacional de colonização e reforma agrária (INCRA), Maria Lúcia Falcón, a força do PRONERA está nas parcerias e na revisão do conhecimento na prática. "o que acontece aqui é a avaliação de uma política pública provando que ela deu certo em eficácia, eficiência e efetividade".

"Se tem um governo que tem sido implacável no combate à corrupção, desde o primeiro dia, é o meu governo."

Luiz Inácio Lula da Silva

Este MAPA mostra as áreas conquistadas pelo MST em que estão assentadas, calcula-se 350 mil famílias. Isso corresponde a área dos estados da Região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Terras estas que pertenciam a grandes latifundios improdutivos.



Justiça a Serviço de Quem?

Ao determinar o despejo das famílias acampadas no Quilombo Campo Grande, o Estado brasileiro fere resoluções históricas de direitos humanos



Na safra 2017-2018 foram produzidas 510 toneladas de café no acampamento

Por Maura Silva -Da Página do MST

Em 1998, 450 famílias Sem Terra ocuparam a área da usina Ariadnópolis, na cidade de Campo do Meio, Sul de Minas. O local, que então pertencia à Companhia Agropecuária Irmãos Azevedo (CAPIA) e que soma uma dívida de R\$300 milhões de reais, faliu e encerrou suas atividades dois anos antes da ocupação em 1996.

O tempo passou e os quatro mil hectares em que apenas a monocultura de cana-de-açúcar predominava ganharam vida e hoje geram trabalho e renda para mais de duas mil pessoas.

Quilombo Campo Grande, como foi batizado o acampamento, atualmente concentra uma das maiores cooperativas de café do estado, a Guaií. Nela são produzidas 510 toneladas do grão por ano, que dão uma média de 8500 sacas de café. Além disso, 55 sacas de milho e 8 mil sacas de feijão são colhidas no local, que também divide espaço com 40 hectares de horta, que geram verduras e legumes para os acampados e para

comunidades locais. No acampamento, também estão plantadas 60 mil árvores frutíferas e mais 60 mil nativas.

Ao longo dos anos as famílias se estruturaram, construíram suas casas sem apoio do poder público, se organizaram, trataram o solo e há décadas produzem e resistem em um território considerado massa falida pelo Estado.

Agora, toda a transformação social que acontece em Campo do Meio está sendo ameaçada. Nesta quarta-feira (7), uma ação judicial que foi a julgamento no Fórum da Comarca de Campos Gerais determinou a reintegração de posse e o despejo de todas as famílias do local. Aparentemente as conquistas dos anos de democracia não alcançaram o concreto dos dias: o Estado que está no papel não está presente na vida dos Sem Terra.



Legumes e verduras estão plantados em mais de 40 hectares de horta

Justiça seletiva

A decisão foi pautada no Decreto Estadual n.º 365/2015 que desapropriava 3.195 hectares da falida Usina Ariadnópolis. O documento tinha como proposta desapropriar a área mediante o pagamento de R\$ 66

milhões à Companhia Agropecuária Irmãos Azevedo (CAPIA). Há dois meses, as famílias do Quilombo Campo Grande chegaram a firmar um acordo em que o Estado se comprometia a pagar o valor em cinco parcelas.

Porém, acionistas da empresa, apoiados pela bancada ruralista e latifundiários da região, não aceitaram o acordo e levaram o caso à Justiça contra o governo de Minas Gerais, pedindo anulação do decreto, que havia sido validado por dois julgamentos.

E, através de uma operação jurídica, os empresários retomaram uma liminar de despejo de 2012 referente à falência da usina, que, na época, foi negada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), mas não extinguida.

Na decisão proferida ontem num contraditório regime de urgência o juiz de Direito Auxiliar, em substituição na Vara Agrícola de Minas Gerais, Walter Zwicker Esbaille Júnior, determinou que os Sem Terra têm até o dia 14 de novembro para desocupar o local, a decisão também autoriza o uso da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais na ação.

A mesma ação reconhece o uso e a produção local, mas desconsidera o artigo 184 da Constituição Federal que diz que: "compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social".

Para Darci Frigo, advogado e coordenador da organização de Direitos Humanos Terra de Direitos, ao determinar a ação de despejo, a justiça está desconsiderando a resolução n.º 10, de 17 de outubro de 2018 do Conselho Nacional de Direitos Humanos, que dispõe sobre soluções garantidoras de direitos e medidas preventivas em situações de conflitos coletivos rurais e urbanos.

"A resolução tem como objetivo orientar as autoridades e instituições públicas que tratam de situações de conflitos coletivos possessórios. São medidas que devem ser adotadas para a não violação de determinada coletividade. O juiz, que é um dos endereçados dessa resolução, deverá adotar e considerar uma série de medidas de acordo que sejam pautadas em seu conteúdo o cumprimento da função social da terra, que está garantido em Constituição Federal", afirma.



Frigo ressalta o sentido da incapacidade do Estado-nação constituído nos últimos séculos de cumprir a lei estabelecida na Constituição, que, no caso do Brasil, garante direitos fundamentais como a cidadania e a dignidade da pessoa humana, diretamente negados às famílias neste processo.

O Brasil é signatário de diversos tratados internacionais, como por exemplo, o Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais que foi adotado pela XXI Sessão da Assembleia-Geral das Nações Unidas, em 19 de dezembro de 1966. Esse acordo prevê que seus membros devem trabalhar para a concessão de direitos econômicos, sociais e culturais, incluindo os direitos de trabalho, à saúde, à educação e à um padrão de vida adequado.

"Fica aqui a pergunta: Esse direito está sendo garantido e respeitado no caso da ocupação Quilombo Campo Grande? O poder público deve orientar a solução de maneira pacífica e definitiva dos conflitos, primando pela permanência dos grupos em situação de vulnerabilidade nas áreas em que ocupam e reivindicam. O despejo não é inevitável, tanto que o Estado ao fazer um decreto por interesse social encontrou uma solução jurídica para o caso. O que acontece é que as forças políticas contrárias à Reforma Agrária, sejam do latifúndio ou ideológicas, encontraram respaldo no

O que a mídia não divulga

sistema de justiça em que o direito à propriedade se sobrepõe aos direitos humanos", alerta o jurista.

O que o Brasil prega enquanto Estado ao assinar resoluções de direitos humanos é que os direitos dessa coletividade devem preponderar ao direito de propriedade. A função social desse território só será de fato atendida se as famílias forem assentadas nesse local. Isso deve ser apresentado aos juízes responsáveis para que seja considerado na sua decisão os interesses maiores das responsabilidades que o Brasil tem com os direitos humanos.

O MST está recorrendo da decisão e as famílias reafirmam a disposição de seguir na luta e resistir contra mais essas investidas do projeto eleito, que tem como objetivo intensificar o uso de toda máquina do Estado para criminalizar e segregar ainda mais o povo Sem Terra.

"Um homem não escolhe o país onde nasce, mas ama o país onde nasceu"

Gioconda Belli, Nicarágua

O "ESCRITÓRIO" DE MARINGÁ. DA RENAP AO VIDA DIGNA.

Por Marino Elígio Gonçalves



No ano de 1989, fruto de uma parceria entre uma administradora – Maria Lúcia Ferreira Gomes Bertin e duas advogadas – Ioni Ferreira Castro e Marillac A. Martins de Amorim Andrade, foi criado o Escritório voltado para o atendimento às demandas sindical, administrativo, cível e trabalhista. Nesse período a Central Única dos Trabalhadores – CUT, introduziu uma nova forma de sindicalismo, o que fomentou a formação de

diversas oposições sindicais e a criação de novas entidades. Em Maringá várias categorias pretendiam se organizar e, isso, exigiu a ampliação da parceria. Assim, em 1990 ingressou o advogado Marino Elígio Gonçalves. Com o reforço da equipe e, na medida em que o movimento sindical ia crescendo, outras demandas foram surgindo. Em paralelo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, ganhava corpo na sociedade brasileira. O Escritório, então, passou a dar sustentação também para a luta no campo. Novamente, houve a necessidade de reforçar a equipe. Foram integrados os advogados Sílvio Luiz Januário, Hugo Francisco Gomes e Marcos Roberto Meneghin. Ao mesmo tempo, em razão de problemas de ordem pessoal, a advogada loni Ferreira Castro saiu da parceria e a advogada Marillac Amorim, atendendo a uma nova demanda na área do direito imobiliário, igualmente deixou a parceria.

Os membros remanescentes tinham forte militância nos movimentos da Igreja (Pastoral da Juventude e Pastoral Universitária), no movimento estudantil e na política partidária. Isso facilitou a sintonia e o trabalho. Assessoraram várias oposições sindicais, diversos sindicatos e a Comissão Pastoral da Terra — CPT (que na época tinha forte relação com os chamados trabalhadores "boia-fria").

Os seus membros eram especializados no Direito do Trabalho e Processual do Trabalho, contudo, diante da crescente tensão no campo, fruto das ocupações do MST, das ações violentas dos latifundiários e das concessões, pela Justiça Estadual, de liminares de reintegração de posse e de interdito proibitório, forçou aqueles a buscar conteúdos de Direito Civil, de Direito Penal e das respectivas legislações processuais. E, isso foi muito

importante, pois o latifúndio e o Governo do Estado, principalmente a partir de 1998, endureceram a luta pela conquista da terra. Muitas prisões de trabalhadores foram realizadas, vários trabalhadores foram vítimas de violência, alguns foram assassinados. Tudo isso, exigiu que se fizesse uma defesa qualificada, além de mobilizações com diversos setores organizados da sociedade para a garantia da integridade física e liberdade das pessoas que lutavam por terra.

Como a luta pela Reforma Agrária era nacional, a situação do Paraná se repetia nos demais estados, que também possuíam advogados empenhados na defesa dos trabalhadores rurais sem terra. Foi aí, que se organizou a Rede Nacional das Advogadas e Advogados Populares – RENAP.

Com os encontros nacionais da RENAP se trocou experiências nas diversas áreas do Direito. Também, permitiu o acompanhamento dos processos desde a origem (nas comarcas) até o Superior Tribunal de Justiça (STJ) e o Supremo Tribunal Federal – STF.

No processo de organização da RENAP no Paraná, contamos também com os militantes sociais Tereza Cofré e Francisco Carlos De Marchi (Chicão) e com o advogado Avanílson Alves de Araújo. A Tereza. hoje advogada, e o Chicão, atualmente especialista em Servico Social, tiveram participação destacada, pois tinham contato com diversas lideranças e acampados do MST. Na época, também se articulavam com vários padres e lideranças das cidades, o que facilitou a criação de redes de proteção aos trabalhadores rurais sem terra. O advogado Avanílson, agora atuando em São Paulo, igualmente contribuiu com a defesa dos trabalhadores sem terra. Todos eles (Tereza. Avanílson) estiveram com os demais membros do Escritório em várias frentes de conflitos, em que todos correram sério risco de atentado à integridade física e à própria vida. Mas isso, não foi capaz de impedir que atuassem e colaborassem com a criação da RENAP.

Um fato interessante deve ser registrado. Depois de algumas tentativas, Luiz Inácio LULA da Silva, venceu as eleições presidenciais de 2002. E, com a sua posse em 2003, a Reforma Agrária passou a fazer parte da pauta governamental. Foi criado o Ministério do Desenvolvimento Agrário. Os conflitos agrários reduziram sensivelmente. Esse novo cenário, contribuiu para que a atuação dos advogados populares reduzisse.

No Paraná, o Escritório aprofundou nas demandas dos trabalhadores. O mesmo se deu com os escritórios de Londrina e de Umuarama, que mantinham articulação com o de Maringá antes mesmo da RENAP. Fruto dessa rearticulação dos três escritórios nasceu o VIDA DIGNA. Nesse espaço se tem buscado meios de resistência contra a sanha dos governos

neoliberais e de extrema direita. O golpe parlamentar contra a presidenta Dilma Rousseff foi o sinal para a destruição dos direitos dos trabalhadores. A Reforma Trabalhista do Temer foi um duro golpe à toda classe trabalhadora. As medidas do governo Bolsonaro ampliam a supressão de direitos e, tudo leva a crer que a sua reforma da Previdência será a mais perversa de toda a história do país, com trágicas consequências, principalmente para aqueles brasileiros que mais necessitam. É contra tudo isso que o Escritório VIDA DIGNA está empenhado na atualidade.

Coordenador da Terra de Direitos recebe Medalha Nacional de Acesso à Justiça, do MJ

Darci Frigo, advogado e coordenador da organização de Direitos Humanos Terra de Direitos, recebeu a Medalha Nacional de Acesso à Justiça. A condecoração é concedida pelo Ministério da Justiça a personalidades que tenham contribuído para a melhoria do acesso ao Judiciário. A solenidade foi realizada no Salão Negro do Palácio da Justiça, em Brasília.

O advogado é premiado na Categoria Advogado/Advogada, na qual também são homenageados Benedito



Roberto Barbosa (União dos Movimentos de Moradia de São Paulo-SP) e Marcos Roberto Fuchs (presidente do Instituto Pro-Bono/São Paulo-SP).

A premiação integra as comemorações do Ministério da Justiça pelos dez anos da Reforma do Judiciário, promovia pela Emenda Constitucional 45/2004.

Darci Frigo é coordenador Terra de Direito, que foi criada em Curitiba/PR, em 2002, e hoje tem escritório também em Santarém/PA e Brasília/DF. Também integra o Conselho Nacional dos Direitos Humanos,

O que a mídia não divulga

representando a Plataforma Brasileira de Direitos Humanos, Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais, da qual é coordenador.

Em 2001, recebeu o Prêmio Robert F. Kennedy, em Washington, pela assessoria jurídica prestado aos trabalhadores rurais no Paraná. O catarinense, nascido no município de Capinzal, foi o único brasileiro até hoje a ganhar a homenagem. A atuação ocorre desde o início da vida profissional do advogado, junto à Comissão Pastoral da Terra – CPT e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.

Três coisas devem ser feitas por um juiz: ouvir atentamente, considerar sobriamente e decidir imparcialmente.

Sócrates Grécia Antiga / Filósofo -470 // -399

www.citador.pt

A OCUPACAO DA FAZENDA ANONI

Mudou a Realidade da Terra No Brasil

Durante a ocupação, no interior da fazenda Annoni, as reuniões das lideranças aconteciam várias vezes ao dia, muitas ao som do helicóptero da Brigada que sobrevoava a área. (Arquivo Pessoal/José Leal)

Fernanda Canofre e Gerson Costa Lopes

Isaías Antônio Vedovatto, 55 anos, mira o vazio na busca da imagem toda vez que o assunto volta ao instante em que, segurando um alicate, rompeu o arame da porteira da fazenda Annoni para fazer história. Diante de seus olhos, passavam centenas de pessoas que desembarcaram da carroceria de um caminhão para um destino desconhecido, mas carregado de esperanças. O então jovem, que havia liderado, junto com outros nomes, uma organização de pelo menos dois anos, não resistiu diante da cena. "Sentei e chorei uma meia hora" revelou. Trinta anos depois, a fazenda virou referência. A experiência mantida no assentamento 16 de março, através do uso coletivo da terra, atrai todo o ano dezenas de estudantes, pesquisadores e visitantes.

Passada a euforia da primeira conquista, era hora de deixar a emoção de lado e retomar a razão. Conscientes das dificuldades e da repressão que sofreriam nos dias seguintes, os líderes ocupação apostaram na organização como forma de resistência. Em cada caminhão vindo de 33 diferentes municípios, havia um grupo de coordenadores, responsáveis pela alimentação, segurança, higiene, instalações, imprensa, entre outras funções. "Nas reuniões, a gente simulava as mais diferentes situações, para saber como lidar com elas. Como agir com a polícia, por exemplo", conta Vedovatto.

No entanto, a realidade mostrou-se muito mais dura do que haviam projetado. A terça-feira nem bem havia amanhecido e um contingente de aproximadamente 400 policiais da Brigada Militar, fortemente armados, já estava postado na frente da fazenda. Para entrar ou sair da Annoni era preciso se submeter a um pente-fino. As conversas sempre em tom de interrogatório buscavam pelas lideranças. "Quem é o líder?", repetiam

incansavelmente. Os questionamentos só amenizavam quando repórteres que cobriam a ocupação se aproximavam. Uma guerra psicológica que se estenderia pelos próximos quatro meses.



Mário Lil, Isaías Vedovatto e Darci Maschio: três lideranças da histórica ocupação. (Foto: Gerson Costa Lopes)

"A comida era muito escassa. Os policiais barravam os caminhões carregados de alimentos. O argumento era sempre o mesmo. 'Precisamos esperar o comando chegar', o que levava dois ou mais dias. Quando liberavam, grande parte dos alimentos perecíveis estavam estragados. Eu entregava uma xícara de arroz para uma família de seis ou sete pessoas passar o dia" recorda o primeiro prefeito assentado no Brasil, Nelson José Grasseli (PT), atualmente cumprindo seu terceiro mandato na prefeitura de Pontão, município vizinho ao assentamento.

Para enfrentar a repressão, a saída estava na criatividade. Abalar o psicológico dos PMs era uma das estratégias dos colonos. "Quando chegava perto do meio-dia, começavam a se afastar da porteira para almoçar. A gente caminhava para lá com centenas de pessoas, então, eram obrigados a retornar. Era uma guerra de nervos", define Darci Maschio, um dos líderes da ocupação. No interior da fazenda, as reuniões das lideranças aconteciam várias vezes ao dia, muitas ao som do helicóptero da Brigada que sobrevoava a área.

Batalha na Justiça



Enquanto as lideranças tentavam organizar as famílias na fazenda a disputa entre União e Incra de um lado, e proprietário da Annoni de outro, se arrastava havia 13 anos. (Arquivo Pessoal/José Leal)

Um imbróglio jurídico com inúmeras decisões de recursos favoráveis para ambos os lados.

Era início dos anos 70. A chamada 'Revolução Verde', criada nos Estados Unidos na década de 1950 para impulsionar a produção a partir de pesquisas em sementes modificadas em laboratórios, uso de fertilizantes e maquinário, atingia seu ápice no Brasil. Um processo que transformaria profundamente a vida no campo, em detrimento dos pequenos produtores. Na região norte do Rio Grande do Sul, a luta pela terra já acumulava um histórico de vitórias com os assentamentos das fazendas Brilhante e Macali.

Preocupado com o horizonte que se deslumbrava naquele contexto, o proprietário da Annoni decide fatiar os cerca de 16 mil hectares da fazenda entre filhos e netos. Uma estratégia para evitar a desapropriação. No entanto, a primeira decisão da batalha jurídica é favorável aos agricultores. Em março de 72, a União publica o decreto expropriatório social. A Annoni é declarada de interesse social para fins de desapropriação. A disputa estava apenas começando.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) planejava assentar na Annoni 300 famílias que tiveram suas terras devoradas pelas águas na construção da barragem do Passo Real, quando os proprietários conseguem reverter o decreto. Em nova decisão, a Justiça classifica a fazenda como empresa rural, o que impedia, de acordo com o Estatuto da Terra, sua desapropriação.

Enquanto a discussão em torno da classificação seguia indefinida, cerca de 50 famílias do grupo que ficou conhecido como "Afogados do Passo Real" são assentadas provisoriamente, sem permissão para o plantio. Além deles, famílias de ex-funcionários permaneciam na fazenda, vivendo em parcelas de terras, denominados de parelheiros. A ocupação em 29 de outubro de 1985, ajuda a acelerar o processo. A partir da definição da área como empresa rural, no início dos anos 80, a alternativa encontrada pelo Incra foi a de indenizar o proprietário.

Não havia terra para todos

Concentrados no grande acampamento da área 10 da fazenda, no ano seguinte os agricultores iniciam o processo de assentamento provisório. A Annoni é dividida em áreas e as famílias se espalham. No entanto, surge um problema. No ano seguinte começa o assentamento oficial e constata-se que não havia terra para todos. A tensão agora é entre os colonos.

A primeira fase do assentamento contempla as 57 famílias dos 'Afogados do Passo Real'. A segunda, 177 famílias organizadas em torno do MST, no chamado assentamento Holandês. Na terceira fase, são assentadas as famílias que já moravam na Annoni, ex-empregados e filhos de parelheiros.

No final da década de 80, após um acordo entre Incra e MST, são assentadas mais 200 famílias. Ainda restavam outras 300. Em 1993, o processo chega ao fim. Grande parte do excedente é assentado em diferentes regiões do Rio Grande do Sul. Outras 37 restantes são absorvidas na própria Annoni. "Foi um processo difícil e desgastante", comenta Maschio.



Cooperativa Agropecuária e Laticínios Pontão possui 92 famílias associadas e pasteuriza mensalmente cerca de 300 mil litros de leite. (Foto: Gerson Costa Lopes)

Ideais mantidos

Se a definição das famílias que permaneceriam no assentamento foi conflitante, a escolha de um modelo de organização também trouxe divergências. O sistema de cooperação agrícola, uso coletivo da terra, não agradou a todos. Aos poucos, a produção individual foi ganhando espaço. Menos na área 1 do assentamento 16 de março. Organizados a partir da Cooperativa de Produção Agropecuária Cascata Ltda (Cooptar), 13 famílias construíram a experiência mais significativa dentro da Annoni.

É lá que lideranças da ocupação como Darci Maschio e Isaías Vedovatto vivenciam o sonho de uma vida justa e igualitária na prática. Trabalho e salários são distribuídos na mesma proporção para todos. "Todo mundo recebe a mesma coisa, não tem diferença de ser presidente disto ou daquilo, homem ou mulher. O salário é de R\$ 1 mil. Os lucros são repartidos no final do ano", explica Maschio.

Nos 145 hectares da agrovila são produzidos trigo, milho e soja – sendo proibida a entrada de semente transgênica – além de hortifrutigranjeiros e hortaliças. No frigorífico da cooperativa trabalham 17

funcionários. O local tem capacidade para abater diariamente 40 suínos e 20 bovinos. Com a ampliação em andamento, a meta é dobrar a produção. Pelo menos 30% da carne suína é utilizada na industrialização de linguiça, salame entre outros.

Morador da agrovila, Maschio é presidente da Cooperativa Agropecuária e Laticínios Pontão Ltda, instalada no assentamento Nossa Senhora Aparecida, às margens da RS 324. A cooperativa possui 92 famílias associadas e pasteuriza mensalmente cerca de 300 mil litros de leite. Com exceção de um fornecedor, todos os demais são produtores da Annoni. Conforme Maschio, assim como o leite, os demais produtos da agrovila têm como principal destino a merenda dos estudantes nas escolas da região.



Mario Lil: "Aqui é o melhor lugar para se viver. Temos trabalho, moradia, tranquilidade, educação, alimentos, lazer. Não troco por nada". (Foto: Fernanda Canofre)

Morador do assentamento 16 de março, o coordenador regional do MST, Mário Lill, 50 anos, não economiza adjetivos para descrever o lugar e a forma que escolheu para viver. Filho de agricultores de Sarandi, sendo o pai líder sindical, ele recém havia saído do exército quando se integrou às demais famílias para ocupar a fazenda. Ainda com a cabeça raspada, chegou a levantar suspeitas dos líderes durante o acampamento. "Servi o quartel por obrigação. Minha tradição sempre esteve ligada com a

agricultura. Lembro que as lideranças foram umas duas ou três vezes no barraco me entrevistar", brinca. Na agrovila, disse ter encontrado o modelo ideal de sociedade. "Aqui é o melhor lugar para se viver. Temos trabalho, moradia, tranquilidade, educação, alimentos, lazer. Não troco por nada".

O ineditismo da Annoni está muito longe de ter ficado apenas no ato da ocupação no momento em que o MST dava os primeiros passos no Brasil. Ao longo das três décadas, o assentamento foi se reinventando com novas conquistas. Uma das principais delas está na educação. Atualmente existem na fazenda uma escola estadual de nível médio, duas municipais e o Instituto Educar do MST em parceria com a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), que oferece faculdade de agronomia. No último vestibular, 250 alunos disputaram 60 vagas.



João Pedro Stédile: "Tenho certeza que é uma região que vai continuar lutando porque está no sangue". (Foto: Gerson Costa Lopes)

Aqui foi a primeira escola de ensino médio dentro de um assentamento no Brasil. A primeira a ter uma faculdade de agronomia. Temos o Educar que está multiplicando as experiências de agroecologia. São exemplos. Tenho certeza que é uma região que vai continuar lutando porque está no sangue. É um povo lutador muito antes da Annoni" afirmou

o presidente nacional do MST, João Pedro Stédile, durante as comemorações dos 30 anos da ocupação no último dia 29 de outubro.

A nova geração

Gustavo Ariel de Bortoli, 19 anos, sempre estudou em escolas de assentamento. Nos primeiros anos de estudo, pouco se falava sobre a questão agrária e a luta pela terra no Brasil. Quando tinha cerca 10 anos, ele começou a ouvir do pai histórias sobre o passado. Jessur contava sobre como à noite, junto com os amigos, costumava ler livros marxistas no barraco de lona preta e como planejavam as ocupações para apoiar quem ainda buscava terra. Foi através dele que o filho foi se identificando com o movimento. "Queria muito ter vivido aquela época", diz sorrindo.

Na época de ir ao Ensino Médio e optar por seguir os estudos dentro ou fora do acampamento, Gustavo quis ficar. Seguiu para o Instituto Educar e hoje estuda Agronomia na primeira faculdade dentro de um assentamento dentro do país, ali mesmo, nas terras que o pai ajudou a ocupar há 30 anos. A escola agrícola dentro da antiga Annoni atende atualmente 220 alunos vindos de todo o Brasil. Todos filhos de assentados. Já na faculdade de Agronomia, o último vestibular, registrou 250 candidatos inscritos para 60 vagas.



Com raras exceções, entre a segunda geração de assentados todos têm ensino superior ou estão seguindo os estudos para isso. A maioria em áreas que sejam úteis para a cooperativa, o assentamento e as indústrias

O que a mídia não divulga

dentro deles como: Agronomia, Engenharia de Alimentos, Contabilidade, Medicina Veterinária, Direito. "A ideia é fazer uma faculdade que ajude a melhorar a cooperativa", explica Gustavo.

Ele se tornou sócio da cooperativa da comunidade da Área 1 quando tinha 17 anos. Começou o trabalho ali com 8 anos ajudando com a ordenha do leite, aos 12 já estava auxiliando no frigorífico depois da escola. "Aqui a gente tem incentivo desde pequeno para trabalhar", conta. Dos laços de trabalho é que surgem as oportunidades para que a maioria deles, hoje, opte por ficar na terra conquistada pelos pais. "Antes faltava incentivo. Uma vez quem morava no campo não tinha nada. Mas agora não me vejo fora da cooperativa. Não sei se estaria na faculdade hoje ou se seria mais difícil".

Os jovens da Annoni de hoje estão revertendo um processo histórico. Segundo a Famurs, entre 2013 e 2014, 219 municípios gaúchos viram o número de habitantes encolher. Cento e oitenta deles já tinham menos de 10 mil habitantes. "O êxodo rural está diminuindo ainda mais a população dos pequenos municípios do interior. Precisamos combater essa queda para desenvolver a economia gaúcha", declarou o presidente da federação, Seger Menegaz durante a divulgação do estudo.

Em breve, as 13 famílias na agrovila da cooperativa passarão para 15. Dois dos filhos de colonos da comunidade que irão casar, já decidiram ficar ali mesmo. O problema é uma causa burocrática junto ao Incra que impede que os filhos de assentados possam construir casas na propriedade dos pais.

Mas nem para todos é assim. Gustavo conta que muitos jovens semterra que optaram por estudar fora dali, tem vergonha de contar de onde vem. "Quando fala que é do MST, muitos têm vergonha. Tenho alguns amigos que foram estudar Agronomia em Passo Fundo e não gostam de falar. Muito pelo que a mídia mostra de nós. Nas reuniões a gente fala sobre isso", revela ele, que já ocupa um cargo na direção estadual dos Jovens do MST.

Ele foi um dos responsáveis por organizar o encontro de jovens que acontece no assentamento, no final de semana que se celebra os 30 anos de ocupação.

O que a mídia não divulga

Nos encontros dos quais participou dentro e fora do país, quando o jovem fala que é da Annoni, já está acostumado com a reação. "Onde a gente vai, todo mundo pergunta como é aqui. Falam que essa é uma terra sagrada, o berço da reforma agrária. A gente sente orgulho né". Gustavo, a segunda geração, de certeza, carrega a vontade de levar adiante o legado do pai. "Eu quero ajudar a tocar o movimento para frente, para não perder a identidade que eles nos deram".



"Reforma agraria, mais comida na panela, menos gente na favela" -Agenda MST 2001



E ASSIM SURGE O MST

Hino do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Letra: Ademar Bogo/Musica: Willy C. Oliveira

> Vem tecemos a nossa liberdade braços fortes que rasgam o chão sob a sombra de nossa valentia desfrademos а nossa rebeldia e plantemos nossa terra como irmãos

Vem,

Construída

popular

Refrão lutemos punho erguido Nossa Força nos leva a edificar Nossa Pátria livre e forte

pelo

poder

erguido Braço ditemos nossa história sufocando com forca os opressores hasteemos a bandeira colorida espertemos pátria esta adormecida amanhã 0 pertence а nos trabalhadores

Refrão

Força Nossa resgatada pela chama da esperanca que no triunfo vira` forjaremos desta luta com certeza pátria livre operaria camponesa nossa estrela enfim triunfara!

Em 1984, os trabalhadores rurais que protagonizavam essas lutas pela democracia da terra e da sociedade se convergem no 1° Encontro Nacional, em Cascavel, no Paraná. Ali, decidem fundar um movimento camponês nacional, o MST, com três objetivos principais: *lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país.*

Queremos ser produtores de alimentos, de cultura e conhecimentos. E mais do que isso: queremos ser construtores de um país socialmente justo, democrático, com igualdade e com harmonia com a natureza

Eram posseiros, atingidos por barragens, migrantes, meeiros, parceiros, pequenos agricultores. Trabalhadores rurais Sem Terra, que estavam desprovidos do seu direito de produz zir alimentos.

Não apenas nos sentimos herdeiros e continuadores das lutas anteriores, mas também somos parte das lutas que nos forjaram no nosso nascimento. Do sindicalismo combativo, da liberdade política e das Diretas-Já em 1984, quando já em nosso primeiro Congresso afirmávamos que "Sem Reforma Agrária não há democracia".

A partir de 1984, com a criação oficial do MST, o Boletim Sem Terra dá um salto qualitativo e se transforma no Jornal Sem Terra. Muda o formato, a amplitude, o editorial e os objetivos. Num momento de nacionalização do Movimento, o jornal passa a ter um caráter mais interno, e se torna um dos principais instrumentos de articulador, de motivador da luta e de formação política a ser realizado nos trabalhos de base, característica que vem tendo desde então.

1° Congresso Nacional

O 1º Congresso do MST, organizado a partir do 1º Encontro Nacional em Cascavel, no Paraná, em 1984, aconteceu durante os dias 29 a 31 de janeiro de 1985. Dele foi tirado como orientação a ocupação de terra como forma de luta, além de ter sido definido os princípios do MST: a luta pela terra, pela Reforma Agrária e pelo socialismo.

Ocupação é a Única Solução

O Movimento teve a clareza política de que era necessário ser uma organização autônoma a partidos e governos. O congresso de 1985 é um marco histórico do MST. Demos uma nova característica da luta pela terra. Saímos de lá convictos de que teríamos que partir para as ocupações, e construímos o lema "Terra para quem nela trabalha" e "Ocupação é a Única Solução". Em maio do mesmo ano, em menos de três dias mobilizamos mais de 2500 famílias em Santa Catarina, em 12 ocupações. Em outubro, o Rio Grande do Sul ocupou a Fazenda Anoni. Todos os estados começaram a fazer ocupações.

No cenário político, em 1985 houve a eleição pelo parlamento do presidente da república, uma eleição indireta. Abria-se uma expectativa no quadro político de uma possibilidade da Reforma Agrária, pois não havia, naquela época, um partido político que fizesse seu programa de governo sem citar Reforma Agrária.

O país vivia um período de esperança com o primeiro presidente civil em 21 anos. O Plano Nacional da Reforma Agrária (PNRA) de 1985 previa dar aplicação rápida ao Estatuto da Terra e assentar 1,4 milhão de famílias. O plano, porém, fracassou. Cedo, aprendemos que os interesses do latifúndio encontravam nos aparatos do Estado suas melhores ferramentas de repressão ou omissão. Foi assim, com o PNRA, no Governo Sarney, em que apenas 6% da meta de assentamentos foi cumprida – cerca de 90mil



famílias - ainda assim, graças à pressão das ocupações.

A partir de 1984, com a criação oficial do MST, o Boletim Sem Terra dá um salto qualitativo e se transforma no Jornal Sem Terra. Muda o formato, a amplitude, o

editorial e os objetivos. Num momento de nacionalização do Movimento, o jornal passa a ter um caráter mais interno, e se torna um dos principais instrumentos de articulador, de motivador da luta e de formação política a ser realizado nos trabalhos de base, característica que vem tendo desde então.



Povo do Campo e da Cidade: Tamo Junto e Misturado

(Unidos da Lona Preta)

Alo Comunidades

Tamo junto e misturado

Povo do campo e da cidade

A Lona Preta chega dando o meu recado

Ninguém vai fazer a revolução sozinho

A construção desse caminho e`

Mão na massa e mutirão

Em todo canto do planeta

Pelo dinheiro o rico faz a guerra

O sangue da favela

E` sangue Sem Terra

Derrubar a cerca, eu vou

Pular a catraca também, eu

também vou

Pra resistir a remoção

É necessário manifesto e opinião

A natureza, chorou, chorou, chorou

A propriedade e` a prisão do trabalhador

Hoje a terra tem um preço

Bem difícil de pagar

Pra sair do cativeiro

A solução e` se juntar

Vamos pra rua

Vamos cantar

O Batucada do povo brasileiro

Te chamando pra lutar

MST/RS FORMA ENGENHEIROS AGRÔNOMOS



O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do Rio Grande do Sul forma neste sábado (15) a sua primeira turma do Curso de Agronomia com Énfase em Agroecologia. A colação de grau de 44 formandos será no Assentamento Novo Sarandi, em Sarandi, na região Norte.

O curso de bacharelado é oferecido pelo Instituto Educar, em Pontão, via Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), em parceria com a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Ele tem duração de 5 anos.

Segundo a educadora Salete Campigotto, os recém-formados possuem alta qualidade e contribuirão para uma agricultura sustentável em assentamentos. "As notas mais baixas dos trabalhos de conclusão de curso, avaliados por doutores, foram oito. Quinze receberam nota 10 e 15 já estão publicando artigos. Um trabalho nosso ficou entre os três melhores na Conferência Internacional sobre Agricultura e Alimentação em uma Sociedade Urbanizada, evento que envolveu mais de 30 países e 400 elaborações em Porto Alegre", diz.

A primeira turma de engenheiros agrônomos reúne trabalhadores acampados, assentados e filhos de assentados de dez estados, além de militantes do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). A segunda se formará em 2020, e a terceira ingressará em fevereiro de 2019.

Exibição das fotos de Sebastiao Salgado



Movimento Sem Terra reuniu fotos impactantes de Sebastião Salgado no Sumaúma Park Shopping em Manaus em setembro 2017. Reconhecido mundialmente pelo estilo único de retratar a condição humana em diferentes partes do planeta, o artista e` conhecido pelos impressionantes registros em diferentes cenários e momentos históricos pelo mundo, da febre do garimpo em Serra Pelada (PA), nos anos 1980, até as paisagens congeladas da Antártica.

Sebastião Salgado registrou 15 anos da história do movimento de luta pela reforma agrária no Brasil. A exibição "Movimento Sem Terra" era uma realização do Governo do Amazonas, por meio da Secretaria de Estado de Cultura, com apoio do centro de compras da Zona Norte. Ao todo, a exposição na Coletiva das Artes reuniu 15 fotografias de Sebastião Salgado, pertencentes ao acervo da Pinacoteca do Estado. A seleção reuniu parte do acervo produzido pelo fotógrafo mineiro principalmente entre os anos 1980 e 1990, quando Salgado acompanhou a luta dos trabalhadores rurais pelo acesso às terras para produção agrária.

O que a mídia não divulga

O olhar único de Sebastião Salgado sobre a figura humana e sua condição é o que se destaca nas obras reunidas na mostra, como aponta o secretário estadual de Cultura, Robério Braga. "As fotos de Sebastião Salgado elevam o registro documental a outro patamar, acrescendo às cenas retratadas uma perspectiva estética que lhe deu reconhecimento mundial e ajudou a projetar seu trabalho em nível internacional", diz. Curador da mostra, o fotógrafo búlgaro Roumen Koynov lembra que a obra de Salgado já foi criticada justamente pelo seu caráter esteta. "Exatamente essa sua visão sobre o jeito de transmitir para o público as suas ideias faz dele um fotógrafo único, combinando o poder das imagens em preto e branco com composições impecáveis, texturas rústicas e conteúdo extremamente chamativo". As imagens reunidas em "Movimento Sem Terra", segundo Roumen Koynov, são exemplo do talento de Sebastião Salgado em captar texturas, composições e conteúdos singulares em fotos em P&B. As obras registram o cotidiano de famílias de trabalhadores rurais. dentre crianças, adultos e idosos.



0 trabalho. que Salgado iniciou em seu retorno ao Brasil após o exílio nos anos da regime revela militar. talento inquestionável de um dos maiores fotógrafos da atualidade". 0interesse de Salgado

pela situação dos trabalhadores rurais vem de antes de deixar o Brasil. "Quando eu era jovem, o Brasil era um país subdesenvolvido e, antes de ir embora, vi a pobreza crescer", escreveu o fotógrafo no livro "Da minha terra à Terra" (2013). De volta ao país em 1979, ele conta que a pobreza lhe saltou aos olhos. "Durante a ditadura (...) grande parte dos pequenos proprietários rurais vendeu sua terra a 'preços sedutores' (...) a grandes

empresas agrícolas. Era como se tivessem sido expropriados, pois passaram a viver na precariedade. As primeiras fotos que tirei, ao voltar, mostram a situação desses camponeses, os boias-frias, que viviam à margem das imensas propriedades agrícolas criadas pela reunião de suas antigas terras". Em protesto contra a injustiça, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra foi criado em 1984. Salgado acompanhou a luta dos camponeses por quase 15 anos. "O MST agia legalmente e não lesava ninguém, ocupava apenas terras não cultivadas", avalia o fotógrafo.

"A Constituição brasileira estipula a proibição da posse de terras improdutivas. O que não impediu os grandes proprietários de infringirem a lei (...) Mesmo assim, graças ao MST, muitas dessas terras foram finalmente redistribuídas, na época, a cerca de 200 mil famílias".

Trajetória. Nascido em 1944, em Aimorés (MG), Sebastião Ribeiro Salgado é premiado e reconhecido mundialmente por seu estilo único em retratar, em especial, a condição humana em diferentes partes do planeta. Vive em Paris desde o final da década de 1960. Formado em Economia pela Universidade de São Paulo (1968), e Doutor pela Université de Paris (1971), descobriu sua paixão pela fotografia no início dos anos 1970, durante uma viagem de trabalho à África. Em 1979, entrou para a Magnum – agência de fotografia criada por Robert Capa e Henri Cartier-Bresson. No



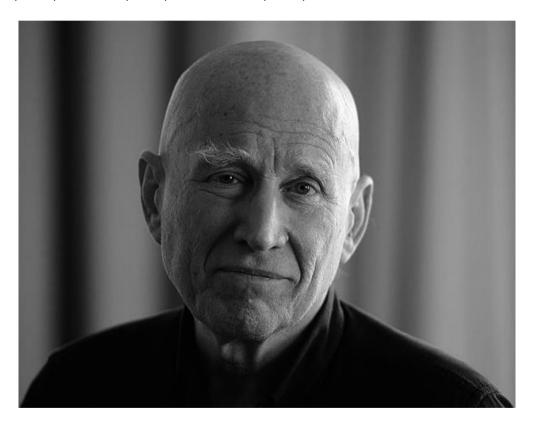
dia 30 de março de 1981, Salgado estava fotografando uma série sobre os primeiros dias de Ronald Reagan e documentou o atentado a tiros contra O então presidente. Com total exclusividade, a venda das fotos para diversos jornais foi o que financiou seu primeiro projeto de fotografia autoral e documental, uma viagem à

África. Entre os prêmios que Salgado já recebeu estão o World Press (Holanda, 1985), Oscar Barnack (Alemanha, 1985 e 1992), Erna e Victor

O que a mídia não divulga

Hasselblad (Suécia, 1989) e Fotojornalismo do International Center of Photography (EUA, 1990).

Recebeu ainda diversas outras honrarias, sendo representante especial da Unicef e membro honorário da Academia das Artes e Ciências dos Estados Unidos. Salgado já viajou por mais de cem países para projetos fotográficos que, além de inúmeras publicações na imprensa, foram apresentados em forma de livros. Pode-se citar "Trabalhadores" (1996), "Terra" (1997), "Serra Pelada" (1999), "Outras Américas" (1999), "Retratos de crianças do Éxodo" (2000), "Éxodos" (2000), "O fim do pólio" (2003), "Um incerto estado de graça" (2004), "O berço da desigualdade" (2005), "África" (2007) e "Gênesis" (2013).



Texto publicado em : https://www.portalmarcossantos.com.br

Sem Terrinhas na Construção do Movimento



Foto: Juliana Adriano - Da Página do MST - Por Juliana Adriano

A Sem Terrinha corre solta pelo acampamento. Com as mãos na lama faz bonecos de barro. Enquanto isso, o Sem Terrinha pega folhas da horta para tratar o coelho. Após a chuva, as sementes germinam nas hortas dos assentamentos e acampamentos, e as crianças florescem a brincar. Como elas mesmas escreveram na letra de uma das músicas que criaram: "Ser criança é ser feliz, pra ser feliz tem que brincar, pra brincar tem que sorrir, pra sorrir tem que lutar" (música Cantando com Sem Terrinha, que faz parte do CD Plantando Cirandas 3, de 2014).

"Bandeira, bandeira vermelhinha, Educação do Campo para todo Sem Terrinha".

Desde pequenas, as crianças Sem Terrinha aprendem que para vivenciar seus direitos é preciso lutar. De Norte a Sul ouvimos relatos de crianças que sofrem preconceitos por serem acampadas, seja pelo cheiro de fumaça nas roupas ou pelo barro nos sapatos, enfim, por marcas da luta

O que a mídia não divulga

pela terra. É preciso lutar por terra, por moradia, por escola, por saúde, por comida sem veneno, pelos direitos que deveriam ser básicos a todos os cidadãos.

As crianças aprendem com os adultos, mas também ensinam. Certa vez um menino pernambucano marchava com os chinelos debaixo do braço, disse que fazia isso porque queria saber como era para seu pai marchar. Em outra situação, uma menina paranaense explicava a certos adultos que não era preciso colocar veneno nos alimentos da horta, pois na escola as saladas já estavam gigantes e as próprias crianças tinham feito caldas e cuidado das plantas. Em outro momento uma menina maranhense lê a carta de reivindicações ao governador, quando termina todas as crianças do auditório se levantam e com o braço esquerdo erguido gritam: "Bandeira, bandeira, bandeira vermelhinha, Educação do Campo para todo Sem Terrinha".

Criança, presente!

As crianças estão presentes no MST desde o princípio, desde o primeiro acampamento em 1985. E elas se deram o nome de "Sem Terrinha" no seu primeiro encontro no Rio Grande do Sul, em 1994. A integrante do setor de Educação do MST, Maria Isabel Grein, afirma que os Sem Terrinha tem o que anunciar, tem o



que denunciar da criança da classe trabalhadora.

As crianças estão presentes no MST desde o princípio, desde o primeiro acampamento em 1985.

"Desde a busca pelo direito a educação, até a questão da terra, porque a terra não é só pra família, pros pais dela, mas a terra é um patrimônio que os pais vão conquistando na luta e sempre na luta, que a criança faz parte desse momento, junto com a família, com a comunidade, com os Sem Terra que aglomeram e vão junto conquistar aquele pedaço de terra", explica.

Segundo Maria Isabel, para o Movimento a criança é hoje um ser social que tem a sua autonomia, que tem o direito de se organizar, de auto organizar-se como criança e ir construindo os seus espaços dentro da própria organização.

Construindo espaços

Deusamar Sales Matos, do setor de Educação do MST no Pará, informa que na região Sudeste do estado é onde ficam os maiores assentamentos e acampamentos, e que cada um deles tem uma escola. "Então a escola tem sido pra nós um espaço de construção do conhecimento, mas também um espaço de cultura". [...] "É tanto que quando nós vamos selecionar as crianças pra participar das atividades da *Jornada dos Sem Terrinha*, o nosso primeiro contato é a escola".

"Para o Movimento a criança é hoje um ser social que tem a sua autonomia, que tem o direito de se organizar, de auto organizar-se como criança e ir construindo os seus espaços dentro da própria organização". Em uma dessas Jornadas, os Sem Terrinha decidiram que se os adultos elegem seus coordenadores por regiões e setores, as crianças também deveriam ter seus representantes eleitos. Iacia Beatriz Ferraz Moura que foi eleita como uma de suas representantes em 2017 – há pouco completou 13 anos, participa da Jornada dos Sem Terrinha desde os seis anos –, afirmou que "representar os Sem Terrinha pra mim é muito importante, a gente receber



as tarefas e cumprir e saber que isso vai servir de aprendizado para mim e para eles".

Processo pedagógico

Os Encontros dos Sem Terrinha costumam ser sínteses do que se busca construir junto às

crianças. No caso de Pernambuco, Rubneuza Leandro de Souza, (do Setor

O que a mídia não divulga

de Educação do MST) aponta que são trabalhadas as dimensões pedagógica, lúdica e política. A dimensão pedagógica vem desde a concepção da temática, do trabalho preparatório junto às crianças e durante a atividade. A dimensão lúdica perpassa a ornamentação, as oficinas, as vivências.

A própria marcha, que também é parte da dimensão política, é construída com elementos lúdicos, pois a temática escolhida vira alegoria e "a caminhada é organizada por alas, e essas alas trazem a temática que foi debatida durante o processo. Então a caminhada, além do colorido, além da temática, ela traz a dimensão da luta desde as crianças".

Outro elemento da dimensão política é o momento de negociação junto aos órgãos públicos, onde as crianças "sentam com as autoridades". E o mais bonito é como elas trazem as questões para as autoridades, com conhecimento de causa, com firmeza na voz, com postura e esses elementos.



Foto: Juliana Adriano

Encontro nacional

Em 2018, completou-se 24 anos do primeiro Encontro das Crianças Sem Terrinha, e em julho deste ano aconteceu o primeiro Encontro Nacional. Márcia Mara Ramos, integrante da coordenação do encontro afirma que umas das principais expectativas com o encontro era ouvir. "O que as crianças têm a nos dizer? O que elas pensam? O que elas querem? Como elas querem a organicidade do Movimento, pensando desde a infância?".

"Então a escola tem sido pra nós um espaço de construção do conhecimento, mas também um espaço de cultura".

Porque o MST sendo um movimento nacional, que ousa, nesse momento histórico, nessa conjuntura, proporcionar que crianças de todo o Brasil se encontrem, precisa incorporar o que dizem as crianças no seu processo constante de reinvenção.

Durante o ano de 2017, segundo Márcia, foram mais de 10 mil crianças envolvidas para discutir o encontro nacional, fazendo atividades nos acampamentos, nos assentamentos, nas regiões, estados. Em julho de 2018, segundo ela, mais de mil Sem Terrinha estiveram reunidos em Brasília, discutindo a pauta que faz parte do conjunto do Movimento, que é principalmente o debate sobre os direitos e também o tema da alimentação saudável.

Assim, em meio a encontros e elementos do cotidiano, os Sem Terrinhas, filhos e filhas da lona preta, herdeiros da luta pela terra, seguem no presente, ajudando a construir o futuro. E como nos diz João Pedro Casagranda Nascimento, de seis anos de idade, que vive no Assentamento Che Guevara em Passos Maia (SC), "ser Sem Terrinha é brincar, estudar, ir pra escola, comer coisa sem veneno, comida, arroz, feijão, cuidar da natureza, brincar com os amigos, é tudo de bom".

^{*}Publicado originalmente na Revista Especial Pedagogia da Terra _ Edição: Nilton Viana



MST - Repudia ataque da Record

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra vem a público denunciar e repudiar a distorção de informações veiculadas na noite deste domingo (10) no Programa Domingo Espetacular. A reportagem "A Polêmica dos Sem Terrinha" tem como único objetivo manipular a opinião pública e fortalecer o processo de criminalização de organizações populares, que lutam pela defesa de seus direitos.

Em um país, em que o número de analfabetos supera a marca de 11 milhões de pessoas e que 1 a cada 5 crianças está fora da escola, nos surpreende que um Encontro Nacional de Crianças Sem Terrinha, onde foi discutido temas como os direitos das crianças e a produção de alimentação saudável, seja classificado como doutrinário.

Reafirmamos que o Encontro, realizado em parceria com a organização Aldeias Infantis SOS, uma das mais respeitadas entidades que trabalha com a infância no país, teve as autorizações dos órgãos responsáveis e respeitou todos os padrões de segurança exigidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Destacamos ainda, que todas

as crianças tiveram autorização dos pais, conforme prevê a legislação, e além disso, todos os alvarás necessários foram emitidos pelos órgãos competentes, incluindo a Vara da Infância e Juventude.

A Rede Record, ao disseminar mentiras, não leva em consideração critérios mínimos de apuração e imparcialidade, faltando, entre outras questões, com a ética jornalística.

O Artigo 6º da Constituição Federal do Brasil prevê, dentre outras coisas, o direito à educação. Nesse sentido, o MST não só luta para que esse direito seja respeitado como também trabalha cotidianamente para que nos tornemos um país mais digno e, sobretudo, menos desigual. Temos uma longa trajetória de lutas pelo acesso à educação pública, gratuita e de qualidade em todos os níveis para as crianças, jovens e adultos.

Em toda a nossa história, foram conquistadas mais de 2 mil escolas públicas, reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC), nos acampamentos e assentamentos em todo o país, que atendem a crianças, adolescentes e adultos. Milhares de camponesas e camponeses, organizados pelo MST, tiveram acesso a alfabetização e se formaram no ensino fundamental, médio, cursos técnicos e em nível superior. Há filhos e filhas de famílias assentadas em mais de cem turmas de cursos formais e mais de 4 mil professores foram formados, a partir das lutas pela educação pública, considerada pelo Movimento enquanto um direito básico.

Enfatizamos, que enquanto movimento de luta pela terra, pela reforma agrária e pela transformação da sociedade, continuaremos defendendo os direitos e a cidadania plena para todas as pessoas, em especial aquelas que vivem no campo.

Por isso, nós não só lutamos como fomentamos a educação no país e, diante de tudo isso, exigimos não só imediato direito de resposta, como desafiamos a mesma emissora a se propor a um jornalismo sério e de qualidade que preze pelos fatos e não interesses políticos.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST 11 de fevereiro de 2019, São Paulo – SP



Apesar de Tudo Somos Esperança

Letra Ariulino Alves Morais (Chocolate) MST

O Movimento Sem Terra como e` que você cresceu quando você nasceu não tinha quase nada lá no barranco da estrada muitos policiais vigiando

E você ali cantando as vezes fazendo caminhada foi crescendo fazendo ocupação não sabia ler nem escrever só tinha vontade aprender.

Era impossível, estava acampado está na terra, mas ameaçados para muitos éramos gente perigosa não queriam conosco muita prosa Ah! Que triste o nosso passado.

Mas onde você achou tanto coragem começou juntar muita gente parece magica de repente se espalha por todo país parece que foi Deus que quis. ou a forca da necessidade inventou de ter felicidade e começa criar Raiz

O MST onde vai! se espalhou na América Latina

se juntou com La Via Campesina espalha de Sul a Norte enfrentar os perigos da morte se transforma na Grande Familia fugindo das grandes armadilhas e os ideais de falta de sorte

"O MST que nada sabia"
a não ser só trabalhar
nem tempo para estudar
agora chega a universidade
já` sabe e conhece a sociedade
conhece seus inimigos
sabe onde se produz os castigos
que destrói a humanidade.

Ah! o MST se transformando passa a ser transformador de colônia penal, pra trabalhador transformou-se Centro de Formação fazenda do tempo de escravidão agora e` a escola latina esta luta que ninguém imagina somos a luz para a escuridão!

Esta luta de dor e alegria
não esquecemos de quem
tombou
Companheiros que nos deixou
nos deixa lastro de saudade

O que a mídia não divulga

são lembrados em nossas festividades não cairão no esquecimento estão presentes em nossos eventos nossas escolas e organicidade.

Nos que lá no passado não tivemos tempo de aprender só sabia que um dia ia morrer não sabia certo a nossa cultura estamos estudando literatura o que era coisa do acadêmico os assuntos mais polêmicos que para nos parece loucura

MST nem sei mais como se deu esta mudança

mas você trouxe esperança para os jovens que vem surgindo temos universidade Fronteira Sul onde o céu e` mais azul

novas portas se vão abrindo

Obrigado MST
por tudo que proporcionou
pela ousadia que tudo ajudou
pela escola Florestan Fernandez
não somos maior, mas somos
grandes
somos hoje gente respeitada
seremos povos respeitados

"Se o MST não existisse, teríamos que criá-lo! Bendito seja o MST" - Dom Pedro Casaldáliga

Segunda Parte



COPAVI - Cooperativa de Produção Agropecuária VITORIA

Carta Aberta a População

Viemos através desta sensibilizar e tornar público aos munícipes de Paranacity e região, referente a situação das 25 famílias que ocupam a Fazenda Santa Maria (Saião), Parnacity desde o dia 19 de Janeiro de 1993. A área e` de 237 hectares e teve decreto de desapropriação no dia 30 de junho de 1988 e emissão de posse em 27 e agosto de 1992. Logo após a desapropriação da área o exproprietário para evitar a continuidade do

processo fez um contrato de arrendamento em novembro de 1988, com a Usina São Jose` S/A, de propriedade da família Meneguetti.

As 25 famílias do Movimento dos Trabalhadores rurais Se Terra, eram excedentes de outras áreas do Estado do Paraná, estamos debaixo de lonas desde 1988, reenvidando posse definitiva e sempre em negociação com o INCRA e nada de solução.

Nos descobrindo que a área estava desapropriada e com emissão de posse, constatando-se na vistoria feita por nós, que não tendo nenhuma família acampada sobre a área, por isso que nos ocupamos. Não entendemos porque desde 1988 que a área estava desapropriada e não tinha nenhuma família sobre ela? A Usina recebeu autorização para retirar a can em 5 de julho de 1993, pelo INCRA do Paraná e não retirou.

Entendemos que a área e' da União e tem que ser trabalhada e cumprir sua função social. Por esse motivo e pelo fato da usina não retirar a cana para a regularização definitiva do assentamento, nos resolvemos retira-la.



Esta atitude teve toda a segurança para não prejudicar a quem quer que seja e nem a intenção de criar conflitos ou afronta com a população local, até o momento já cortamos 27 hectares de cana. Hoje temos a autorização definitiva do INCRA NACIONAL para trabalhar e produzir nesta área.

Estamos preparando estes 27 hectares para fazer a plantação para produção de alimentos, lutando também contra a miséria e a fome.

Temos um projeto coletivo, em que os lotes não serão divididos, e títulos serão de propriedade coletiva, e para tanto fundamos a Cooperativa de Produção Agropecuária VITORIA (COPAVI). Em que as 25 famílias são associadas a ela.

A reforma agraria e' mais que necessária e antes de tudo o resgate da dignidade do homem do campo que sofre com a injustiça, pela grande concentração da terra. A reforma agraria só e' feita pelos próprios trabalhadores e por isso e' que exige grande forca de vontade, lutas e sacrifícios, para conquistar a terra.

O motivo desta carta aberta e' para pedir o apoio e acolhimento da sociedade local, acreditando que iremos contribuir para o desenvolvimento do Município e não sermos entendidos como perturbadores da ordem social e nem inimigos da população. Estamos com isso lutando também para eliminar a fome e a miséria em nosso Pais, nos unindo a Campanha Nacional de luta contra a fome.

Na certeza de sermos entendidos e acolhidos, agradecemos antecipadamente. Contamos com a visita de todos em nosso local de trabalho.

Como Nascem As Bandeiras

São assim agora as nossas bandeiras,
O povo bordou-as com a sua ternura,
Coseu os panos com o seu sofrimento.
Gravou a estrela com a sua mão ardente.
E tirou, da camisa ou do céu,
Azul para a estrela da pátria
O vermelho nascia, gota a gota.

– Pablo Neruda em Canto Geral





COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA VITÓRIA -COPAVI

Produção agroecológica rege o funcionamento de cooperativa no Paraná Por Daniela Bernadete Calza e Allan Francisco Ferreira* - Da Página do MST**

Através da organização do MST, no dia 19 de janeiro de 1993 foi ocupada a Fazenda Santa Maria, a área de 230 hectares que estava desapropriada para fins da Reforma Agrária, com emissão de posse concedida desde 30 de outubro de 1992.

O Assentamento Santa Maria faz divisa com o perímetro urbano da cidade de Paranacity, está localizado no noroeste do Paraná, numa distância desde a sede do município à capital de 496,74 km. As 16 famílias que iniciaram esse processo eram oriundas das regiões sudeste, centrosul e sudoeste do estado do Paraná.

Desde o princípio, onde permaneceram em torno de um ano acampadas até a regularização do Assentamento, o objetivo das famílias foi desenvolver a organização do acampamento e consecutivamente o Assentamento de forma coletiva e comunitária a fim de garantir sustentabilidade econômica e social das famílias.



Neste sentido foi fundada no dia 10 de julho de 1993 a Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória Ltda. – COPAVI. Desde então todo o sistema de funcionamento do Assentamento, o regimento interno, a forma de divisão de trabalho, a organização administrativa, as discussões e decisões coletivas, estão ligados à forma de organograma da cooperativa.

Além da forma de organização da cooperativa, as famílias viram a necessidade de o modo de produção ser de forma diferente ao convencional, foi então que a partir de iniciativas dentro do grupo e das discussões do MST acerca das necessidades de mudança da matriz tecnológica, tal mudança foi colocada em pauta no IV Congresso Nacional do MST.

Iniciou-se assim, de forma mais expressiva e direta o entendimento da cooperativa e a decisão política da opção pela agroecologia.

Neste sentido foi iniciado experiências na horta, após a cana e em seguida a pecuária leiteira.

A formação inicial sobre agroecologia no assentamento se deu através da rede ECOVIDA! Também houve intercâmbios para conhecer diferentes realidades produção orgânica. A partir disso, a COPAVI contou com o apoio de pesquisadores na área em agroecologia iunto de cursos capacitação, até mesmo cursos de nível médio tecnólogo em agroecologia para associados (as) da cooperativa.





Atualmente fazem parte da cooperativa vinte e duas famílias, as quais estão organizadas através de núcleos de base, esses são espaços para formação e discussões políticas e encaminhamentos práticos do cotidiano das famílias e da cooperativa.

O trabalho na cooperativa é organizado em quatro setores, os quais são representados por coordenadores, eleitos nos setores e são responsáveis nas reuniões e organização da parte executiva das atividades. Atualmente há quatro setores, setor de Cana de açúcar e derivados, pecuária leiteira e Sustento familiar e de Apoio.

Setor de cana e derivados

O processo de industrialização da cana de açúcar iniciou logo no acampamento em 1993, porém as primeiras experiências foram feitas em um pequeno engenho manual, onde era fabricado caldo de cana e rapadura, no entanto a produção era pequena e sem muita saída para o comércio.

No início da produção tinha-se dificuldade em produzir um açúcar com qualidade, mas a partir de cursos conseguisse uma qualidade melhor do produto com isso aumentou a demanda. Em 2001 iniciou-se, ainda com poucas estruturas, a intensificação da produção.

Em 2004 a partir do aumento da demanda de açúcar cana de açúcar foi necessária a utilização de cana adquirida de sitiantes, fora do Assentamento, com isso o aumento da mão de obra fazendo com que fosse contratado mais trabalhadores.



Atualmente a estrutura para a produção dos derivados de cana de açúcar foi ampliada onde foram instalados novos equipamentos, os quais melhoraram as condições de trabalho e a qualidade final da produção.

A preocupação com a destinação dos resíduos (bagaço de cana) produzidos pela atividade sempre é uma preocupação tendo em vista o volume de bagaço produzido a partir da moagem da cana, com isso se tem um melhor aproveitamento do bagaço da cana, que hoje é utilizado para a fabricação de compostagem, e também é usado como geração de energia para a caldeira através da queima do material.

Produção de Cana de Açúcar Agroecológica

A produção de cana de açúcar agroecológico no Assentamento princípio acontecia de forma natural sem uso de insumos externos e somente poucos. No internos, mas notava-se a necessidade de melhorar a fertilidade do solo 6 consecutivo produção, aumento na com esse propósito a partir de 2009 foram feitos vários experimentos. tais como: adubações compostagens, com



utilização de pó de rocha, enlerramento da palha, consórcios com adubações verdes, entre outros.

Este trabalho de pesquisa ainda acontece, fica o desafio de alcançar o manejo mais adequado do solo, seleção de variedades, entre outras técnicas que garantam a fertilidade do sistema como um todo.

Atualmente o plantio da cana é realizado após o cultivo de adubações verdes, para a reforma dos canaviais usa-se a Crotalária juncea, esta eleva o nível de matéria orgânica, ajuda no controle da nematoide do solo, aumenta à disponibilidade de nutrientes importantes a cultura e consecutivamente melhora a fertilidade do solo.

Além da adubação verde é feito adubação complementar com aplicação de calcário, fosfato natural (Gafsa) e sulfato de potássio. Em áreas chamadas de "cana soca", ou seja, plantios após o primeiro corte até aproximadamente cinco anos, é feito adubação de cobertura com cama de aviário e sulfato de potássio, com o auxilio de um cultivador mecânico.

O manejo das plantas espontâneas é feito com capina manual e capina com tração animal. Há também o enleramento da palhada após o corte da cana, o qual além de proteger o solo da erosão, garante matéria orgânica contribui para o controle das mesmas, além de criar condições para o desenvolvimento de microrganismos que garantem a fertilidade do sistema.

O controle a broca da cana-de-açúcar (*Diatraea saccharalis*) é feito com o controle biológico utilizando-se das vespinhas (*Cortesia flavipes*).



A partir do avanço no plantio e manejo da cana de açúcar se teve uma melhora na produtividade de 20% e conservação do canavial, atualmente a média de produção é de 65 a 70 toneladas por hectare, atingindo até cinco cortes por plantio.

Atualmente a COPAVI dispõe de 80 hectares de cana de açúcar, sendo que essas áreas são manejadas de forma agroecológica e necessita ainda em torno de 12,4 hectares adquiridos de fora do Assentamento. As variedades mais utilizadas são: 8675-15, 96-6928, 92-5211, uma variedade desconhecida, e a precoce RB855156. As variedades de ciclo tardio são feito o primeiro corte com 18 meses e a precoce com 12 meses.

Algumas iniciativas de caráter experimental têm se iniciado na cana de açúcar a partir do consórcio com espécies florestais o chamado sistema silviagricola, que consiste em fazer o uso da terra para produção simultânea de culturas semi perenes e florestais.

O MST, UM OUTRO OLHAR

O que a mídia não divulga

A partir das características silviculturais e dos objetivos a serem alcançados a médio e longo prazo foram selecionadas algumas espécies florestais conhecidas popularmente por mogno – africano (*Khaya senegalensis*) originaria de países do continente africano e outra espécie da flora brasileira o pau – rei (*Pterygota brasiliensis*).

Também se cultiva o feijão aproveitando um novo plantio de cana de açúcar, e o cultivo de mandioca está em fase de experimento junto às espécies arbóreas.

Agroindústria

A COPAVI industrializa três produtos a partir da cana de açúcar, o açúcar mascavo, cachaça e o melado. A produção de açúcar mascavo é de 1,6 toneladas por dia sendo 30 toneladas por mês, deste montante 85% é para o mercado institucional e 15% venda lojista em várias regiões do Brasil e alguma venda para o exterior.

A venda da produção do melado é feita 50% para atacadistas, no caso fábrica de bolachas, 30% para lojistas e 20% mercado institucional. Tendo uma produção mensal de 6500 kg.

A produção de cachaça tem grande demanda principalmente para fora do país, no entanto no momento está sendo feito reformas para retornar a produção. Uma pequena quantidade da produção é feita diretamente ao consumidor em Paranacity. *Daniela Bernadete Calza é são Tecnóloga em Agroecologia e Allan Francisco Ferreira é Engenheiro Florestal;

ambos Associados da COPAVI. **Este texto foi originalmente produzido pela cartilha da 12° Jornada de Agroecologia.



A ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA COPAVI

(Fonte o Trabalho de Fernanda Targa Messias, intitulado *"Uma Analise da Utilização de Relações Publicas Na Formação de Estratégias Politicas Pela COPAVI*)

Os cooperados moram numa vila com água encanada, energia elétrica e fossa. Tem um refectório onde eles tomam café' de manhã e almoçam juntos. O jantar acontece nas famílias individualmente. Tem um escritório que serve como recepção e cuida da administração em geral. Em 25 anos a Cooperativa desenvolveu este trabalho:

- Uma usina pequena para a pasteurização e leite e seus e seus derivados;
- Uma unidade para secagem de frutas e outra para processamento de alimentos a` base de cana de açúcar;

- Os moradores que são maiores de 18 anos são associados da cooperativa e participam diretamente da produção e comercialização;
- Cada família receba em média uma renda mensal de R\$ 2500.00.
 Tem um detalhe: contrariamente a que o acontece no mundo do trabalho, aqueles que sofrem mais, como os cortadores da cana, recebem o valor da hora até 20% maior que cargos menos exigentes;
- Os assentados s\u00e3o isentos de pagar moradia, agua e boa parte de alimentos consumidos;
- Ainda são produzidos de forma industrializada produtos para a comercialização regional, nacional e até` internacional e que os associados pagam o preço de custo - tais como iogurte, queijo, doce de leite, cachaça, açúcar mascavo, melado, verduras orgânicas, pão, cuca e biscoito;
- A comercialização se dá fortemente por conta do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que chega em escolas estaduais espalhadas por 27 municípios. São incluídos neste programa o fornecimento para escolas estaduais e municipais do Parancity e Cruzeiro do Sul;
- Por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da Conab, a Copavi vende aproximadamente 100 toneladas do açúcar por ano;
- Alguns produtos são vendidos em padarias, supermercados, direito ao consumidor inclusive em municípios como Paraiso do Norte e Maringá;
- O açúcar mascavo, carro chefe da cooperativa, chega em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Mato Grosso;
- Espanha, Franca e Itália são alguns dos países que importam o açúcar e a cachaça da Copavi.



O excedente financeiro, originado ao longo do ano, que pode chegar até R\$ 200.000,00 são repassados 1% ao Fundo de Apoio ao Reforma Agraria; 35% para a divisão entre os sócios cooperados conforme numero de horas trabalhadas; 45% ao Fundo de Reserva de Capital, Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social e ao Fundo de Investimentos; o restante (19%) destina-se ao aumento do capital social da cooperativa.

Há uma forte preocupação com a formação e participação política e profissional dos assentados. Parte do lucro obtido e` reinvestida naqueles que desejam se capacitar. Os liberados, como são chamados aqueles que exercem atividades fora da cooperativa, seja por motivo de estudo ou outras atividades, mantem-se vinculados ao grupo, exercendo inclusive algumas atividades internas.

A gestão organizacional e administrativa e` estabelecida de forma de forma democrática. A instancia máxima e` a Assembleia Geral que elege uma Diretoria, um Conselho Fiscal e um Conselho Deliberativo. Os cooperados são eleitos por três anos com o direito de poder ser eleitos por mais três anos. A Cooperativa se organiza em três setores. O coordenador de cada setor compõe o Conselho Administrativo. Tem também dois núcleos de apoio ao desenvolvimento do assentamento. Nestes núcleos todos os cooperados e jovens a partir de 14 anos podem participar.

COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA VITÓRIA (COPAVI)

22/11/2008 Antonio Ozaí da Silva MST



Neste 17 de novembro, vivenciei uma experiência marcante: estive, pela segunda vez, na Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória (COPAVI).A visita foi organizada pelo Prof. Alexander Hilsenbeck (DCS/UEM) e teve a participação dos estudantes dos cursos de Administração, Ciências Sociais, Educação Física, Engenharia de Alimentos, Filosofia e Zootecnia. Fomos recebidos por um jovem de 26 anos, o Alex, responsável por nos acompanhar e apresentar as atividades e dependências da COPAVI, bem como expor a sua história e do MST e responder às questões formuladas. A conversa se deu assim que chegamos e no período da tarde, após almoçarmos – cada um lavou os pratos e talheres que usou – e conhecermos as instalações. Sempre acompanhados pelo Alex, que, paciente e didaticamente, explicou-nos o funcionamento de tudo, como o setor de laticínio e o da produção do açúcar mascavo e a cachaça para exportação.

Durante a caminhada na "Terra Libertada", assim como nos momentos dedicados especialmente ao diálogo, ficou nítido o desconhecimento de muitos de nós sobre a realidade social e política da estrutura agrária

O MST, UM OUTRO OLHAR

O que a mídia não divulga

brasileira e a importância de experiências como esta na luta pela reforma agrária. As conversas ajudaram a romper eventuais preconceitos sobre o MST e os trabalhadores sem-terra. Por outro lado, também mostraram os impasses e limites de um sistema coletivista, tendencialmente auto gestionário, porém inserido num contexto social em que predomina a propriedade privada – mesmo na maioria dos assentamentos do MST – e cujos fundamentos são a competição e o acúmulo de lucros.



Isto, é claro, reflete-se na COPAVI. Seus associados não estão isentos dos valores e condicionantes capitalistas. A cooperativa é parte de um movimento social e político, mas é também uma empresa – ainda que administrada coletivamente. Como tal, vê-se obrigada a interagir com o mundo à sua volta. Não se pode viver numa sociedade isolando-se completamente dela. A sobrevivência dos cooperados e dos seus filhos

depende de relações sociais que contradizem os princípios que os orientam.

A visita foi uma verdadeira aula de administração, história, sociologia, política etc. Iniciativas como esta merecem ser repetidas, pois desconstroem o mito de que o conhecimento legítimo é apenas o



do *campus* e que só se aprende e se ensina no espaço da sala de aula. O que ouvimos, vimos e falamos neste dia foi, provavelmente, mais impactante do que várias aulas sobre o tema. Todos aprendemos com esta experiência. Enquanto ouvia e observava me peguei a sonhar: e se o Brasil e o mundo fossem assim? Claro, como toda construção humana, há problemas e limitações. Porém, do ponto de vista social, estaríamos bem melhor. Será a COPAVI o gérmen de uma utopia social comunista auto gestionária? Ou, pelo contrário, se restringe a uma "ilha" cercada por um oceano que a deixa existir apenas para envolvê-la em suas águas e mantê-la sob controle? São contradições e limites que parecem insuperáveis. Certa vez, comentando estas utopias, um aluno me disse: "É inexequível!" Será que ele está certo ou experiências como a COPAVI demonstram seu

O MST, UM OUTRO OLHAR

O que a mídia não divulga

equívoco e comprovam que outro Brasil e outro mundo é possível? Neste caso, prefiro ser otimista, sem perder o senso da realidade. E você?

A Revista Piauí fez uma matéria esclarecedora, assinada por Luiz Maklouf Carvalho, sobre a história e o cotidiano dos homens e mulheres, adultos e crianças, que habitam a COPAVI. Ver "O modelo Vitória", disponível ehttp://www.revistapiaui.com.br

Essa contradição foi explicitada na fala do nosso anfitrião, o Alex, e também no discurso de outra personagem dessa história citada na matéria da **Revista Piauí**: "Sempre preferi a experiência coletiva", disse Solange na varanda de sua casa. "Ela é mais eficiente para a produção e tem a grande vantagem de poder liberar gente para a mobilização do movimento: se a propriedade é individual, fica-se no dilema de tocar o lote ou tocar a luta." Ela completa 46 anos neste junho, vinte deles no MST. "Nada é fácil por aqui, mas estamos mostrando que mesmo dentro do capitalismo é possível tentar uma sociedade diferente", falou. Pensou mais um pouco, e complementou: "Ainda há muitos traços capitalistas na nossa forma de produção. Se quiser sobreviver, a gente tem que entrar no esquema do mercado. O ideal seria trabalhar direto com o consumidor, mas, para sobreviver, ainda precisamos do intermediário. É uma luta constante. E

ainda temos famílias não que estão contentes." As casas, benfeitorias, o produto das vendas, tudo é propriedade coletiva. "O sentimento do 'meu' está muito enraizado". disse "É Solange. muito difícil passar a pensar no 'nosso'





COPAVI CELEBRA 15 ANOS

Chiara Papali - Reportagem

Vários pessoas e representantes de entidades Maringá de região е prestigiaram os 15 anos da Cooperativa Agropecuária de Produção Vitória (COPAVI), fundada em julho de 1993 no Assentamento Santa Maria. Paranacity, onde antes era um latifundio improdutivo. Entre os presentes estavam o

padre João Caruana, integrantes do PT, da Conlutas e CUT, além dos assentados de vários regiões pertencentes à Via Campesina e MST.

O mestre de cerimônia e animador foi o "Zumbi" ex-secretário de Agricultura da gestão do PT e que vive naquela comunidade. 2006 Copavi completa 15 anos e prova que alimentação orgânica e saudável é possível.





O DR. ROSINHA, VISITOU A COOPERATIVA

Foto: Ana Paula Schreider/PT Paraná

A Copavi (Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória), de Paranacity, comemorou 25 anos de trabalho coletivo, voltado para a produção de produtos orgânicos.

Dr. Rosinha, presidente do PT-PR, visitou o Assentamento Santa Maria, onde se localiza a Copavi, e destacou a importância desta construção coletiva.

"Neste momento em que um Parlamento vendido para multinacionais aprova no Brasil leis que liberam venenos e impedem a comercialização de produtos agroecológicos nos mercados, a Copavi prova que é possível vencer e alimentar as pessoas com produtos orgânicos e saudáveis", destaca Dr. Rosinha.

A COPAVI

Criada a partir do Assentamento Santa Maria, a COPAVI já nasceu coletiva, a partir da decisão dos integrantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Solange, que faz parte da cooperativa, diz que no início, a área de 236 hectares era apenas coberta por cana. "Hoje, tudo o que tem aqui é fruto do nosso trabalho, da organização de 22 famílias, de 68 pessoas trabalham na cooperativa, além do MST, que ajudou nesta conquista". Além

da famílias, outras 16 pessoas de fora do assentamento trabalham na Copavi.

Jaques, que também mora no assentamento, diz que a cooperativa é extremamente importante. "São 25 anos de lutas e conquistas, com o apoio de diversos companheiros e organizações, incluindo, o Dr. Rosinha". Entre as principais atividades desenvolvidas na cooperativa está a produção de açúcar, melado, laticínios, panificados e hortifruti.

A exportação da cachaça é um grande destaque da produção da Copavi. A destilaria ganha cada vez mais atenção internacional, com a produção de uma cachaça orgânica.

COPAVI, COOPERATIVA DO PARANÁ, TERÁ O SELO ORGÂNICO NA PRODUÇÃO DE LEITE

16/12/2016

A cooperativa localizada na pequena cidade de Paranacity. noroeste do estado do Paraná, se prepara para vender leite com o selo orgânico e, se tudo correr como o esperado. partir de 2017 а moradores das regiões próximas já poderão comprar o produto com o selo de totalmente orgânico.



Solange Parcianellu Pellenv, vice-presidente da Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória Ltda (Copavi), conta que a plantação de verduras já leva o selo orgânico e que é da principal matéria-prima da cooperativa, a cana-de-açúcar, que saem o melado e a cachaça, também orgânicos. Sobre o leite, Solange explica, "Temos mini laticínios, embalamos o leite à mão e entregamos em três municípios, no entanto, ainda como produto convencional. Estamos há quatro anos na luta, fechando o ciclo de um ano, sem adubação, sem antibiótico, com todos os cuidados, para ter esse selo".

Essa mudança também irá refletir na renda dos agricultores da cooperativa, "o que eles ganham hoje, com a venda do leite produzido por 200 cabeças de gado, seria substituído pela produção de apenas 40, sendo essa produção totalmente orgânica", afirma Solange.

O estado, segundo dados divulgados pelo governo do Paraná, fechará 2016 com o título de maior produtor de alimentos orgânicos do país e o segundo com o maior número de propriedades certificadas para a produção de orgânicos. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento são ao todo 1.966 propriedades.

O selo orgânico garante a procedência e a qualidade orgânica de um produto, simbolizando não apenas produtos isolados, mas também os processos mais ecológicos de plantação, cultivo e colheita de alimentos. Algumas políticas públicas vem atuando a favor dos agricultores orgânicos. O PNAE, Programa Nacional de Alimentação Escolar, é um dos mais acessados pelos 38 agricultores associados à Copavi.

O PNAE foi implantado em 1955 e, segundo o site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, contribui para o crescimento, o desenvolvimento, a aprendizagem, o rendimento escolar dos estudantes e a formação de hábitos alimentares saudáveis, por meio da oferta da alimentação escolar e de ações de educação alimentar e nutricional. São atendidos pelo Programa os alunos de toda a educação básica (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos) matriculados em escolas públicas, filantrópicas e em entidades comunitárias (conveniadas com o poder público), por meio da transferência de recursos financeiros.

Eles atendem cerca de 29 municípios com bolos, bolachas e verduras. "É uma forma que temos de escoar nossos produtos. É um bom programa porque a gente planta, vende e tem o dinheiro certinho ali. Isso é uma segurança para as 22 famílias que vivem aqui", garante Solange.

A Lei dos Orgânicos

Regulamentada em 2011, a Lei nº 10.831 estabelece um selo único como padrão para todo o território nacional. O símbolo, presente nas embalagens dos produtos, diferencia o produto orgânico dos produtos convencionais para o consumidor. Para obter a certificação é preciso passar pela avaliação da OAC (Organismo de Avaliação da Conformidade Orgânica), credenciado junto ao MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Mas, é possível comercializar produtos orgânicos se

organizando em grupos e efetuando um cadastro junto ao MAPA para realizar a venda direta para o consumidor sem certificação.

COPAVI, NO PARANÁ: 22 ANOS DE PRODUÇÃO SOLIDÁRIA

Por José Maschio – Jornalista da Folha de São Paulo.

A Copavi (Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória), de Paranacity (noroeste do PR), é a experiência mais longa, no Paraná, na produção coletiva e solidária. Neste ano irá comemorar 22 anos de trabalhos coletivos. E a maioridade chegou com um novo desafio, que é o de transformar toda produção da cooperativa em orgânica. Hoje, apenas o leite produzido e seus derivados estão em fase de transição, os outros produtos já são totalmente orgânicos.

Criada a partir do Assentamento Santa Maria, a Copavi já nasceu coletiva, a partir da decisão dos integrantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), que iriam ser assentados, de optar pela exploração coletiva da terra libertada.



A área, pequena, de apenas 236 hectares, e degradada pelo plantio contínuo de cana-de-açúcar, exigiu muito esforço para ser recuperada, lembra Adilson Gumieiro, o Maguila, um dos coordenadores da cooperativa.

A maior dificuldade, no entanto, não foi o trato com a terra, mas sim a adaptação ao novo sistema produtivo, em que o "nós" teria que substituir o "eu" na tomada de decisões sobre o uso do solo. Houve desistências,

Gumieiro mesmo só chegou à Copavi em 1997, quatro anos depois da criação do coletivo.

Outro problema foi vencer a resistência e o estranhamento da população local, com a nova maneira de produzir dos "intrusos". Paranacity, com uma população de pouco mais de 10 mil habitantes, com um mercado de trabalho baseado em empregos nas usinas da região, não recebia bem os sem terra.

Hoje, no entanto, a integração é tanta que o mercado local absorve grande parte da produção da Copavi, atesta Ildo Roque Calza, presidente da Copavi e um dos pioneiros na produção coletiva.

Coordenação Rotativa



A administração da cooperativa é feita em um esquema rotativo, com a presidência e coordenadores de áreas (produção pecuária, cana, hortaliças, indústria e panificação) sendo substituídos sempre que os 45 sócios, de 22 famílias que

vivem no assentamento, julgarem necessário. No total, 61 pessoas vivem no local.

No início, as tarefas diárias eram decididas por todos no café da manhã coletivo. Hoje, com o aperfeiçoamento das relações de trabalho entre as famílias, são os coordenadores de área que decidem, inclusive com deslocamento de trabalhadores de uma área para outra sempre que necessário.

O hábito de o café da manhã e do almoço coletivo, no restaurante comunitário, foi mantido, como forma de manter a coesão das famílias envolvidas no projeto. Apenas a alimentação noturna é feita individualmente na casa de cada família, como forma de manter a privacidade de cada núcleo familiar.

O MST, UM OUTRO OLHAR

O que a mídia não divulga

Nos primeiros dez anos, o escoamento da produção – especialmente de legumes e hortaliças – forçava os integrantes da Copavi a se deslocarem para Maringá (maior cidade da região) e oferecerem seus produtos em feiras livres.

Hoje isso não se faz necessário, com grande parte da produção destinada à merenda escolar, com a cooperativa inscrita no PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar). Atualmente, 90% dos produtos panificados, 50% da produção de hortaliças e legumes e 20% da produção de leite são comprados pelo PNAE.

A distribuição da venda se dá da seguinte forma:

- Açúcar e melado: clientes atacadistas, lojas de produtos naturais e indústrias de alimentos;
- **Panificados**: 90% são para merenda escolar e o restante para venda direta ao consumidor final;
- **Hortaliças e legumes**: 50% para merenda escolar e o restante direto ao consumidor final;
- Leite: para mercados e padarias locais 40%; consumidor final 40% e merenda escolar 20%.

Produtos: (produção de 2014)

Açücar mascavo: 386 toneladas
Melado de cana: 85 toneladas
Pão caseiro: 4200 kg
Bolo simples: 32300 kg
Biscoito caseiro: 5800 kg
Hortaliças: 3500 kg
Legumes: 4150 kg
Leite: 245 mil litros
Iogurte caseiro: 7,1 mil litros

Açúcar, Melado, hortaliças e legumes são orgânicos. Leite e derivados está em fase de transição.

Assentamento do MST no Paraná produz e exporta cachaça para a Europa

Cooperativa fatura até R\$ 50 mil por ano só com a venda do produto. Comunidade é considerada modelo pelo Incra.

Luciana RossettoDo G1, em São Paulo



Assentamento fatura entre R\$ 40 mil e R\$ 50 mil só com venda de cachaça

Acabou o tempo em que o único objetivo dos sem-terra era o cultivo destinado somente à subsistência. Hoje, de olho no mercado, famílias de um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) investem na produção agroecológica e exploram até potencial de exportação de seus produtos.

É o caso da cachaça da marca Camponesa, que é produzida no Assentamento Santa Maria, em Paranacity (PR), onde vivem 21 famílias – cerca de 70 pessoas - que formam a Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória Ltda (Copavi). Parte da produção anual de 10 mil litros da cachaça é exportada para a França, além de ser vendida também em todo o Brasil.

Histórico de Chicão!



"A vida antes de participar do MST era muito difícil, quando tinha feijão, faltava o arroz, quando tinha banha faltava o sal. Numa reunião que tinha com outros trabalhadores rurais em Guairá juntamente com o Frei Luís, reparei que não tinha outra saída, porque também a situação de outras famílias era a mesma!

"Nosso primeiro acampamento, eu cm minha família e mais um grupo de sem-terra da mesma região, saímos da Guairá e acampamos na Vila Góes Cascavel. Depois acampamos e Guaraniacu, depois em frente o Palácio Iguaçu. Dai saímos ocupamos a fazenda Imbauzinho onde foi legalizado onde legalizado 0 assentamento Imbauzinho, onde eu contribui para o crescimento do MST na região Norte:

três assentamentos no município de Reserva, dois no município de Ortigueira, dois no município de Londrina e um em Telemaco Borba.

"Depos de sete anos de trabalho na região norte, fui convidado pela direção estadual par vir a Paranacity e contribuir na formação de uma cooperativa. Entao no dia 19 de Janeiro de 1993 ocupamos a fazenda Santa Maria. E depois de muito esforço e dedicação fundamos a Cooperativa COPAVI no dia 10 de Julho 1993.

"E aqui na região noroeste também contribui para o avanço do MST – um assentamento em Atalaia, dois e Sto Ignacio, três no município e Itaguaje, em São Joao do Caiua, cinco em Terra Rica e um em jardim Olinda, e um pre-assentamento em Cruzeiro do Sul.

"Antes desses assentamentos e pre-assentamento me desloquei de Ortigueira para acompanhar os companheiros que estavam na fazenda Criciúma em Reserva para ocupar a fazenda Pontal do Tigre em Querencia do Norte. Chegando la` o companheiro Agostinho se encarregou de cortar os fios da cerca e eu cravei a bandeira do MST!

"No Município do Campo Bonito, quando teve aquele conflito, quando Teixerinha foi executado, foi quando a Direção Estadual pediu para a COPAVI indicar alguém para acompanhar os companheiros de Campo bonito.. Os meus companheiros me indicaram e fiquei lá` por noventa dias, contribuindo com a organização do grupo. Em terra Rica plantamos a bandeirado MST em três fazendas: Aguas do Corvo, Santa Lucia e São Paulo.

"Para o MST continuar crescendo forte tem de investir sempre mais na formação dos militantes, dirigentes frente de massa, educação, produção e industrialização de seus produtos, numa aliança entre o campo e a cidade!"





Cooperativa de Comercialização da Reforma Agrária Avante Ltda

Descrição:

A cooperativa comercializa produtos da marca Alimentos Campo Vivo, oferece uma variada linha de produtos, como queijos, iogurtes, leite pasteurizado, ricotas, manteigas e arroz.

O compromisso em oferecer produtos com alta qualidade faz da empresa Campo Vivo, orgulhosamente uma das melhores empresas.

Histórico:

Implantada desde 1995, a Cooperativa de Comercialização da Reforma Agrária Avante Ltda (Coana) potencializa desde então a produção

dos assentados, hoje é a maior base produtiva de grão do estado do Paraná.

A COANA tem sede no munícipio de Querência do Norte e é constituída exclusivamente por famílias camponesas que têm como expressão maior o fortalecimento do cooperativismo, é o fruto do esforço coletivo de seus associados. Atualmente conta com 852 cooperados.

Arroz polido e integral, queijo mosarela, nozinho, palito, trancinha de provolone, manteiga, leite empacotado e iogurte são alguns dos produtos agro industrializados e comercializados pela COANA. A produção de arroz é a maior de todo o Paraná, representando cerca de 33% do total produzido dentro do estado. São 40 toneladas por dia; o que anualmente se reflete em 250 mil sacas de arroz. O arroz sai empacotado da agroindústria, com o detalhe de que o plantio feito pelos camponeses é sem agrotóxicos.

Na agroindústria do lacticínio a produção gira em torno de 19 a 20 mil litros de leite por dia. De fato, a cooperativa permitiu aos assentados a organização da produção, industrialização e comercialização. Para além da cooperativa os agricultores também criam porco, galinha e cabrito, e plantam diversos alimentos, como mandioca, batata, feijão e hortaliças A cooperativa fica na Rodovia PR 218 PR 01. Sitio coana, Estrada Porto Felicio em Querência do Norte PR.

A COANA também nasceu fruto e juntos com muita luta. Deu início em 1986 ainda no tempo de grandes acampamentos com número pequeno de 35 famílias nomeado Grupo UNIAO que depois passou a ter 200, 300, 400, 600 famílias. Hoje o número e' em redor de 1000 famílias. Desde 1988 passaram 30 anos. Entre '88 e '95 não houve nenhum apoio do governo sem assistência técnica, sem semente para plantar — era tempo do Governo Álvaro Dias. O Governador criou um movimento contrário ao MST chamado *Movimento Pacífico* que deu em nada. Mesmo assim, em tempo de dificuldades, os camponeses dos dois movimentos trabalharam juntos fazendo caminhadas. O povo aprendeu distinguir deixar os problemas pequenas ao lado e concentrar sobre problemas maiores, tais como quando o Grupo de Ataia que num certo momento teve 4000 bois e estava ameaçando todos os camponeses.

Chamando um encontro era difícil. Não tinha telefone, não tinha carro, tinha nada. Os avisos foram dados a cavalo. Aprenderam ser

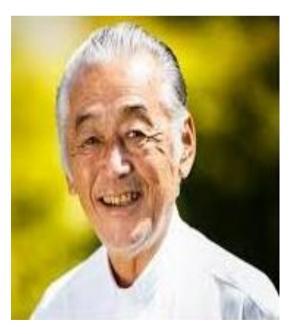
eficientes, num menos de meia hora conseguiram passar recado às lideranças espalhadas em 10.000 hectares! Os camponeses, com MST na frente, conseguiram fechar estes 4000 bois na mangueira e chamar a imprensa. As autoridades e a sociedade em geral repararam que não pode ficar assim - o grande ameaçando o pequeno. Em três dias houve um leilão com apoio do judiciário, e o fazendeiro acordou e prontificou de levar o gado numa fazenda distante.

Um outro momento forte de colaboração aconteceu na luta para ter escola, posto de saúde, telefone, energia e documento da posse. Conseguiram ter uma escola de la IV série como também de segundo grau. Um posto de saúde que funcionou duas vezes por semana e providencia remédios. Tem jovens estudando para o mestrado na faculdade que se encontra no assentamento 08 de julho em Laranjeiras do Sul, como para doutorado em São Paulo, fazendo pesquisa sobre a produção ecológica e a erve mata.

Dois grandes amigos do MST







Padre Roberto Takeshi Kuriyama

Noroeste do Paraná: a prosperidade via assentamentos

Solange Engelmann, Curitiba (PR)

O MST chegou em Querência do Norte, Noroeste do Paraná, há 18 anos, quando ocorreu a primeira ocupação, na fazenda Pontal do Tigre. Quando os sem-terra chegaram na região, a relação com a sociedade foi difícil, mas hoje o movimento é referência para os trabalhadores rurais e urbanos da região. Hoje, existem nesta cidade e em Monte Castelo cerca de 1.200 famílias ligadas ao MST. Esses trabalhadores vivem em 11 assentamentos, um pré-assentamento e um acampamento. "Aqui a luta não foi fácil por ser uma região dominada por grandes fazendas com uma burguesia muito atrasada, mas como a população era muito pobre isso contribuiu para a conquista dos assentamentos", relata Pedro Cabral, coordenador do MST.Querência do Norte e Monte Castelo eram duas cidades muito pobres e pouco desenvolvidas.

Com a chegada do movimento grande parte da população que não tinha trabalho, conseguiu um pedaço de terra para produzir o sustento da família. "Além de conquistar a terra, essas pessoas conquistaram a cidadania. Hoje, são donas do seu próprio destino e tem uma vida econômica melhor", comemora Cabral. As famílias assentadas da região têm uma produção variada, mas atualmente a principal linha é o leite. Todo mês são produzidos cerca de 30 mil litros, além de 200 mil sacas de arroz, 800 alqueires de mandioca e outros produtos para a subsistência e venda em menor escala. Também há vários assentados que estão desenvolvendo o projeto de leite orgânico. Para organizar a comercialização e agregar valor; produção, em 1996, os trabalhadores do MST organizaram a Cooperativa de Comercialização e Reforma Agrária Avante (Coana), que também discute; assistência técnica aos assentados.

A cooperativa implantou uma plataforma de resfriamento de leite, que recebe por mês cerca de 10 mil litros dos assentamentos. O posto de resfriamento está sendo adaptado para empacotar o leite, produzir queijo, iogurte, doce de leite e outros derivados. Marli Brambilla, da coordenação da Coana e do MST, explica que essa é uma forma de agregar valor ao produto, aumentando a renda repassada aos assentados. Os

O MST, UM OUTRO OLHAR

O que a mídia não divulga

trabalhadores também estão empacotando arroz e vendendo para a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), que distribuiu o produto para entidades filantrópicas, quilombolas, comunidades indígenas e acampamentos de trabalhadores rurais.

Dialogo com Assentados....

Delfino é hoie um produz assentado que arroz orgânico, tem uma filha que laticínio trabalha no da Que cooperativa. após а perseguição que a Cooperativa sofreu entrou em grandes dificuldades. Ele conseguiu passar um pouco de leite na merenda escolar tais como iogurte e queijo. Desde 1984 Delfino participou na



Pastoral da Juventude Rural onde conversavam muito sobre a realidade brasileira, a teologia da libertação e outros assuntos afim. O MST estava se formando ainda, e um acampamento estava se engrossando na região. Terminando a ditatura militar, ele foi visitar um amigo num acampamento e ficou sabendo que o Governador Jose Richa estava prometendo terra. Delfino foi falar com o seu pai que deixou claro ao filho que ele não vai ser capaz de comprar terra para os seis irmãos! Em 1986 um amigo de Marilândia chamou ele para entrar no MST. Tinha na época um acampamento em frente do Palácio do Governador e juntos com uma outra família foi a Curitiba e assim ele ingressou no MST. Eu lembro bem este acampamento porque alguns colegas da Pastoral Operaria me chamaram para visitar. E assim Delfino, como outros tantos colegas, começou a realizar o seu sonho de jovem - de ter terra e formar uma família. Hoje se orgulha com a agro florestal que plantou, a produção de arroz orgânico, e tendo um pouco de investimento pretende criar peixe, e assim diversificar a produção como o seu pai o ensinou. O pai tinha um assentamento de três alqueires e sustentou a família de seis filhos dessa pequena propriedade.

"A reforma Agraria me proporcionou não três alqueires mas 18!" disse Delfino com satisfação! Sua filha maior já terminou post graduação em engenharia agricultura e já deu um lote para o seu filho e hoje se sente realizado!

Naquele tempo entre `85 e `95 quando através de muita luta ganhou a terra se sentiu como o povo de Deus na Bíblia. "Um padre muito conhecido, um tal de Pé Patrício nos dizia que quando o povo escolhido foi buscar a terra levou um tempo. Vocês também vão demorar um tempo e

Α	RROZ BECH	KER		
Produzido po: Delfino José Becker SPF: 643.765.839-87 gricultura Familiar istrada Porto Felício, Grupo união - n 153 Jontal do Tigre, zona rural. el. (44) 9993-9321		PRODUTO PRODUT		
Querência do Norte-PR		Peso:	Kg	
INFORMAÇÕES	NUTRICIONAIS - A	ARROZ INTEGI		
	QUANTIDADE PORC		%VD	
VALOR ENERGÉTICO	185Kcql/777k		9.3	
Carboidratos	38,5 g		12,8	
Proteínas	3,6 g		5,3	
Gorduras Totais	1,5 g		2,7	
Gorduras Saturada	0,3 g		1.4	
Gorduras Trans	* 0 g		ND ND	
Fibre Alimentar	1,8 g		7,2	
Sódio	3,5 mg		0,1	
Cálcio	12 mg		1,2	
Ferro	0,7 mg		5.0	

até lá vocês vão se preparar para que na frente o assentamento der certo" diz o padre. Era da paroquia de Medianeira que fazia parte da diocese de Foz de Iguaçu e nos deu muita formação, era um grande defensor do MST e não perdoava quem criticou o MST.

CELSO AGNONI em 1988 era mais ligado à organicidade, a organização do acampamento e mais tarde do assentamento. Depois se envolveu na organização externa cuidando da produção e instituíram a cooperativa COMPAC uma coisa interna. Mas ainda não tiveram bastante terra. E se estenderam para chegar ao povo que ainda não tinha terra, um para um algo mais regional. Pensando mais, alguém sugeriu que uma cooperativa fica melhor do que associação – e partiram para a formação da Cooperativa COANA -Cooperativa de Comercialização da Reforma Agraria Avante Ltda.! Se tornou uma cooperativa regional saindo de Querência para Planaltina nova Londrina até Paranacity.

Sempre se aperfeiçoando com muito apoio do povo, mas com muita resistência das autoridades governamentais barremos muito na questão judicial, tinham de enfrentar uns 30 processos aparecendo 3 ou quatro vezes cada processo tentando desanimar os agricultores. O crescimento sócio-político como econômico era grande, as lideranças sempre insistindo com pessoal, quando ainda as condições eram precárias, de lembrar de

onde nós viemos, como era antes. A verdade e' que os agricultores começaram a perceber que eles estão tendo uma vida mais digna. Mais do que terra o Movimento deu aos agricultores dignidade. Com tempo se tornou a Cooperativa que conhecemos hoje!



Aqueles que já trabalharam na terra não eram proprietários, só meia, ou só porcentagem, ou desempregados. Hoje em redor de 1000 famílias tem o sitio deles, onde os filhos podem crescer livres, fazer suas escolhas na vida. Estão bem não no sentido do capitalismo selvagem, mas no sentido mais social e humano, bem mais tranquilos. Em Querência tem umas 1000 famílias em onze assentamentos que totalizam umas 5000 pessoas dando uma vida nova ao município com casamentos, batizados, festas de primeira comunhão, para não falar do comercio. Antes da chegada do MST Querência de Norte era conhecida como Querência da Morte em mais de um sentido! O sucesso do MST e' fruto de muita luta. Quando os agricultores estavam presos encontraram apoio da Igreja católica como a luterana, pessoas que passaram fax aos presos e ao movimento e às autoridades exigindo a libertação dos "presos políticos "por assim dizer!. O que sustentou as lideranças na cadeia eram três coisas: "a fé - que trouxe para nós muita resistência, o senso de luta e a solidariedade!".

Os integrantes dos acampamentos e assentamentos, de modo geral insistem que muitos deles participaram nos grupos de reflexão ou na pastoral da juventude. E isto como padre que na época a mística maior dentro da igreja era a caminhada das CEBs. Até um certo momento na vida, eles tinham receio de ocupar porque dizia que era pecado. Em Querência-do-Norte tem um número bom que vieram de Medianeira e falam bem de vários padres inclusive do Bispo Dom Olívio Aurélio Fazza que muito encorajou eles. Eles falam muito bem da Comissão Pastoral da Terra nacionalmente assessorada por Dom Tomas Balduíno como no Paraná assessorada por Dom Ladislau Wyznski . Eu pessoalmente encontrei sem terras que eram crentes e me pediram para que, voltando em Sarandi, eu explico aos seus pastores que eles não estavam fazendo nada de errado. Numa ocupação média de 500 famílias era fácil de encontrar sem terras vindo de ate quinze religiões diferentes. O Movimento, que por aqueles agricultores, a maioria semianalfabetos, se tornou uma verdadeira faculdade com encontros de formação estaduais e regionais.

A metodologia do Movimento neste sentido era impecável, formação, conscientização e uma visão longa das coisas evitando o imediatismo. Até hoje o Movimento da muita importância à reflexão sobre conjuntura do Brazil, da América Latina e do mundo lá fora! Uma visão longa das coisas que foi aperfeiçoando. Eu fui chamado várias vezes para audiências nas diversas comarcas - Paranavaí-Nova Londrina-Paranacity dando apoio aos camponeses, e sempre figuei surpreso com as respostas de pessoas analfabetas mas que sabem o que eles querem, quais são os seus direitos deixando os promotores acusadores de boca aberta! Várias vezes a minha presença incomodava os advogados dos proprietários e insistiram com o juiz quem eu sou e que estou fazendo aqui. Eu sempre tinha resposta pronta: "eu faço parte da CPT". Eu era de Sarandi cidade desconhecida, um padre mais desconhecido ainda! Mais ainda quando ficaram sabendo que eu sou de fora - da ilha de Malta - um pais mais desconhecido ainda, pensaram tudo sobre mim: que eu era espião, que era jornalista ou ainda representante do Vaticano !!!Pensaram tudo, fora daquilo que eu era e sou ainda - um simples parte, que andava sempre com gente fina que me encorajaram para testemunhar para o ensino social da Igreja Católica, Apostólica Romana.

A consciência política sempre cresce e amadurece. Por exemplo: o que acontece quando alguém desiste da terra por causa da idade? Em geral a terra passa para os filhos. A terra não e' para vender. Se não tiver filhos interessados, pode avaliar o investimento que foi feito na terra, e passar para alguém quem e' acampado seguindo as normas da INCRA. O importante e' dar um destino justo, nem todos os filhos querem ficar na terra porque quando você educa, a mesma educação abre horizontes, que evidentemente e' uma coisa boa porque cresce o conhecimento.

O Movimento e' em favor do título de concessão. Se deixar vender e comprar a terra a vontade, fulano compra um lote, depois compra outro, depois mais um e logo se torna um mini latifundiário. Com título de concessão isto não acontece Um ponto positivo e' que os filhos que aventuraram em outras experiencias no mundo lá fora, estão voltando para a terra! Isto e' bom! Isto e' muito positivo!





Em fim a terra deve passar ao pequeno que quer viver dela. A conquista da terra e' muito importante, a vivência na terra muito importante, mas o destino da terra também e' importante! A discussão não para, pode ter também propriedade coletiva. A gente deve sempre lembrar de onde vimos, onde estamos, e para onde estamos indo. Se tiver abusos, pode ficar certo que isto não acontece com a aprovação do Movimento. E cabe ao INCRA corrigir a injustiça e o abuso onde tiver.

Em Querência tem 11 assentamentos, numa área de 17 quilômetros, por 17 quilômetros. O município e' um dos maiores no noroeste do Paraná 102 mil hectares, o Pontal do Tigre consista em 25.000 hectares, a quarta parte do município....com 2500 hectares de reserva.

O que a mídia não divulga

A escola era uma casinha que foi desmanchada para construí esta escola que ficou conhecida como a escola do Centro. Começou com o ginásio, chega ate o oitava serie mas hoje tem também o segundo grau.. Esta escola e' fruto de uma luta de 10 anos. A diretoria da escola insistem com as crianças que eles devem seguir os passos dos seus pais e aproveitam dessa luta aproveitando do estudo para que se tornam agricultores inteligentes. Uns 150 crianças estudam nesta escola. Filhos de assentados que hoje passaram pela faculdade receberam a primeira educação nesta escola — quem e' medico, quem e' advogado e outas profissões importantes. Eles se inspiram da educação em Cuba — uma ilha tao pequena investiu pesadamente na educação e o fruto esta ai......ela tem médicos servindo em mais de 60 paises no terceiro mundo!

Eles cuidam da agua porque sem agua nada feito. Tem agua que vem de um riacho que fica longe, fizeram vários reservatórios que abastecem todo o assentamento do Tigre. Aproveitam também do agua por gravidade onde tem desnível e economizam muita energia. Onde não, da, levam agua bombeado – uns 30 por cento da agua necessária.

PERSEGUICAO!

JAIME LERNER

O governador Jaime Lerner tentou frear o Movimento com perseguição incluindo prisão de várias lideranças – Valdemar, o Polaco e outros mais. O Movimento teve vários amigos, como Nivaldo de Umuarama, o Osnir eleito vereador duas vezes, Doutor Marinho e os colegas do Escritório, Doutora Tereza Cofre recém-chegada do Chile. Um dia houve um grande encontro com todas as autoridades do Paraná



em Querência do Norte com a participação de uns 300 sem terras, alguns já eram com preventiva. Mesmo assim enfrentaram o Secretário de Segurança Candir e o delegado Bradoch. Delfino tinha um problema no lote, foi atrás um técnico, e ficou vítima de uma armação. Levaram ele preso a Paranavaí e no mesmo dia encontraram Celso Agnoni em Monte Castello e levaram os dois para a cadeia, dirigindo 140km por hora!

Ele escrevia: "Sem-terra são recebidos a tiros em fazenda em Querência do Norte; autoridades temem radicalização. O MST reage a ataque com invasão no PR". JOSÉ MASCHIO - da Agência Folha, em Querência do Norte Aproximadamente 500 sem-terra invadiram ontem a fazenda Água da Prata, em Querência do Norte (noroeste do PR). A invasão foi uma represália à morte do sem-terra Sebastião Camargo Filho, 65, ocorrida anteontem, na fazenda Boa Sorte, em Marilena, por um grupo de homens encapuzados. Camargo Filho foi morto com um tiro de escopeta na cabeça. Dirceu Cordeiro de Oliveira e Pedro Godói Inglês ficaram gravemente 20 feridos e outros sem-terra tiveram ferimentos leves. Também na noite de anteontem, sem-terra acampados na fazenda Santo Ângelo, na mesma cidade, também foram vítimas de um ataque similar. Não houve vítimas. No velório de Camargo Filho, a superintendente do INCRA no Paraná.

No velório de Camargo Filho, a superintendente do INCRA no Paraná, *Maria de Oliveira*, previu uma radicalização na luta pela terra no Estado. "*O ataque aos sem-terra atrapalha muito as ações concretas, pois voltamos a ter que administrar conflitos agrários*", disse. Maria de Oliveira afirmou que tinha informações de que haveria ataques a acampamentos de sem-terra e alertou a Polícia Militar do Paraná, que, segundo ela, não tomou ações imediatas para impedir esses ataques. Ela diz que previu conflitos do mesmo tipo em Altamira do Paraná (centro-oeste do PR), "onde um grupo de 40 jagunços se prepara para ações semelhantes".

Carreata

A radicalização esperada por ela teve início ontem logo após o enterro de Camargo Filho, em Querência do Norte, quando os sem-terra foram em carreata para a fazenda Água da Prata. Na fazenda, foram recebidos a tiros de revólveres e de espingardas por um grupo de segurança. Em maior número, os sem-terra obrigaram os seguranças e funcionários da fazenda а fugirem. Alceu Teixeira, um dos seguranças, não conseguiu fugir e foi pego pelos sem-terra. Ele negou ser pistoleiro. Afirmou que trabalha há seis meses na "ajudante fazenda geral". como

O que a mídia não divulga

Nildemar da Silva, líder do MST na região, disse que a invasão da fazenda Água da Prata "é uma demonstração de que os trabalhadores não irão cruzar os braços para os crimes contra os sem-terra". Em assembleia, os sem-terra aprovaram transformar a fazenda no *Assentamento Sebastião Camargo Filho*. Em agosto de 97, a fazenda Água de Prata, que fora invadida quatro meses antes, foi considerada produtiva pelo INCRA!

Um dos acusados é tenente-coronel da Polícia Militar; há, no grupo preso, quatro oficiais reformados da PM e PF prende acusados de criar milícia anti-MST MARI TORTATO JOSÉ MASCHIO - da agência folha, em Curitiba



A Polícia Federal prendeu na manhã de ontem no Paraná o tenentecoronel da Polícia Militar Waldir Copetti Neves e mais sete pessoas - quatro oficiais da PM reformados, um expulso e um homem e uma mulher civis-, sob acusação de formarem uma organização criminosa armada que dava segurança ilegal a fazendeiros e intimidava grupos de sem-terra do MST sem respaldo da Justiça.

Neves foi preso na casa dele, em Curitiba, e levado para a sede da PF. Ele é apontado como o chefe da organização. Sobre ele também pesa a

O que a mídia não divulga

acusação de tráfico internacional de armas. A operação batizada de "Março Branco" realizou outras seis prisões em Ponta Grossa - a 110 Km de Curitiba - e uma em Cascavel -500 km a oeste da capital. Entre os presos, há dois supostos sem-terra que teriam sido infiltrados em acampamentos do MST para vazar informações ao grupo.

O presidente do Sindicato Rural de Ponta Grossa, Marcos Degraf, também foi chamado para depor em Curitiba. O delegado federal que comandou a operação, Fernando Francischini, disse que Degraf também pode ser indiciado. A entidade distribuiu nota negando as acusações. No material apreendido no cumprimento de 13 mandados de busca e apreensão da Justiça, a PF encontrou recibos de "cotas mensais" pagas por fazendeiros ao grupo de Neves. Esses recibos têm anotados preços variados, mas são, em maior número, de R\$ 700 e R\$ 800, segundo Francischini.

O superintendente da PF no Paraná, Jaber Makul Hanna Saadi, disse que, na documentação apreendida, há provas da existência de um "consórcio" de fazendeiros para inibir invasões de áreas no Estado mediante o pagamento ao grupo.

"Agimos para prevenir uma nova Eldorado do Carajás", afirmou Saadi. Em 1996, numa rodovia de Eldorado do Carajás (PA), 19 sem-terra foram mortos num confronto com a PM do Estado. Saadi disse que a operação estava preparada para março, daí o nome "Março Branco", mas que precisou de adiamento. "Março Branco" é uma contraposição à onda de invasões batizada de "Abril Vermelho", que o MST desencadeou no ano passado e promete repetir neste ano no país, por mais atenção do governo à reforma agrária.

A operação de ontem foi autorizada pela juíza substituta da 1ª Vara Federal de Ponta Grossa Karla Grando. A partir de hoje, o caso será conduzido por Silvia Brollo, que volta de férias. Os cerca de 60 policiais mobilizados encontraram 16 armas de fogo, entre elas pistolas Glock, e, segundo Francischini, "muita munição". "Ainda vamos demorar para levantar tudo", afirmou ele ontem à Folha, antes de ouvir os detidos.



Por encomenda

Escutas telefônicas usadas na investigação indicaram, segundo a PF, que as armas eram encomendadas no Paraguai por Neves para a intimidação dos sem-terra. "Ainda não temos nada que também aponte comércio delas". para disse 0 superintendente. Ele e o chefe da operação afirmaram que a investigação sobre as atividades paralelas de Neves começou há quatro anos na PF, mas que foi intensificada há dez meses, depois de um pedido de formação de uma força-tarefa conjunta pelo governador Roberto Requião (PMDB) ao ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos. O secretário da Segurança Pública, Luiz Fernando Delazari, participou da divulgação do caso ontem na sede da PF em Curitiba.

O tenente-coronel preso, que tem 29 anos de corporação, chegou a chefiar o grupo Águia da PM do Paraná, o serviço reservado que se especializou em despejos legais das fazendas. Há algum tempo, Neves teria sido colocado "na geladeira". Ele estava respondendo pela chefia da

área logística da corporação, uma função burocrática do Estado Maior da instituição. Por ser oficial da PM, ele ficará preso em um quartel.

No Rio, PMs são suspeitos de ter provocado a morte de 30 pessoas na semana passada na Baixada Fluminense -maior chacina contra comunidades carentes do Estado desde o massacre de Vigário Geral em 1993, quando 21 foram mortos por PMs.

Para MST, prisões de líderes no Estado têm motivo político

Documento interno de secretaria estadual ordena ação a delegados da Agência Folha, em Querência do Norte (PR) e em Curitiba (PR) O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra) do Paraná afirmou ontem, em Querência do Norte (PR), que as prisões de sem-terra no Estado têm motivação política. A acusação está baseada em documento interno da Secretaria de Segurança Pública do Paraná, que ordena a delegados que prendam os líderes dos sem-terra. Até ontem, havia 24 sem-terra presos no Estado.

O comunicado obtido pelo MST determina "a prisão, autuação e indiciamento dos líderes de grupos de invasores" e é assinado por Eli Ribas Silva, chefe da coordenação de informações da secretaria. No início da tarde de ontem, o secretário de Segurança Pública, Cândido Martins de Oliveira, negou conhecer o documento.

Às 18h, Oliveira comunicou à Agência Folha que o documento existia, "mas que não tinha ligação com as prisões já efetuadas". Segundo ele, as prisões ocorridas após a comunicação interna foram por crimes que vão desde porte ilegal de armas a resistência a determinações judiciais.

Jaime Calegari, da direção do MST no Paraná afirmou que o movimento não descarta organizar um acampamento em frente ao Palácio Iguaçu.

A juíza Elisabeth Khater, de Loanda (PR), negou ontem aos advogados do MST a revogação da prisão dos líderes dos sem-terra que aconteceram na última quarta-feira em Querência do Norte. Em assembleia na noite de ontem, realizada em Querência do Norte, os sem-terra decidiram organizar uma caminhada a Curitiba para protestar contra as prisões.

TERROR NO NOROESTE DO PARANA CONDENADO POR ESTRANGEIROS

A advogada francesa Dr. Françoise Mathe representando A Federação Internacional dos Direitos Humanos, veio ao Paraná com a missão de investigar as acusações de violência contra os sem-terra cometida pelos policiais nos despejos. Ela observou "um ovo método de opressão". Mais de uma violência física os policiais usaram violência psicológica. "Tinha cinco policiais por cada sem-terra no acampamento", ela acusou.

A advogada francesa era acompanhada pelo coordenador do Movimento Nacional os Direitos Humanos, Dr. Antônio Narciso Pires de Oliveira. Os dois visitaram a fazenda Rio Bonito in Loanda, que os sem terras ocuparam de novo após ter sido despejados. E observaram que a situação dos agricultores sem-terra era verdadeiramente dramática. Pessoas de idade e crianças doentes, mas convencido s que a ocupação de terras era a única solução para que a reforma agraria aconteça. A advogada, após ter visitado Querência do Norte, onde ela ficou por três dias e dormiu na casa onde Eduardo Anghinoni o irmão do Celso foi assassinado – na verdade era Celso na mira do jagunço – ela disse que considera a luta dos sem-terra no Brazil legitima. "Pode conferir que onde

está tendo ocupações, hectares e hectares de terras não produz nada, e por consequência são terras sem povo. Eu vim de um pais onde esta terra seria cultivada" concluiu, anos mesma época o Movimento recebeu a visita de dois brazileiros e três americanos da ONG "Global Exchange" de São Francisco Califórnia. também ficaram aue aterrorizados pelo sofrimento do povo, ficaram admirados pela vontade de resistir e faz acontecer a reforma que o pais ficou devendo por séculos.



O Senador cumprimenta este senhor com mais de 100 anos que caminhou até Brasília.

O que a mídia não divulga

Eu acompanhei também um jornalista do *Washington Post e* uma jornalista do *Le Monde*.

Ambos ficaram admirados pela estratégia do MST e passaram para os leitores deles que a atuação do Movimento deve servir como um exemplo para os demais sindicatos nas lutas que eles enfrentam.

Os Bispos do Paraná foram ao Secretário da Segurança, o chefe da polícia, responsável pelas atrocidades contra os camponeses, no governo do Jaime Lerner o Governador. E' de imaginar que os bispos testemunharam para o ensino da Igreja que no último documento na época intitulado Para a melhor distribuição da Terra no parágrafo 44 que diz que os governos que atrasaram a implantação da reforma agrariam, não tem nenhuma credibilidade em oprimindo os agricultores que ocupam as terras. Pessoal da Comissão Pastoral da Terra e como Pe Zenildo, Pe Roberto Kuriyama, Pe Vicente Costa – fora quando necessitava mesmo a presença do arcebispo Dom Jaime juntos com os advogados Dra Tereza Cofre, Dr Marino e Dr Hugo visitaram a área de conflito e os 41 presos políticos nas varias cadeias da região.

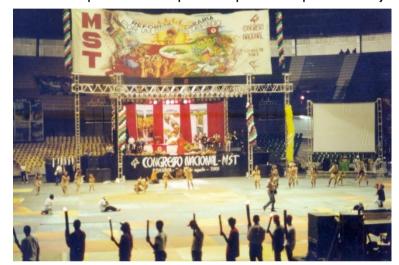
No Paraná, movimento dos sem-terra é mais radical JOSÉ MASCHIO da agência folha, em Santa Isabel do Ivaí

Divididos apenas pelo rio Paranapanema, os sem-terra do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) do Pontal do Tigre (extremo noroeste do PR) e Pontal do Paranapanema (oeste de SP) possuem métodos distintos na luta pela reforma agrária. No Pontal do Paranapanema, os sem-terra liderados pelo carismático José Rainha Jr., hoje foragido da Justiça, utilizam a tática do "desgaste", invadindo e desocupando fazendas. Assim, evitam operações de despejo e a possibilidade de confrontos armados.

Segundo Claudemir Marques Cano, uma das lideranças no Pontal do Paranapanema, a tática na região é "vencer pelo cansaço". O caso da fazenda São Bento (em Mirante do Paranapanema) é exemplar de como os sem-terra paulistas atuam. A fazenda foi invadida 23 vezes desde 91 até ser desapropriada e se transformar em uma espécie de central do MST na região.

No caso paranaense, os sem-terra optam por resistir aos mandados de reintegração de posse. A fazenda Pontal do Tigre (10.400 hectares) foi invadida em julho de 88 por cerca de 300 famílias de sem-terra. Os sem-terra resistiram até outubro, quando a PM foi acionada para despejá-los.

Só não houve um confronto armado entre PMs e sem-terra porque no último momento o governo do Estado desmobilizou 300 policiais militares que estavam prontos para cumprir ordem judicial.



Os sem-terra receberam em outubro deste ano o título de emissão de posse das mãos do presidente do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), Francisco Graziano. Segundo Ireno dos Santos Alves, da coordenação

nacional do MST e uma das principais lideranças do Paraná, a diferença entre os "dois pontais" se define nos slogans. "Em São Paulo é ocupar, resistir e produzir. No Paraná é ocupar, resistir em cima da terra e produzir", afirmou Alves.

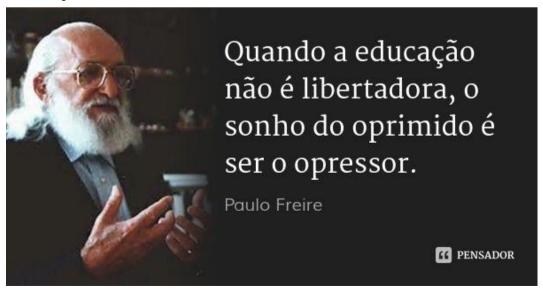
O perfil social dos agrupamentos dos dois Estados, segundo o paranaense, também contribui para esse tipo de posicionamento. Enquanto os sem-terra paulistas são formados basicamente por ex-bóiasfrias (trabalhadores temporários que moram na periferia das cidades), o movimento de sem-terra do Paraná surgiu com a adesão de pequenos proprietários rurais.

O MST no Paraná foi criado a partir de experiências pioneiras do vizinho Rio Grande do Sul e teve como primeiro núcleo o que na época se chamava Mastro (Movimento dos Trabalhadores Rurais do Oeste do Paraná).

PT Vota Contra Título de Elisabeth Kather

A Bancada do PT votou contra o título de cidadão honorário concedido pela Assembléia Legislativa à juíza de Direito Elisabeth Kather, da Comarca de Loanda, proposto pelo deputado Luiz Accorsi, do PSDB. Para os deputados petistas a magistrada atua de forma imparcial em relação aos conflitos agrários, sempre a favor dos fazendeiros e contra os militantes sem terra. "É lamentável a aprovação deste título", afirmou o líder do bancada, deputado Elton Welter. O título foi aprovado por 27 a 7 e 4 abstenções. Além do PT, o deputado Waldir Pugliesi, do PMDB, também votou contra a proposta. No livro Desterro -Uma cronologia da violência no campo no Paraná na década de 90, publicado pela Comissão Pastoral da Terra, há uma passagem que mostra o estilo de atuação da juíza Elisabeth Kather. "Em15 de maio de 1999, após a ação da PM na região Noroeste, Elizabeth Kather, enquanto jantava num restaurante da cidade de Querência do Norte, confundiu um repórter da Folha de S. Pão (José Maschio) com um policial e declarou estar "comemorando os despejos com seus amigos fazendeiros", fato este que comprovou a união entre o judiciário, os fazendeiros e a PM."

Fonte: Assessoria de Imprensa: Laura Sica / 41 3350-4157 – 9985-6667 / www.pagina13pr.org.br / MATÉRIA DE RESPONSABILIDADE DO GABINETE DA LIDERANÇA DO PT/PR



A IGREJA E A REFORMA AGRÁRIA



ORAÇÃO DOS MÁRTIRES DA CAMINHADA

Deus da Vida e do Amor, Trindade Santa:

Em irmandade com os mártires da caminhada

Da Nossa América,

Vos louvamos e agradecemos

Pela força que derramastes em nossos corações

Para derramar a vida e a morte

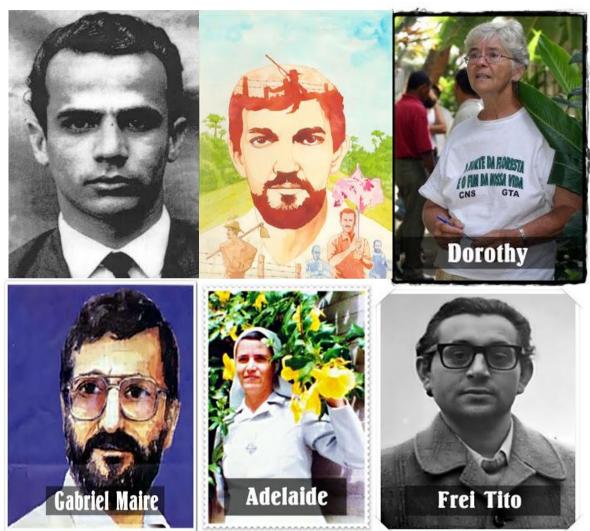
Pela Vida, no Amor.

Como Jesus, foram fiéis até o fim
E deram a prova maior.
Por Ele e com Ele,
Venceram o pecado, a escravidão e a morte
E vivem gloriosos, sendo páscoa na páscoa.

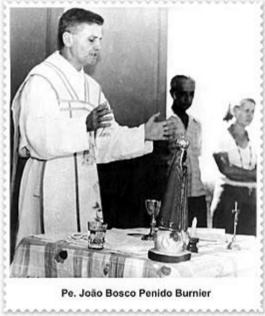
Derramai também em nós o vosso Espírito De união, de fortaleza e de alegria, Para que demos totalmente nossas vidas Pela causa do vosso Reino.
Por esses muitos irmãos e irmãs, Testemunhas pascais.

Por Maria, a mãe da testemunha Fiel. E pelo mesmo Jesus Cristo, o Crucificado-Ressuscitado, Primogênito vencedor da morte.

Amém, Axé, Awere, Aleluia!

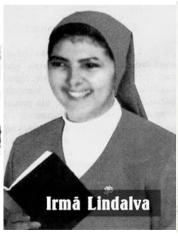






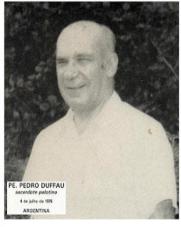


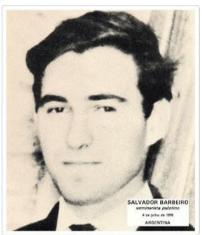










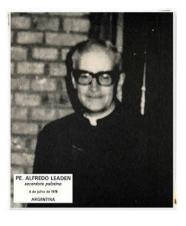












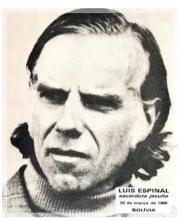














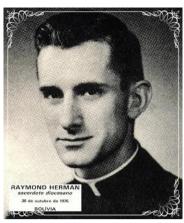


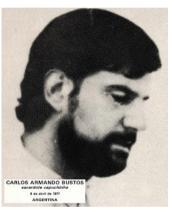










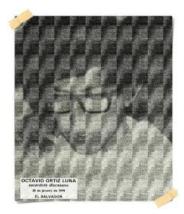


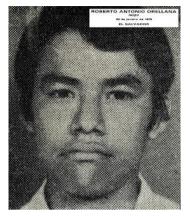


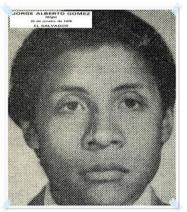


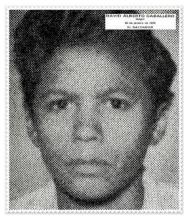


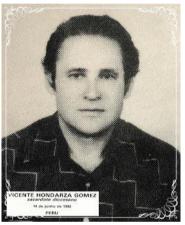


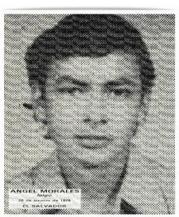












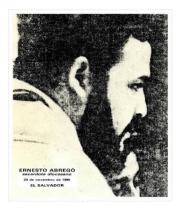




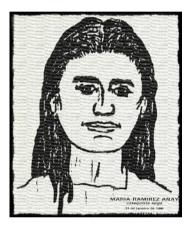


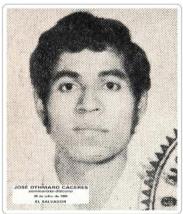


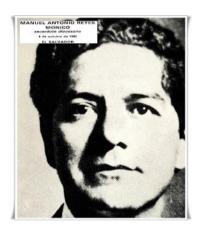


















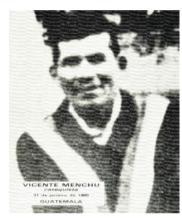




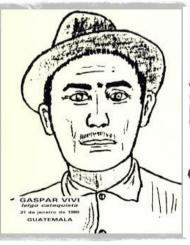




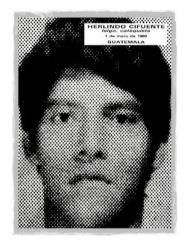








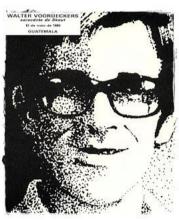






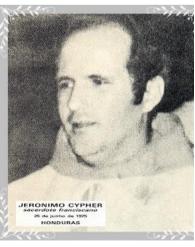


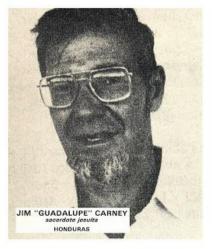


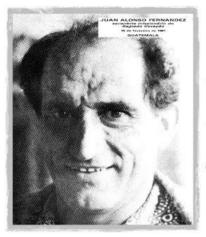




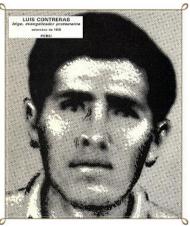


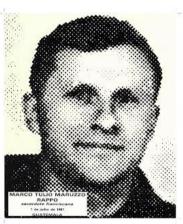


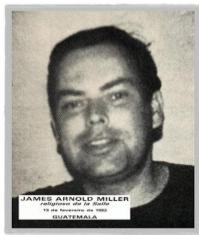


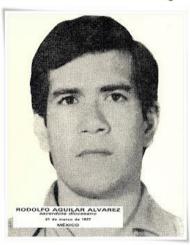






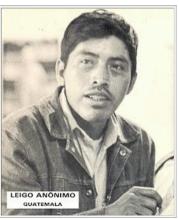




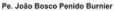






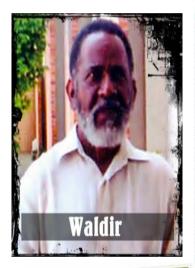


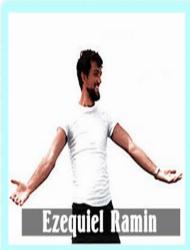


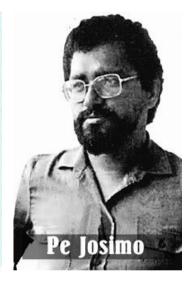




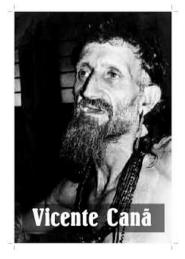
















CARTA ABERTA AOS NOSSOS MÁRTIRES

Escrevemos a todos vocês, mulheres e homens, que deram a vida pela vida ao longo da nossa América, nas ruas e nas montanhas, nas oficinas e nos campos, nas escolas e nas igrejas, sob a noite ou à luz do sol.

Por vocês, sobretudo,

Nossa América é
o continente da morte com esperança.

Escrevemos para vocês
em nome de todos os nossos Povos
e nossas Igrejas,
que a vocês devem a coragem de viverem,
defendendo sua identidadee a vontade teimosa de seguirem
anunciando o Reino,
contra o vento e a maré do anti-reino neoliberal
e apesar das corrupções de nossos governos
ou das involuções de nossas hierarquias
ou de todas as nossas próprias claudicações.
Cremos que enquanto houver martírio haverá credibilidade,
Enquanto houver martírio, haverá esperança.

Vocês lavaram as vestes de seus compromissos no sangue do cordeiro.

E seu sangue no sangue d´ Ele

Continua a lavar também nossos sonhos, nossas fragilidades e nossos fracassos.

Enquanto houver martírio haverá conversão, enquanto houver martírio haverá eficácia.

O grão de milho morrendo se multiplica.



O que a mídia não divulga



Escrevemos para vocês, contra proibição dos poderes das ditaduras –militares, políticas e econômicas, e contra a desmemoriada covardia de nossas próprias Igrejas.

Bem que eles e elas quiseram impor uma anistia que fosse amnésia

Bem que eles e elas quiseram impor uma anistia que fosse amnésia e uma reconciliação que seria claudicação. Inutilmente.

Vocês sabem perdoar, mas querem viver. Não permitiremos que se apague o grito supremo de seu amor. Não deixaremos que seu sangue seja infecundo.

Também não nos satisfaremos, superficiais ou irresponsáveis, exibindo seus pôsteres e cantando seus nomes numa romaria ou chorando sua memória numa dramatização.
Assumiremos suas vidas e suas mortes assumindo suas causas.
Essas causas concretas pelas quais vocês deram a vida e a morte.
Essas causas, tão divinas e tão humanas, que desdobram em conjuntura histórica e em caridade eficaz a causa maior do Reino, pela qual deu a vida e a morte e pela qual ressuscitou o Primogênito dentre os mortos,
Jesus de Nazaré, o Crucificado-Ressuscitado para sempre.

Recordaremos vocês, um por um, uma por uma, e se não dizemos agora nenhum de seus claros nomes, é para dizermos vocês, todos e todas, num só golpe de voz, de amor e de compromisso:

Nossos mártires!

Mulheres, homens, crianças, anciãos, Indígenas, lavradores, operários, estudantes, mães de família, advogados, professores/as, prefeitos/as,







O que a mídia não divulga



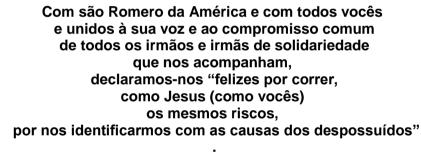
militantes e agentes de pastoral, artistas e comunicadores/as,

pastores, sacerdotes, catequistas, bispos...
Nomes conhecidos e já incorporados a nossa martirológia ou nomes anônimos, gravados, porém, no santoral de Deus.

Sentiremos-nos herança sua, povo testemunha, Igreja martirial,

diáconos em caminhada
por essa longa noite pascal do continente,
tão tenebrosa ainda, porém tão invencivelmente vitoriosa.
Não cederemos, não nos venderemos, não renunciaremos
a esse paradigma maior de suas vidas ,
que foi paradigma do próprio Jesus
e que é o sonho do Deus vivo para todos os seus filhos e
filhas

de todos os mundos, para o mundo único e pluralmente fraterno: o Reino, o Reino, seu Reino!



Neste mundo prostituído pelo mercado total
e pelo bem-estar egoísta,
juramos para vocês, com humildade e decisão:
"Longe de nós nos gloriarmos
não sendo na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo"
e em suas cruzes, irmãs de Sua cruz!
Com Ele e com vocês
seguiremos cantando de Libertação.
Por Ele e por vocês
saberemos jubilosamente
que ressuscitaremos "mesmo nos custando a vida".

(Pedro Casaldáliga, in Ofício dos Mártires da Caminhada Latino-americana)









VIDAS PELO REINO

Romaria dos Mártires da Caminhada Ribeirão Cascalheira MT – 14 e 15 de julho de 2001 Prelazia de São Félix do Araguaia



"Ribeirão bonito, cruz do Padre João alta Cascalheira, gentes do sertão: o suor e o sangue fecundando o chão"

Entre os dias 14 e 15 de julho de 2001 aconteceu em Ribeirão Cascalheira-MT, na Prelazia de São Félix do Araguaia, a ROMARIA DOS MÁRTIRES DA CAMINHADA, como tema: VIDAS PELO REINO!

De onde vem e quem são estes Romeiros?

A partir da experiência eclesial na América Latina uma série de experiências e termos foram surgindo. Entre elas, a forte

expressão: CAMINHADA. Os romeiros que vêm a esta romaria são pessoas da caminhada. Caminhada das lutas sociais, das pastorais populares, dos grupos de solidariedade, do compromisso com os pobres. das comunidades eclesiais de base. São pessoas de sotaques diferentes. de costumes, culturas e formação diversas; gente de nações, povos e etnias diversas - mas com uma característica comum: são sonhadores e sonhadoras do REINO. Isto sim nos identifica. Em meio a tantas convocações que nos são feitas, existe está em particular: Romaria dos Mártires! Bem no centro oeste do Brasil, em meio ao cerrado, de gente com tracos indígenas ou de retirante, gentes do sertão. Gente do Araquaia: é neste chão que a Prelazia de São Felix do Araguaia convoca o povo para esta romaria. Enfrentando poeira e muita estrada de tempo-em-tempo o povo se reúne para fazer memória de mulheres e homens, jovens e crianças: indígenas, camponeses e operários: mães de família e religiosas, bispos; advogados, estudantes, jornalistas; sacerdotes. militantes da terra, do trabalho, da cidadania, dos direitos humanos: vidas dadas pela vida, pela justiça, pela libertação, pela verdadeira paz.

Como é a Romaria?

É um momento forte da espiritualidade martirial. Com todo respeito a todas as romarias que temos no nosso universo religioso, nas quais se recorda uma aparição, uma devoção a um santo, a buscar água que cai de uma gruta, etc ... na romaria dos mártires é diferente: procura-se beber no poço e no testemunho daqueles que "vêm da grande tribulação, que lavaram as túnicas e as alvejaram no sangue do cordeiro" (Ap 7).

Em Ribeirão Bonito-MT no dia 11 de outubro de 1976, duas mulheres sertanejas, Margarida e Santana, estavam sendo torturadas na cadeia. Era época da novena da padroeira Nossa Senhora Aparecida. Nesse dia haviam chegado ao povoado o Bispo Pedro e o Padre João Bosco, jesuíta que trabalhava com os índios Bakairi. Os dois foram interceder pelas mulheres torturadas. Um soldado desfechou no rosto do Padre João Bosco um soco, uma coronhada e um tiro fatal.

Tempos depois em Ribeirão Bonito foi construído o Santuário dos Mártires da Caminhada, para recordar não apenas a história do Pe João Bosco, mas de tantos e tantas que há séculos vem regando com sangue a história deste nosso continente.



Assim é organizada a romaria. Tudo feito em mutirão. Famílias que acolhem os romeiros, coletas de alimentos, trabalho voluntário e deste jeito o milagre da partilha acontece!

Em meio a muito simbolismo, fatos que não se explicam, mas, são sentidos e acolhidos no pulsar do coração, é que vimos nesta romaria um explodir de gestos capazes de fazer falar o que as palavras por si não conseguem expressar.

Nesta romaria presenciamos este universo simbólico marcadamente popular que se expressara:

Nas cores: durante todo tempo foram utilizadas as cores vermelhas e o branca. Nas diferentes toalhas do altar, na estola, nas fitas distribuídas. Nas vestes: batas com traços indígenas para equipe de liturgia, túnicas de cores variadas para os jovens que traziam os objetos litúrgicos, nos vestidos utilizados pelas mulheres que deram a bênção.

Nas lembranças presenteadas: cabaças com desenhos e pirogravadas: "Vidas pelo Reino", fitas, tochas.

Nos desenhos: assegurando os traços indígenas, nos painéis pintados.

Nos objetos litúrgicos: feitos de pau Brasil ou cabaças e pintados cada um de forma diferente

Nos estandartes: feitos em tecido de algodão e impresso a fotografia de cada mártir. No fogo, nas tochas, chapéus, palmas...

Nos cantos: refrãos, mantras, no som de flautas, atabaques e berrante.



Nos alimentos que foram preparados: Todos frutos da economia da partilha. De gente que deu arroz, mandioca, banana. Tudo partilhado gratuitamente.

Na acolhida: de gente que abriu portas e corações para receber os romeiros.

Vejamos como estes gestos e expressões foram acontecendo no decorrer da romaria.

Oração na Capela da Cruz do Pe. João:

No dia 13, sexta-feira, com o grupo dos romeiros que já haviam chegado, aconteceu a oração na Capela da Cruz do Pe. João. Neste local existia a antiga casa da equipe pastoral. Lá moravam as irmãs que atendiam o povo. Entre elas a Ir.Bia que junto com outro médico atendeu ao Pe. João fazendo naquele momento o que estava ao seu alcance. O caso era grave. Lá ele agonizou. Hoje, existe no local uma pequena capela, onde está a cruz que o povo "plantou" no dia do seu martírio.

Nesta oração, naquela noite de céu estrelado, com velas na mão, entre cantos, preces e testemunhos recordou-se o momento em que Pe. João Bosco "cheio de agonia orava com maior insistência, e gotas de sangue escorria por terra" (Lc 22,44) e junto a ele, amigos que como "anjos do céu os confortava" (Lc 22,43). Logo depois da proclamação do Evangelho – João 15, 12-13 chegou o Padre irmão de João Bosco. Ele tem 82 anos. É surdo-mudo. Veio também como romeiro participar do jubileu.

A pequena capela, de tijolo à vista, tem apenas uma cruz e uma foto da destruição da delegacia feita pelo povo no dia do martírio. Na frente uma pequena porta em forma de grade. O Bispo Pedro, recordou que esta é semelhante a "porta estreita" do evangelho (Lc 13,24) e convidou a todos a entrar e fazer sua oração. Enfileirados, todos entraram, beijaram a cruz e saiam.

A Procissão da Luz

No dia 14 sábado, os romeiros começam a chegar de diversas regiões do Brasil e também de outros países. Muita gente que vamos encontrando em outras atividades – são romeiros da CAMINHADA! Entre abraços e beijos, é na verdade, o encontro da família! Durante todo o dia os romeiros foram recebidos, acolhidos e distribuídos por entre casas de famílias, colégios, – ninguém importava onde ficar. Todos procuravam um lugar onde fosse possível "esticar" o corpo, depois de muitas horas de viagem.

A romaria já havia começado, mas a abertura oficial se deu em frente a Igreja São João Batista, num grande círculo, em volta da fogueira.

O berrante anunciou a abertura do jubileu: Os romeiros da caminhada, da Pátria Grande, dos irmanados neste sonho, faziam ecoar no céu e na terra que há 25 anos atrás, aquele pedaço de chão havia sido banhado com o sangue de um justo. Em silêncio, ao som da flauta, com o vermelho do pôr do sol, como se Deus nos mandasse dizer, que o sangue dos mártires havia chegado até Ele, ouvimos a canção: "Ó luz do Senhor, que vem sobre a terra, inunda meu ser, permanece em nós"...a fogueira foi acesa e aos poucos meninas com vestes coloridas entravam e deitavam no chão por sobre palmas.

E todos cantaram: "Acorda América, chegou a hora de levantar" e as crianças levantaram do chão e dançaram com fitas coloridas.

Chega a "cruz do Pe. João", mas não só a dele... em painéis de tecido foram impressos fotos dos nossos mártires – homens, mulheres, jovens, crianças desta pátria grande, que deram com seu sangue o testemunho... Eram grandes estandartes com fitas brancas e vermelhas, eles entraram na roda com a gente...e o Bispo Pedro, invocou a Trindade Santa e nos convidou a pedir perdão...

O fogo foi abençoado e todos receberam pequenas lamparinas, e tirando da chama do fogo novo, acendemos nossa vela, nossa esperança e nosso compromisso. Aquela assembleia transformou-se num grande clarão.

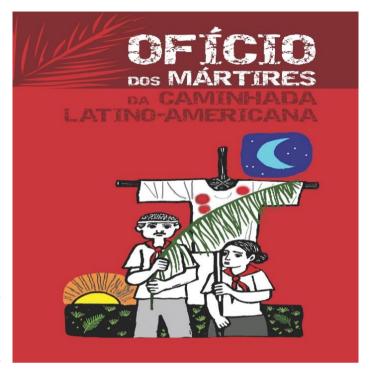
Começava a caminhada de três quilômetros até Ribeirão Bonito – onde está o Santuário dos Mártires da Caminhada...

Velas acesas, faixas, pés cheios de pó. Realidade longe do "progresso", tão distante do "Brasil urbano", era a multidão dos que sonham uma Igreja e uma sociedade nova. Á frente da caminhada ia a cruz; junto à cruz Pedro Casáldaliga. Ele usava uma estola, preparada com todo carinho por uma religiosa de Itabuna-BA. A estola toda bordada em vermelho, trazia o nome dos mártires e o tema: *Vidas pela Reino...*

A chama das milhares de velas reunidas fez com que aquele chão do sertão se transformasse num grande fogaréu, como se Jesus estivesse a dizer: "Eu vim por fogo à terra, e como gostaria que já estivesse aceso" (Lc 12,49).

De cima de um trio elétrico a equipe de liturgia motivava a rezar, cantar, dizer palavras de ordem e organizava as paradas.

Em cada parada uma enorme pira era acesa. а cruz era levantada. palmas sacudidas e entoado o refrão: "Vidas pela vida, vidas pelo Reino. Todas as nossas vidas, como suas vidas. Como a vida Dele. Do mártir Jesus"... Na primeira parada o



tema foi Direitos Humanos. Uma mulher da Colômbia partilhou com todos os romeiros a situação da América Latina e em particular do seu país... Neste momento foi aberta a grande bandeira do Brasil, confeccionada com retalhos vindos de todos os estados do nosso país por ocasião do 10º encontro das CEBs em Ilhéus-Ba, precisamente há um ano atrás. Ela foi estendida por entre o povo e continuamos a caminhada cantando: este é o nosso pais esta é a nossa bandeira...

A segunda parada foi sobre a Terra – casa de todos! Uma pessoa da equipe da CPT recordou o encontro nacional da CPT em Bom Jesus da Lapa na BA e os compromissos lá assumidos. Falou do que representa a terra para os que creem na Proposta do Deus da Vida. Também fez menção do apoio dado pelo Bispo Pedro por ocasião da fundação da CPT e entregou a ele alguns símbolos.

A caminhada continuou entre cantos, preces e sobre um céu estrelado...O brilho que vinha do céu encontrava-se com o brilho na terra...e uma faixa na beira da estrada nos acolhia com as palavras do poeta : "gente foi feita pra brilhar"!

A terceira parada era pra recordar o Grito dos Povos Indígenas e quem deu seu testemunho foi um índio dos povos Bakairi , onde trabalhou o padre João Bosco. Ele recordou palavras do missionário mártir e o que representou para seu povo seus ensinamentos. Pediu apoio dos presentes na luta pelo encaminhamento e aprovação do novo estatuto dos povos indígenas.

Em passos lentos fomos caminhando, e a quarta parada foi pra lembrar da Luta dos Negros. Um rapaz do movimento negro de Goiânia falou para nós da história dos negros e negras no Brasil, dos seus mártires e hoje, do compromisso para acabarmos com qualquer tipo de preconceito.

O cantor e poeta Zé Vicente, estava presente, e entoou a canção: Os tambores dos negros de palmares os tambores do povo de Zumbi...

E assim fomos chegando na quinta parada: o tema foi Trabalho e Dignidade. Um rapaz de São Paulo da Pastoral Operária, recordou a situação do desemprego no Brasil e terminou convocando a todos para repetir o poema de Dom Pedro: "No seio de Maria, Deus se fez homem/ e na oficina de José, Deus se fez classe"...

Depois deste peregrinar, as velas já iam se consumindo...as pernas cansando...e enfim a romaria chegou! O artista *Cerezo Barredo* fez um mosaico na frente do templo, com pequenos pedaços de ladrilho, de cor amarelo e letras vermelhas: *SANTUÁRIO DOS MÁRTIRES DA CAMINHADA*.

Dentro do santuário, três grandes painéis feitos pelo mesmo artista. Um que retrata os mártires latino-americanos, outro junto ao sacrário e outro saudando Maria, companheira da caminhada. Ao fundo uma galeria com fotos de mártires do Brasil e dos demais países da Pátria Grande. As pessoas entravam no santuário, olhavam as fotos. Alguns anotavam os nomes e o "dia natalis" (dia do martírio, do novo nascimento) outros rezavam... outros chegavam bem perto da camisa do Padre João Bosco, com a marca do sangue.

E todos embora cansados, na frente do santuário saudaram aquela "casa santa" cantando: "'O gente, que casa é esta? Casa de grande valor, pois aqui será lembrada a memória do Senhor".

Depois desta caminhada uma pequena pausa para refazer as energias e iniciar a vigília martirial.

Já depois das 22 horas, ao lado do santuário, num palco muito bem ornamentado iniciou-se a Vigília. Jovens entraram incensando o espaço, tochas eram acesas, cantores da caminhada intercalavam com canções. O povo respondia com frases e preces.

A Palavra de Deus foi proclamada. A leitura dirigida a todos foi tirada do livro do Apocalipse, que falava "daqueles que vêm da grande tribulação" (Ap 7,1-14).



Nesta vigília todos rezaram, cantaram e já de madrugada no final, mulheres das comunidades, todas elas vestidas iguais, com cuias de água, saíram por entre o povo aspergindo e abençoando. Depois foi partilhada pipoca e vinho- ressurreição e alegria!

Festejando a Páscoa

Domingo dia 15/07 – Desde 6 horas da manhã ao som de canções o povo era convocado a levantar-se e preparar-se para a grande celebração eucarística.

No Santuário dos Mártires da Caminhada, em Ribeirão Bonito, às oito horas da manhã iniciamos a Eucaristia. Ao redor da mesa, todos

receberam fitas vermelhas e brancas, impresso: VIDAS PELO REINO. Entre mantras, painéis com fotos dos mártires os jovens entraram para acender o círio e o candelabro. Outra jovem espalhava por entre palmas, terra proveniente de diversas partes do Brasil. Ao redor do altar os Bispos Pedro Casaldáliga, Eugênio (de Goiás) Almir (da Igreja Anglicana de Brasília), um pastor Luterano, Pe. Chicão de Goiás, o irmão do Padre João Bosco (que também é sacerdote) e religiosas.

O evangelho proclamado foi do Bom Samaritano que foi partilhado pelo Pastor Luterano. Ele falou do que significa a "perda" na nossa caminhada, a irmã Bia que atendeu o Pe. João Bosco recordou como foi aquele dia de "agonia", sua vontade de "salvar" aquela vida. Por outro lado, diz que "entendeu depois o que Deus gueria dizer com este martírio. Com a morte do Pe João o povo criou coragem e enfrentou a luta pela libertação. Em plena ditadura militar onde era proibido qualquer tipo de organização, o povo começava a se levantar". Todos ficaram atentos a cada palavra pronunciada pela Ir Bia e a recebia como testemunho vivo. O Bispo Almir fez a ligação do texto com o momento político que vivemos. Pe Chicão contou sua história e seu martírio. Contou que é sacerdote italiano que veio há mais de 30 anos para o Brasil. Que em Goiás ao redor da Palavra de Deus colocou-se a serviço da organização dos trabalhadores e um dia alguém o chamou e quando voltou para ver quem era – recebeu um tiro no rosto que o tornou cego. Convidou os presentes e continuarem firmes a ter uma militância política. O Padre irmão de João Bosco de 82 anos de idade, tem dificuldade em falar e ouvir, mas escreveu e leu um pequeno texto. Poucas palavras eram compreendidas pelos ouvidos, na verdade elas foram acolhidas pelo coração.

Pedro Casáldaliga explicou suas palavras e chegou a dizer que com todo respeito a todos os romeiros – o irmão do Pe João era naquela romaria o "romeiro mais importante para nós"...

Um agente de pastoral que tinha trabalhado na prelazia também falou, recordou as dificuldades vividas no trabalho junto aos posseiros no tempo em que ali serviu.

Dom Eugênio de Goiás reafirmou a caminhada conjunta entre as duas dioceses e por fim o Bispo Pedro que pediu: " não esqueçam dos nossos mártires".

O que a mídia não divulga

Foram trazidos ao altar presentes provenientes de diversas parte do Brasil e até de outros países. E o pão e vinho depois de consagrados foram partilhados enquanto cantávamos: comungar é tornar viva aliança, em Jesus razão de nossa esperança.

Ao som de canções populares desta região, duas cantoras motivaram a entrada de um bonito estandarte homenageando Maria. Entre passos meigos e ternos, a jovem dançava e do meio do povo começou a surgir muitas flores de papel que ao sacudir iam abrindo formando um grande jardim. O poeta Pedro Tierra também recordou os tempos difíceis das prisões, das condenações e a presença solidária de Casaldáliga. Recordou um dos seus poemas que diz: "malditas as cercas de arame farpado". Disse que esperou muito tempo para encontrar um rosa para traze-lo, e agora havia encontrado. É uma rosa especial trazida para ele. Mostrou a todos : uma rosa feita de arame e tela representando a ternura e a resistência.

Já quase 11 horas da manhã, debaixo de um sol quente, O Bispo Pedro ia recordando o compromisso e todos os romeiros iam respondendo e assumindo.

Pe Edegard Silva Júnior - Missionário Saletino Postado por MÁRTIRES DA CAMINHADA

"A Reforma Agraria não pode fracassar"
Papa João Paulo II

1964 A CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2009... Face de uma Igreja Profética e Comprometida com a Caminhada do Povo de Deus. O Mistério Pascal de Jesus Cristo é Celebrado na Igreja durante o Ano Litúrgico, que se inicia no primeiro domingo Advento que é um Tempo Forte de Preparação e Espera para Festejarmos o Natal e a Manifestação do Senhor Jesus na Vida da Gente. No Advento não Vivemos um Tempo Penitencial mas a Espiritualidade que permeia o Advento é de Vigilante espera pela chegada do Amado Senhor. Posteriormente, para bem Celebrarmos a Páscoa do Senhor e a nossa Páscoa na dele, a Igreja propõe outro momento forte, agora convidando a Penitência e a Conversão dos nossos Corações de tantos Crimes cometidos em Desamor a nossa Vida e à Vida do Próximo, é um momento especial de parada para rever Nossas Atitudes e as Atitudes da Sociedade em que Vivemos, este período é chamado de Quaresma. A Liturgia da Palavra de cada Domingo Quaresmal é um itinerário para descobrirmos os pontos que somos convidados por Jesus para melhorar Por isso é que neste tempo de Conversão a Igreja no Brasil propõe motivos para serem Meditados em Comunidade através da Campanha da Fraternidade (CF). A cada ano temos um Tema Relevante vida em sociedade a ser Refletido, Discutido e Celebrado, percorrendo um Caminho de Conscientização que leva-nos a Mudanças Pessoal e Social. A CF é Fruto do Espírito Crítico e Participativo das Comunidades Eclesiais de Base, cuja Caminhada fora reafirmada na Conferência do Episcopado latino-americano de Aparecida em maio de 2007. Este ano a Folhinha da Paróquia São Silvestre I, de Maringá, yem fazer Memória e trazer Presente os Temas já Discutidos nas CF durante este tempo de minhada, pós Concilio Vaticano II e das Conferências Latino-americanas de Medelin e Puebla. Ao longo de 46 Anos da CF a Igreja já discutiu Temas como Renovação da Igreja e do Cristão; a Realidade Social e existencial de Todo o Povo Brasileiro: Problemas da Violência, da Fome, da Saúde, dos Carcerários, do Menor Abandonado, Problema da Distribuição da Terra, dos Povos Indígenas e outros mais. Temas que a Igreja abordou com senso Profético e algumas foram Ecumênicas com Participação de outras Igrejas Cristãs . As Comunidades da Paróquia desejam a todos um Santo Ano Novo e lembre-se de que juntos somos mais. VIDA SIM, DROGAS NÃO vem para o meio! neste chão ONDE MORAS? SEM TRABALHO. POR QUÉ? OUVI O CLAMOR DESTE POVO Preserve ONDE ESTÁ SALIDE PARA **TODOS** Repartir o Pão

1

De terreno abandonado à educação agroecológica: Escola Milton Santos completa 15 anos

Localizada em Maringá, a escola foi construída por voluntários e adota pedagogia que atende às necessidades do campo

Júlia Rohden Brasil de Fato | Curitiba (PR)

15 de Dezembro de 2017 às 15:04



A Escola Milton Santos. que comemora 15 anos sábado neste (16), transformou as obras abandonas de uma indústria aue nunca funcionou em espaço voltado para o ensino da agroecologia. Todas as estruturas da escola foram construídas por

trabalhos voluntários de camponeses. Foram centenas de pessoas que passaram pela instituição, levando aprendizados técnicos para suas comunidades e deixando alguma contribuição, seja no espaço físico, na parte pedagógica ou na produção da horta agroecológica.

Quase metade dos 70 hectares que foram cedidos pela prefeitura de Maringá para a ocupação da escola é destinada à produção em sistema agroflorestal. Ali se colhe café, hortaliças, mandiocas e outros alimentos. Integrante do setor pedagógico, Vagner de Matos explica que a produção é para consumo dos próprios alunos e o excedente é vendido em feiras em Maringá e no município vizinho de Paiçandu.

O que a mídia não divulga

"Para além da agroecologia, há o elemento de ser uma escola popular que tem portas abertas para fazer formação em diversas áreas e também para contribuir na discussão e na prática da própria educação do campo. Para contemplar as questões do campo, tanto sociais quanto de produção agrícola", comenta Matos.



João Flávio Borba, que participou da coordenação pedagógica da escola nos primeiros sete anos. ressalta que o objetivo principal atender é necessidade da população campo, sendo um contraponto ao êxodo rural promovido pelo agronegócio. uma forma de organizar tecnologias que vão atender as necessidades reais do pequeno agricultor, do assentado e

das comunidades tradicionais na sua realidade concreta", completa.

Pedagogia voltada à realidade do campo

A escola funciona em regime de alternância, uma metodologia reconhecida pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Assim, os estudantes alteram entre o período na escola e outro período de volta à sua comunidade para desenvolver tarefas das disciplinas.

Borba ressalta que o período que os estudantes voltam para suas casas não significa que estão de férias e explica que o regime de alternância permite os moradores do campo conciliar estudos com o trabalho para seu sustento. Ele também é dirigente estadual do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e comenta que nas escolas do campo organizadas por movimentos sociais há um modelo de educação diferente do convencional. "Há uma proposta pedagógica de inserção nas atividades cotidianas dos estudantes. Há horários definidos de aula, de estudo, de trabalho, que estão vinculados ao processo de autogestão, de cuidado e de construção da própria escola", conta.

O que a mídia não divulga

A escola recebe alunos de várias regiões do Paraná e oferece cursos formais e encontros de capacitação, qualificação e pesquisa. Além da formação técnica em agroecologia, também foram realizados cursos de Pedagogia do Campo e de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A instituição é gerida pelo MST, em articulação com outras entidades do campo.

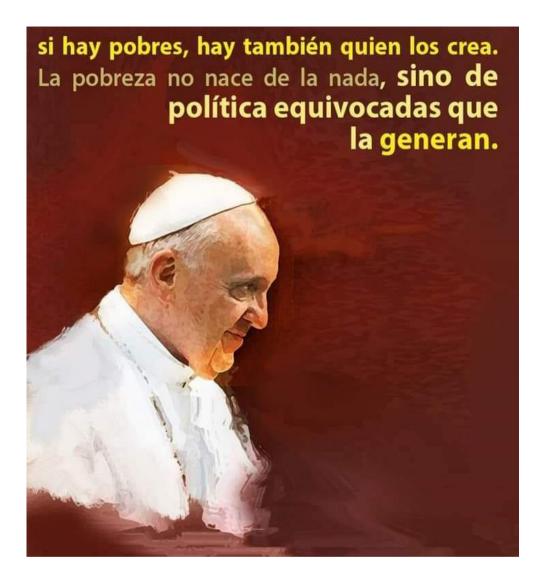
A construção da escola

Criada em 2002, a Escola Milton Santos foi uma das primeiras do Paraná voltadas ao campo. Os cursos começaram junto com os do Centro de Desenvolvimento Sustentável, Agropecuário e Educação e Capacitação em Agroecologia e Meio-Ambiente – CEAGRO, instalado no assentamento no município de Cantagalo, região centro-sul do estado.

A área era ocupada por instalações inacabadas e abandonadas de uma indústria que não chegou a funcionar. Borba conta que as ruínas estavam ali há cerca de 20 anos e o local era considerado perigoso pelos moradores da região.

A ideia de construir a escola veio da discussão do MST sobre a necessidade de espaços de formação em agroecologia nas zonas rurais. "Fomos transformando aquele espaço. Aproveitamos as instalações precárias que haviam e, com muito trabalho coletivo, construindo a escola", lembra Borba.

Além da área de cultivo agrícola, a Escola Milton Santos tem espaço para refeitório, alojamento, laboratório, biblioteca e salas de aula. O nome é uma homenagem ao geógrafo brasileiro, que faleceu em 2001, e é reconhecido por seu pensamento crítico e por suas contribuições teóricas.



EZORTACAO "GAUDETE ET EXSULTADE" – Papa Francisco Sobre a Chamada a' Santidade!

O Papa deixou reflexões bonitas sobre *0 Discurso de Jesus na Montanha.*

Achei interessante quando falou dos perigos das ideologias onde ele frisou também o seguinte no parágrafo 101.

Mas é nocivo e ideológico também o erro das pessoas que vivem suspeitando do compromisso social dos outros, considerando-o algo de superficial, mundano, secularizado, imanentista, comunista, populista; ou

então relativizam-no como se houvesse outras coisas mais importantes, como se interessasse apenas uma determinada ética ou um arrazoado que eles defendem.

Eu quero aqui oferecer este trecho do Papa Francisco ao Presidente Lula, que como Político, se considera amigo a nossa Igreja e aos demais religiões, para sua reflexão neste tempo de SOLIDAO que foi imposta sobre ele:

«Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu»

Diz o papa Francisco: "O próprio Jesus sublinha que este caminho vai contracorrente, a ponto de nos transformar em pessoas que questionam a sociedade com a sua vida, pessoas que incomodam. Jesus lembra as inúmeras pessoas que foram, e são, perseguidas simplesmente por ter lutado pela justica, ter vivido os seus compromissos com Deus e com os outros. Se não gueremos afundar numa obscura mediocridade. não pretendamos uma vida cómoda, porque, «quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la» (Mt 16, 25). "Para viver o Evangelho, não podemos esperar que tudo à nossa volta seja favorável, porque muitas vezes as ambições de poder e os interesses mundanos jogam contra nós. São João Paulo II declarava «alienada a sociedade que, nas suas formas de organização social, de produção e de consumo, torna mais difícil a realização [do] dom [de si mesmo] e a constituição [da] solidariedade inter-humana». Numa tal sociedade alienada, enredada numa trama política, mediática, económica, cultural e mesmo religiosa, que estorva o autêntico desenvolvimento humano e social, torna-se difícil viver as bemaventuranças, podendo até a sua vivência ser mal vista, suspeita, ridicularizada.

"A cruz, especialmente as fadigas e os sofrimentos que suportamos para viver o mandamento do amor e o caminho da justiça, é fonte de amadurecimento e santificação. Lembremo-nos disto: quando o Novo Testamento fala dos sofrimentos que é preciso suportar pelo Evangelho, refere-se precisamente às perseguições (cf. *At* 5, 41; *Flp* 1, 29; *Col* 1, 24; 2 *Tm* 1, 12; 1 *Ped* 2, 20; 4, 14-16; *Ap* 2, 10).

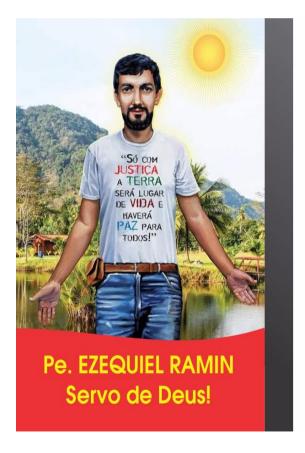
"Fala-se, porém, das perseguições inevitáveis, não daquelas que nós próprios podemos provocar com um modo errado de tratar os outros.

O que a mídia não divulga

Um santo não é uma pessoa excêntrica, distante, que se torna insuportável pela sua vaidade, negativismo e ressentimento. Não eram assim os Apóstolos de Cristo. O livro dos Atos refere, com insistência, que eles gozavam da simpatia «de todo o povo» (2, 47; cf. 4, 21.33; 5, 13), enquanto algumas autoridades os assediavam e perseguiam (cf. 4, 1- 3; 5, 17-18).

"As perseguições não são uma realidade do passado, porque hoje também as sofremos quer de forma cruenta, como tantos mártires contemporâneos, quer duma maneira mais subtil, através de calúnias e falsidades. Jesus diz que haverá felicidade, quando, «mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa» (*Mt* 5, 11). Outras vezes, trata-se de zombarias que tentam desfigurar a nossa fé e fazer-nos passar por pessoas ridículas.

Abraçar diariamente o caminho do Evangelho mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade."



Oração em Honra do Servo de Deus Pe. Ezequiel Ramin (1953-1985) Missionário Comboniano, de Padova,Itália

OREMOS

Ó Deus de misericórdia. nós vos agradecemos pelo vosso Servo Pe. Ezequiel Ramin, mártir a servico da vida na Amazônia. Seu testemunho de seguimento a Cristo e de amor aos indígenas e pobres sem-terra nos impulsa a sair de nós mesmos e a sonhar com um mundo mais justo e solidário. em harmonia com toda a Criação. Fazei que, inspirados por este mesmo amor, nos tornemos discípulos missionários da Boa Nova do Reino. capazes de testemunhar a todos os povos vosso amor e esperança. Por sua intercessão, concedei-nos a graça que necessitamos... Por Nosso Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém

Dom. Bruno Pedron Bispo de Ji-Paraná

CAPITALISMO – 'DITADURA SUTIL'

Em viagem pela América do Sul, Francisco, acompanhado de Evo Morales, se reuniu com membros de movimentos sociais de 40 países e visitou um presídio *Por Opera Mundi*

Antes de partir em direção ao Paraguai, última etapa da viagem à América Latina, o papa Francisco esteve na Bolívia reunido com cerca de 1.500 representantes de movimentos sociais de mais de 40 países. O pontífice fez na quinta-feira (10/07) um discurso contra o sistema capitalista, o qual chamou de "ditadura sutil", e pediu desculpas pelos crimes da Igreja contra indígenas na região. Ainda em Santa Cruz, visitou a prisão de Palmasola, a mais perigosa do país andino.

No segundo Encontro Mundial de Movimentos Sociais, Francisco, após ouvir, por quase uma hora, depoimentos de grupos de excluídos (indígenas, catadores de papel, trabalhadores precários do mundo rural e das periferias das cidades), afirmou que eles "têm um papel essencial, não apenas exigindo e reclamando, mas fundamentalmente criando". "Vós sois poetas sociais: criadores de trabalho, construtores de casas, produtores de alimentos, sobretudo para os descartados pelo mercado global", disse Francisco.

Com tema três Ts: "terra, teto e trabalho", papa reconheceu "que as coisas não andam bem num mundo onde há tantos camponeses sem terra, tantas famílias sem teto, tantos trabalhadores sem direitos, tantas pessoas feridas na sua dignidade".

Para o líder da Igreja Católica, o atual sistema global "que impôs a lógica do lucro a todo o custo, sem pensar na exclusão social nem na destruição da natureza (...) é insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos.... E nem sequer o suporta a Terra, a irmã Mãe Terra, como dizia São Francisco".

"Quando o capital se converte em ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez pelo dinheiro tutela todo o sistema socioeconômico, arruína a sociedade, condena o homem, transforma-o em escravo, destrói a fraternidade inter-humana, coloca povo contra povo e, como vemos, até põe em risco esta nossa casa comum", disse o sacerdote.

Francisco considerou ainda que atual sistema é uma "ditadura sutil" e chamou os mais pobres e excluídos à ação: "vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos '3 T' (trabalho, teto, terra), e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudança nacionais, regionais e mundiais. Não se acanhem!".

Assim, o papa propôs aos movimentos sociais três tarefas:

- Colocar a economia a serviço dos povos: "Esta economia é não apenas desejável e necessária, mas também possível. Não é uma utopia, nem uma fantasia. É uma perspectiva extremamente realista. Podemos consegui-la";
- Unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça: nenhum poder efetivamente constituído tem direito de privar os países pobres do pleno exercício da sua soberania e, quando o fazem, vemos novas formas de colonialismo que afetam seriamente as possibilidades de paz e justiça;
- Defender a Mãe Terra: "a casa comum de todos nós está sendo saqueada, devastada, vexada impunemente. A covardia em defendê-la é um pecado grave. Vemos, com crescente decepção, sucederem-se uma após outra cúpulas internacionais sem qualquer resultado importante.

E concluiu: "Digamos juntos do fundo do coração: nenhuma família sem



teto, nenhum camponês sem-terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade, nenhuma criança sem infância, nenhum jovem sem possibilidades, nenhum idoso sem uma veneranda velhice. Continuai com a vossa luta e, por favor, cuidai bem da Mãe Terra".

OS INDÍGENAS



No país onde mais da metade da população se autodeclara indígena, Francisco se desculpou pelos crimes cometidos pela Igreja em nome de Deus. "Eu quero dizer-vos, quero ser muito claro, como foi São João Paulo II: Peço humildemente perdão, não só para as ofensas da própria Igreja, mas também para os crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América"

O papa pediu ainda que os presentes recordassem "de tantos bispos, sacerdotes e leigos que pregaram e pregam a boa nova de Jesus com coragem e mansidão, respeito e em paz; que, na sua passagem por esta vida, deixaram impressionantes obras de promoção humana e de amor, pondo-se muitas vezes ao lado dos povos indígenas ou acompanhando os próprios movimentos populares mesmo até ao martírio. A Igreja, os seus filhos e filhas, fazem parte da identidade dos povos na América Latina. Identidade que alguns poderes, tanto aqui como noutros países, se empenham por apagar, talvez porque a nossa fé é revolucionária, porque a nossa fé desafia a tirania do ídolo dinheiro", concluiu.

Igreja através a Pastoral do Migrante e o MST acolhem expatriados

Contingente representa 15% do total de acampados no Paraná; Pastoral do Migrante justifica que auxílio é dever cristão

A volta dos brasiguaios ao Paraná está sendo comandada por dois movimentos: um religioso e outro sócio-político. Apesar de não admitirem claramente, a Pastoral do Migrante - ligada à Igreja Católica - dos dois países e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) brasileiro recrutam, treinam, transportam e abrigam os emigrantes na volta ao seu país natal.

Em San Alberto, município a 88 quilômetros da fronteira com Foz do Iguaçu, a Pastoral do Migrante tinha, há uma semana, um cadastro com 120 nomes de chefes de família interessados em retornar ao Brasil e ingressar no MST. O ferreiro brasiguaio Valírio Rodrigues de Freitas, de 35 anos, um dos coordenadores da entidade no município, já estava convocando o grupo para reuniões.

Ney de SouzalgrejaZenaide Guarnieri, da Pastoral do Migrante: apoio moral do bispo" Vamos mostrar a realidade e explicar que não vai ser fácil conseguir terra no Brasil", afirma. Segundo Freitas, a Pastoral do Migrante decidiu atuar na "repatriação" depois de assistir a iniciativas desesperadas e sem qualquer organização de grupos que voltavam por conta própria. "Muitos não tinham nem o dinheiro da passagem. Aí alguns empresários daqui cederam caminhões para que fizéssemos o transporte de 150 pessoas".

Na opinião da freira gaúcha Maria Lourdes Vendrúsculo, de 59 anos, coordenadora da Pastoral em San Alberto, ao ajudar os brasiguaios a Igreja está cumprindo seu papel "humano e cristão". "Estamos tentando garantir os direitos a vida, dignidade, casa, terra e comida reservados por Deus", prega. A coordenadora da Pastoral do Migrante em Foz do Iguaçu, Zenaide Guarnieri, de 42 anos, - também freira e gaúcha - diz que a iniciativa conta com o "apoio moral" do bispo regional, dom Olívio Aurélio Fazza.

Em entrevista à Folha, Dom Olívio negou que a Igreja Católica na região tenha responsabilidade no retorno dos brasiguaios. "Mas eles são brasileiros. São parte de um problema nacional", declarou o bispo, de 73

anos. De acordo com ele, as acusações de que a Igreja está incentivando o movimento são feitas por "pessoas que não conhecem a realidade".

Ney de Souza Realidade Valírio de Freitas: Segundo a Folha apurou, uma das principais funções da Pastoral do Migrante de Foz, ao receber os brasiguaios, é agrupá-los seguindo o critério de região de origem no Paraguai. O objetivo é fazer com que famílias com identidade entre si sigam para o mesmo acampamento e sejam "vizinhas" em um futuro assentamento no Paraná.

Além de auxiliar no recrutamento e no transporte, o MST encaminha as famílias que chegam para "reforçar" acampamentos no Oeste do Estado. Áreas públicas ou sob intervenção federal têm prioridade. Já há uma grande participação de brasiguaios em acampamentos do MST nos municípios de São Miguel do Iguaçu, Diamante do Oeste e Ibema. No dia 21 de junho, a primeira grande coluna de brasiguaios em retorno ao País, com 320 famílias, invadiu um centro de formação de professores da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), em São Miguel do Iguaçu (45 quilômetros a nordeste de Foz do Iguaçu).

Com 14,5 hectares - metade dos quais cobertos com mata nativa - a propriedade quase foi pequena para abrigar todas as famílias. O próprio MST admite que a área não poderá ser destinada à reforma agrária, mas considera que o local é estratégico para apressar o processo de assentamento dos sem-terra.

De acordo com levantamento do MST, já há 1.300 famílias de brasiguaios - que somam 5.200 pessoas - entre as 3.100 famílias de semterra no Oeste paranaense. No contingente do Estado, o grupo representa quase 15% das cerca de 10 mil famílias de acampados. Para Alfeu Genaro, de 32 anos, integrante da coordenação estadual do MST no Oeste do Estado, o retorno dos brasiguaios é um movimento espontâneo. "Eles estão se organizando, retornando ao Brasil e se juntando a nós. Nós apenas os acolhemos e levamos para os assentamentos", diz Genaro. "Essa é uma maneira de organizar os pobres para lutar pela reforma agrária".

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

ROMARIAS

As romarias tem um sentido simbólico, acham sua fonte na própria marcha da humanidade. Sempre houve lugares que despertaram fascínio sobre as pessoas e para os quais as pessoas foram e vão à busca de algo para suas vidas.

As Romarias da Terra aconteceram na esteira do Concílio Vaticano II, que acabou com a ruptura entre povo, palavra e altar. As Romarias tradicionais essencialmente buscam o altar e o Santo, as Romarias da Terra introduziram a "Palavra", a reflexão. As Romarias da Terra têm um caráter ecumênico e ainda mais macro-ecumênico, incorporando ritos e símbolos de outros religiões ao universo católico.

As Romarias da Terra valorizam o religioso, e não falham na sua contribuição profética. Nelas se busca mais que confortar o coração, se busca a transformação da sociedade, a construção do Reino de Deus.

As romarias tradicionais estão centradas na individualidade, na promessa, no transcendente e as Romarias da Terra tem como foco o coletivo e a realidade do povo. "A romaria contribui para transformar a mística e a espiritualidade em gesto e compromisso concretos". (Cícero Moreira da Silva, professor da Universidade do estado do Rio Grande do Norte)

"As Romarias da Terra são o Sacramento da caminhada. Elas são o templo do encontro do divino com o humano". (Pe. Dirceu Fumagalli, agente da CPT Paraná)

A diversidade das Romarias

A CPT realiza Romarias da Terra desde 1978. As primeiras se deram no Rio Grande do Sul e em Bom Jesus da Lapa, Bahia. Há grande diversidade de Romarias, tanto pela periodicidade com que são realizadas, quanto aos locais.

Algumas são realizadas pelos regionais anualmente, outras a cada dois ou três anos. Outras não têm periodicidade definida.

Alguns regionais realizam suas romarias em lugares tradicionais de romaria, como na Bahia, no Santuário do Bom Jesus da Lapa.

O mais comum é que as Romarias da Terra se realizem em lugares marcados por algum fato significativo da luta pela terra: um conflito, a conquista da terra, etc.

A maior parte das Romarias é de âmbito regional ou estadual. Algumas são diocesanas.

Na primeira década do ano 2000, as Romarias começaram a se chamar de Romarias da Terra e das Águas.

Dom Ladislau Biernaski Defende Legitimidade do MST



"A doutrina social da Igreja Católica condiz com a reforma agrária, já que a terra é feita para cumprir uma função social, o que não acontece hoje no Brasil." Esse foi o tom do discurso do bispo auxiliar de Curitiba, Dom Ladislau Biernaski, que defendeu. ontem. а legitimidade do Movimento

dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para os cerca de 5 mil trabalhadores rurais sem-terra que participam do 17º Encontro Estadual do MST, em Curitiba.

Segundo Biernaski, para acabar com os conflitos é preciso que aconteça a reforma agrária e, para isso, a Igreja está apresentando ao MST

O que a mídia não divulga

propostas viáveis. Quanto às ocupações, o bispo afirmou: "Não apoiamos as ocupações em si, mas é a única forma de pressão que os trabalhadores têm".

O Advogado Darci Frigo, que participou do encontro, disse que as ocupações estão sendo feitas de forma pacífica e que são uma lição de democracia aos ruralistas.

A Sociedade Rural Brasileira (SRB) já informou que fará o "abril verde" em resposta ao "abril vermelho" anunciado pelo coordenador nacional do MST, João Pedro Stedile. Segundo o presidente da SRB, João Almeida Sampaio Filho, em e-mail distribuído ontem, essa resposta significa que o produtor rural vai responder às invasões com mais produção e renda, já que abril é mês da colheita.

Um dos coordenadores estadual do MST, Célio Rodrigues, comentou que o "abril verde" é só uma "história" para chamar a atenção. Ele garantiu que não há nenhuma ocupação programada no Paraná este mês.

Ontem, as dez famílias que ocuparam uma área do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Ibama) em Guaraqueçaba (litoral do Paraná) na última segunda-feira transferiram seus acampamentos para a entrada da propriedade. As famílias, que segundo o Ibama não têm ligação com o MST, se retiraram a pedido do órgão, que tem uma liminar de reintegração de posse.

O gerente executivo do Ibama no Paraná, Marino Eligio Gonçalves, informou que as famílias não vão poder permanecer nem na entrada da propriedade porque existe um risco potencial ao ecossistema local. A área, de 6 mil hectares, é um remanescente de Mata Atlântica, que está em processo de classificação para ser transformada em floresta nacional.

MST, Guerrilheiros, Lei e Religião

Padre João Caruana na Folha de Londrina

Li os artigos de Joel Samways Neto, do dia 19, de Francisco Luiz Prando Galli, presidente da Sociedade Rural do Paraná e de Maria Lucila Victor Barbosa, do dia 22. Quero discutir a colocação de Samways quando ele afirma que "a ladainha do MST é desconversa, cortina de fumaça para tentar ocultar o fato de que invadiram propriedade particular, esbulharam a posse e resistiram à ordem judicial"; e a indagação de Galli: "Quando nossas casas são assaltadas por bandidos que nos roubam, ameaçam, destroem nossos pertences e colocam em risco a vida de nossas famílias, como devemos proceder?"

As estas duas colocações, quero lembrar aos autores, especialmente a Samways, por razões óbvias, da decisão do ministro Luiz Vicente Cernicchiaro, do STJ, que em 8 de abril de 1997, num habeascorpus em favor de José Rainha Júnior (dirigente do MST) e seus colegas, julgou que "um movimento popular visando a implantar a reforma agrária não caracteriza crime contra o patrimônio. Configura direito coletivo, expressão da cidadania, visando a implantar programa constante da Constituição da República. A pressão popular é própria do estado de direito democrático!"

Falando de juízes e procuradores de Justiça, quero chamar atenção ao artigo "Esperança Sem Terra", do juiz federal Antônio Souza Prudente, publicado na revista jurídica "Consulex" em agosto de 97: "Cansados de tantos discursos, levantam-se os sem-terra em protesto cívico, na capital da República, para que as autoridades adotem medidas que visem a melhor distribuição da terra"; e mais adiante: "Legislativo, Executivo e Judiciário devem unir esforços a priorizar a implantação de uma ordem jurídica justa!" Este é o xis do problema – a implantação de uma ordem jurídica justa! No mesmo teor, no artigo "Os guerrilheiros do MST", Maria Lúcia concluiu "o fato é que o MST descambou abertamente para a guerrilha".

Desejo relembrar aos leitores (mesmo que se por um átimo tenham ficado aterrorizados com a afirmação de que o MST é um movimento de

guerrilha, e não como o sábio juiz citado disse, que é um movimento que trabalha dentro do estado de direito democrático visando a implantar a reforma agrária, que é 500 anos atrasada), uma entrevista que João Pedro Stédile concedeu em São Paulo, um ano e meio atrás.

O coordenador nacional do MST disse, sobre a possibilidade de o MST optar pela luta armada como o Chiapas no México, parafraseando: "Quando nós discutimos sobre as possibilidades abertas a nós, chegamos a estas conclusões: (1) O governo tem polícia, tem Exército e tudo mais. Nós não temos nada disso; (2) Os latifundiários têm dinheiro. Ele pode corromper todo mundo. Nós não temos dinheiro; (3) Nós temos uma coisa só que eles não têm – temos 5 milhões de famílias que querem terra. A nossa força está aí." Stédile saiu muito fortalecido da entrevista. Não é por acaso que a imprensa leal ao Planalto tenta denegri-lo.

Agora, por ser padre, coloco rapidamente alguns pensamentos da nossa Igreja, não de um teólogo qualquer — os teólogos me entendem — mas de um documento do Pontifício Conselho Justiça e Paz da Santa Sé, de 23 de novembro 1997, e a mensagem do papa João Paulo II, de 1º de janeiro de 2000 — respondendo também assim a Joel Samways sobre como o pessoal das igrejas cristãs que apóiam o MST consegue celebrar os seus cultos!

O documento, após ressalvas, conclui: "O retardamento e o adiamento da reforma agrária tiram toda a credibilidade às suas ações de denúncia e de repressão das ocupações da terra". Este documento se adquire nas livrarias das Edições Paulinas e não tem uma palavra sequer que defenda o latifúndio brasileiro. E é um documento da Santa Sé! Falando de "retardamento e do adiamento da reforma agrária", basta lembrar que as últimas duas descobertas que tivemos no Brasil para efetuar a reforma agrária foram o projeto de Vila Rurais do governo do Paraná e o Banco da Terra, do governo Federal! Os dois não são reforma agrária, mas mentiras oficiais do Estado.

Enfim, o papa João Paulo II, na mensagem para o Dia da Paz deste ano assim escreve: "A tarefa nobilíssima e difícil da paz, inscrita na vocação da humanidade de ser uma família e de se reconhecer como tal, encontra uma base de apoio no princípio do destino universal dos bens da terra, princípio que não tira legitimidade à propriedade privada, mas abre a

O que a mídia não divulga

concessão e gestão da mesma à sua imprescindível função social em benefício do bem comum e especialmente dos membros mais débeis da sociedade. Infelizmente, este princípio fundamental está muito descuidado"...

Para terminar, um desabafo: na missa do início do ano novo, eu fotocopiei 600 cópias do capítulo mencionado, expliquei-o ao povo e o dediquei ao Brasil. Fiquei triste quando, no dia 2, padre Marcelo, com seu bispo, celebrou a Missa da Paz com 1 milhão de pessoas presentes e mais 130 milhões nas casas – inclusive eu – e não houve nenhuma menção dessa mensagem do papa.

Desde 1967, o sumo pontífice vem dedicando ao mundo uma mensagem de paz! Será que foi um esquecimento do padre Marcelo e de seu bispo? Normalmente tais mensagens chegam nas mãos dos bispos cerca de 15 dias antes do evento. Para não falar da Internet, de onde eu tirei a minha cópia. Uma Igreja que engaveta a palavra social do magistério, negando às massas o conhecimento dos direitos delas à luz da Palavra de Deus, deve nos levar a um verdadeiro exame de consciência.



Democracia, Liberdade e Justiça

Por Carlos Moura

"2018 será um daqueles anos decisivos para o futuro do Brasil. Nele se condensará décadas de qual modelo de nação seremos: uma nação a serviço de toda a coletividade e aberta solidariamente para todas as nações, especialmente da América Latina e África.

Ou nos contentaremos com a pilhagem de nossas riquezas naturais, humanas e culturais."

(Extraída da Circular do Secretário Executivo da Comissão Brasileira Justiça e Paz, - CBJP - em 20 de dezembro de 2018)

Às vésperas de celebrar os 30 anos da promulgação da Constituição Federal, a Comissão Brasileira Justiça e Paz – CBJP – sente-se no dever de manifestar sua preocupação com a adoção de medidas que afrontam o espírito da Carta Cidadã, que foi construída pelo povo brasileiro, com muita luta e compromisso.

O histórico processo constituinte mobilizou toda a sociedade e determinou o regime democrático como modelo de governo e forma de gestão. O fim do regime militar e a volta das eleições diretas foram determinantes para o estabelecimento do pacto constitucional.

Hoje assistimos o atual governo,- Governo Temer - sem legitimidade, adotar medidas neoliberais, reduzindo drasticamente a capacidade de investimento do Estado, transferindo patrimônio econômico e riquezas naturais para as empresas estrangeiras e extinguindo direitos adquiridos da classe trabalhadora. Isso tudo fere o espírito da Carta Cidadã e está sendo feito com a ajuda do poder legislativo e a complacência do judiciário. Pela 8ª. vez desde a redemocratização do país, o povo brasileiro irá às urnas em 2018 para escolher o programa de governo e os responsáveis pela sua execução.

No entanto, ventos ameaçadores sopram na direção da nossa golpeada democracia. Num clima de falta de confiança e grave instabilidade econômica e política, os institutos de pesquisa de opinião apontam baixíssimo índice de aprovação do atual governo, que poderia, no seu desespero e no afã de concluir a liquidação do patrimônio nacional e dos direitos sociais, frustrar a convocação das eleições gerais.

O que a mídia não divulga

Com semelhante gravidade, outra ameaça vem contribuindo para o descrédito da nossa democracia: a possibilidade de um julgamento político do ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e o consequente impedimento de que ele concorra às eleições.

A sentença que condenou o presidente a 9 anos e meio de prisão sem provas cabais deve ser reformada para que o país não pratique e dissemine por todo o território barbáries judiciais.

Considerar a hipótese de impedir o ex-presidente da república, que deixou o governo com o maior índice de aprovação da história e é apontado nas pesquisas de opinião como o candidato que tem o dobro de preferência em relação ao segundo possível concorrente às eleições presidenciais, fere de morte o direito soberano da população de escolher o seu governante e o programa de governo.

Queremos, na confiança e esperança, repetir as palavras de Isaías nos versículos 16 e 17 do capítulo

"O direito vai morar no que é deserto, A justiça tomará assento no bosque. E o fruto da justiça será a paz. A prática da justiça resultará em tranquilidade e segurança duradouras".

Brasília, 23 de janeiro de 2018

Carlos Moura Secretário-Executivo Comissão Brasileira Justiça e Paz

90 anos de transformações na Igreja. Entrevista especial com Dom Tomás Balduíno

02 Janeiro 2013

"Num país como o nosso, que tem tantos recursos e onde muitas igrejas são florescentes de templos invejáveis em tamanho, conforto etc., pastorais de fronteira estão empobrecidas", declara bispo emérito de Goiás.



Dom Tomás Balduíno, bispo emérito de Goiás, pertence a uma geração de bispos brasileiros que identifica na missão da Igreja uma transformação social. Ele esteve à frente da criação da Comissão Pastoral da Terra – CPT e do Conselho Indigenista Missionário – Cimi, onde, ainda hoje, atua com bastante entusiasmo. Na entrevista a seguir, concedida por telefone à IHU On-Line, Dom Tomás recorda sua trajetória na Igreja e enfatiza que a "CPT aconteceu num momento de muita animação, decisão, caminhada e energia a favor dos pobres. Foi fruto do Concílio Vaticano II e de Medellín". Para ele, tanto a CPT quanto o Cimi "trouxeram para dentro da Igreja uma abertura, porque a convivência com esses povos trazia, na pessoa dos agentes de pastoral das CPTs, para

o interior da Igreja a preocupação com a situação deles". E conclui: "Houve um crescimento dentro da própria instituição eclesiástica".

Poucos dias antes de completar 90 anos de idade, **Dom Tomás Balduíno** conversou com a **IHU On-Line** e diz se sentir "livre". "Não tenho mais o governo de uma diocese, mas se eu pastoreio, eu pertenço ao Colégio Episcopal. Então, tenho na Igreja a atuação referente à missão de pastor".

Depois de ter presenciado momentos difíceis na Igreja, como o período militar, **Dom Tomás** gosta de pensar o futuro da Igreja numa perspectiva de "esperança". "O futuro próximo é a continuidade. Agora, o futuro mais remoto a Deus pertence. Eu acho que tem muito elemento dentro da Igreja no sentido de uma renovação. Será que isso terá acesso ao governo mundial da Igreja na pessoa do Papa? Não sei", conclui.

Dom Tomás Balduíno nasceu em 31 de dezembro de 1922, e no final do ano passado completou 90 anos. É teólogo católico, bispo emérito de Goiás e assessor da Comissão Pastoral da Terra. Pertence à Ordem Dominicana.

IHU On-Line – Quando e por que decidiu seguir a vida religiosa e entrar na Ordem Dominicana?

Dom Tomás Balduíno – Desde menino eu já tinha vontade de ser padre. Talvez por influência familiar dos tios padres por parte da minha mãe, ou de um tio padre por parte do meu pai. Na cidade onde morava, **Formosa**-GO, havia uma comunidade de religiosos dominicanos franceses.

Admirava estes monges pela vida missionária deles, pelo sacrifício de rodar boa parte do estado de Goiás a cavalo. Então, me engajei na Igreja, e quando era adolescente fui encaminhado para o seminário, depois para o noviciado em Uberaba. Mais tarde estudei em São Paulo e cursei Filosofia; na França, mais tarde, estudei Teologia, porque faltam professores no Brasil. Nessa época tivemos uma influência interessante dos precursores do **Concílio Vaticano II**. Fui ordenado padre na França e, ao voltar ao Brasil, depois de um certo tempo de lecionar nas faculdades de Filosofia, meu provincial me designou para a missão indigenista. Esse foi o início de uma nova etapa. Não que eu escolhesse, mas fui levado a isso pelas circunstâncias, porque eu era o superior da missão, e a partir de um certo momento, na década de 1960, fui procurado pelos lavradores que

estavam sendo pressionados pelos proprietários da terra no estado do Pará. Acabei me envolvendo com esse mundo. Depois também trabalhei com os povos indígenas. Tive mais contato com o povo **Xikrin**, do Alto do Itacaiúnas; aprendi a língua convivendo com eles.



Injustiça social

O que me marcou profundamente foi a questão da injustiça social no sentido de o governo do estado do Pará vender terras sem levar em conta a população que estava dentro daquele território. Houve conflitos e eu participei deles no início, porque depois fui transferido para Goiás, como bispo diocesano, onde fiquei durante 31 anos. Lá me deparei novamente com a questão da terra, porque é uma região de muito latifúndio, de dominação da elite dos caiados. Nesse tempo que vivi em Goiás, ajudei a inaugurar duas fundações importantes para a Igreja e para a sociedade: o Conselho Indigenista Missionário – Cimi, que foi substituindo pouco a pouco as antigas missões de caráter paternalista; e a Comissão Pastoral da Terra, que surgiu graças a Medellín e ao Concílio Vaticano II, nos anos de1972 e 1973. O Cimi surgiu como opção pelos pobres, mas considerando os pobres como sujeitos, autores e destinatários de sua própria caminhada, como protagonistas de sua própria luta.

Quer dizer, mudou, naquele tempo, completamente a postura da Igreja com relação aos povos indígenas e com relação aos camponeses. As experiências que se tinham eram de criar organizações, confrarias de operários, trabalhadores rurais ligados religiosamente à Igreja. Na posição da **Comissão Pastoral da Terra**, que nasceu em 1975, houve uma revolução Copernicana, assim como houve no Universo Indígena Pastoral

Indigenista de respeitar a condição de sujeito dos trabalhadores rurais e não objeto de nossa ação caritativa.

IHU On-Line – O senhor foi cofundador do Conselho Indigenista Missionário em 1972 e seu segundo presidente. Como avalia a questão indígena no país 40 anos depois?

Dom Tomás Balduíno – Houve avanço no sentido das organizações indígenas. O próprio Conselho Indigenista Missionário tem numa nova política de tratamento aos povos indígenas. Em vez de querer confiná-los em um determinado lugar pastoral, como era antigamente, sugeriu uma proposta – que no início nos chocou e depois se viu que era o "ovo de Colombo" – de favorecer assembleias de chefes de tribos diferentes. Tínhamos receio, porque eram tribos muitas vezes hostis entre si, mas constatamos que eles atenderam ao convite para se reunirem. Passamos a reunir chefes indígenas em assembleias, e eles saíam convictos de que o inimigo do índio nunca era outro índio, e que precisavam recuperar sua cultura e, consequentemente, as terras. Para isso, eles começaram a se organizar em diversas articulações, associações regionais e nacionais. Assim, do lado dos índios houve avanço e eles continuam avançando.

O retrocesso foi do lado do governo que, aliado aos grupos capitalistas do agro e hidronegócio, se negou a demarcar as terras indígenas e enfraqueceu o próprio organismo da **Funai**, sucateando, de outro lado, o **Incra**. A mesma falta de vontade para com os povos indígenas é a falta de vontade para com os camponeses em relação à reforma agrária.

IHU On-Line – Como começou seu trabalho na Comissão Pastoral da Terra – CPT? Em que contexto histórico e político ela surgiu e como vê sua atuação nos dias de hoje?

Dom Tomás Balduíno – A **CPT** aconteceu num momento de muita animação, decisão, caminhada e energia a favor dos pobres. Foi fruto do **Concílio Vaticano II** e de **Medellín**. Havia um clima geral de entusiasmo dentro da própria igreja, na diocese, sobretudo nas congregações religiosas. Portanto, a CPT nasceu com a aceitação da Igreja, e tanto ela quanto o Cimi são pastorais de fronteira, diferentemente das outras pastorais litúrgicas, ecumênicas, bíblicas, de formação catequética

ou presbiteral de seminaristas. A CPT e o Cimi trouxeram para dentro da Igreja uma abertura, porque a convivência com esses povos trazia, na pessoa dos agentes de pastoral das CPTs, para o interior da Igreja a preocupação com a situação deles. Houve um crescimento dentro da própria instituição eclesiástica.

Mas essas pastorais mudaram no governo de **João Paulo II**. Houve um retrocesso dentro da Igreja, no sentido de desconfiança com relação a este mundo externo, essas pastorais, a própria **Teologia da Libertação**, que é fruto dessas duas pastorais. Então, a Igreja acompanhou um pouco, nesse movimento pendular, o fechamento das pastorais. A **CPT** chega a ser proibida em determinadas dioceses e isso mostra um pouco o clima que nós vivemos hoje.

Com relação ao seu trabalho, foi um trabalho samaritano, eu diria. O que fez o samaritano? Ele se inclinou diante do caído. Mas ela não criou uma instituição para recolher aquele caído e outros caídos; o levantou e no dia seguinte aquele caído já podia levantar outro caído. A CPT criou vários instrumentos. Quer dizer, na evolução da pastoral, percebeu que direitos humanos, terra e água são três prioridades. Para ajudar o pessoal da terra, ela criou um corpo de advogados, porque ela luta contra o latifúndio, contra o próprio Judiciário, contra todas as forças da elite para garantir o status quo, ao passo que os camponeses vinham trazer uma transformação, por exemplo, contra o latifúndio. Eles ocupavam a terra e o que fazia a CPT diante de toda a aula de legalidade da propriedade? Ela simplesmente apoiava as ocupações de terras numa nova perspectiva que, aliás, é constitucional de prioridade à função social da terra. Isso não era muito bem aceito, nem dentro da Igreja nem dentro da sociedade. O próprio poder Judiciário era muito preso às normas antigas de direitos absolutos à propriedade privada. Isso foi sendo quebrado. A CPT, em um tempo mais remoto, ajudou com agrônomos, porque muitas vezes o pessoal recuperava a terra, mas não sabia mais trabalhar.

IHU On-Line – Quais são as dificuldades de manter a CPT no Brasil e também dentro dos atuais rumos que a Igreja vem seguindo?

Dom Tomás Balduíno – Com relação à manutenção, a CPT está "ralada",

sem recurso. Ela sofre disso, porque desde o início foi apoiada com

O que a mídia não divulga

recursos externos da Europa. Mas devido à crise econômica e à diminuição no contingente católico, os recursos diminuíram. Outro fenômeno é que essas entidades entraram em convênio com o governo, e passaram a se deparar com exigências capitalistas. Então, a CPT está com esse desafio para resolver. Não se trata do fim ou da dissolução da CPT por faltas de recursos. Mas num país como o nosso, que tem tantos recursos e onde muitas igrejas são florescentes de templos invejáveis em tamanho, conforto etc., pastorais de fronteira estão empobrecidas.

IHU On-Line – Como o senhor se tornou bispo? Que aspecto destaca da sua atuação como bispo de Goiás?

Dom Tomás Balduíno – Eu era prelado – um padre com direitos de bispo –numa prelazia, que é uma área confiada a uma ordem religiosa. Fui parar em Goiás porque sou goiano. O povo cuidadosamente foi atrás do núncio e disse: "Nós queremos um bispo goiano!". Ele olhou assim, no elenco deles, e me achou lá no sul do Pará. Eu fui então nomeado o bispo de Goiás, o bispo diocesano por pedido do povo. Muitos se arrependeram. (Risos)

IHU On-Line - Será?

Dom Tomás Balduíno - Eles queriam um goiano, mas de outro tipo.

IHU On-Line - Por quê?

Dom Tomás Balduíno – No meu episcopado, iniciado em 1967, propus fazer uma caminhada na linha do Concílio do Vaticano II. Foi interessante, porque era um momento de muito entusiasmo na Igreja como um todo, e eu comecei a receber voluntários de diversas partes do país, que iam para lá colaborar com esse trabalho. Temos um hospital na diocese, e médicos que tinham um futuro promissor em outras áreas deixaram suas carreiras para vir trabalhar aqui. Com isso, houve um fortalecimento da caminhada. Desde o início valorizamos a participação popular na Igreja, não a Igreja Clerical, reservada aos padres, aos religiosos, mas a Igreja Comunhão e Participação.

Iniciei meu episcopado no final de 1967, e no início de 1968 tivemos a convocação da Primeira Assembleia Diocesana. A maioria dos membros

da Assembleia já era de leigos e pessoas das comunidades eclesiais de base. Então, você vê o que isso significa como revolução, como transformação. Claro que houve problemas, sobretudo em Goiás, onde há muita tradição das celebrações tradicionais. Eu esclareci que assumiria aquela pastoral do jeito que o povo queria.



Bispos

Como era um momento propício dentro da Igreja, nos ligamos a bispos de outras dioceses, com Dom Pedro Casaldáliga, Dom Antônio Fragoso, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Fernando Gomes dos Santos. Além das assembleias da CNBB, nós tínhamos um grupo informal de bispos, que tinha muita liberdade de sentar e chamar a assessoria, coisa que era muito difícil naquele tempo na assembleia dos bispos. Esse grupo informal se reunia com muita cautela, porque tudo era vigiado naquele tempo. Facilmente a polícia e o DOPS entravam em alguma reunião. Então, fazíamos as reuniões às sombras das assembleias da CNBB, que eram muito respeitadas. Isso ajudou a cada um de nós na nossa diocese,

O que a mídia não divulga

e ajudou a própria **CNBB**, até na escolha de seus presidentes. Não pensem que a aparição de **Dom Aloísio Lorscheider**, **Ivo Lorscheiter** caiu do céu; foi trabalho desse grupo.

IHU On-Line – Quais as dificuldades de atuar no período da ditadura? A Igreja esteve bastante dividida nesse período.

Dom Tomás Balduíno - Houve até apoio ao Golpe, "porque nos livrou do comunismo sem derramamento de sangue", diziam os próprios bispos. O sistema ditatorial tem muita tensão com a Igreja; um coronel inclusive declarou: "Nós conseguimos barrar os estudantes, silenciar a imprensa, está faltando só o púlpito das igrejas". Nós sabíamos da resistência militar às nossas propostas, porque eram propostas não apenas aprimoramento da pastoral interna da Igreja, mas de apoio às organizações populares. Segundo José de Souza Martins, o Golpe Militar de 1964 foi dado não exclusivamente, mas principalmente, para quebrar a espinha dorsal das organizações camponesas. Os militares achavam que através delas o comunismo internacional entraria no Brasil.

IHU On-Line – Como o senhor se sente hoje sendo bispo emérito depois de toda a sua atuação na Igreja?

Dom Tomás Balduíno – Me sinto muito livre. O bispo tem um grande espaço em que pode atuar dentro da Igreja. Isso é tradição, desde Santo Agostinho, Santo Ambrósio, Santo Irineu. Há bispos que eu reconheço, são tímidos, que, aliás, foram ordenados porque são mais piedosos, às vezes, medíocres. Então, depois de emérito, podemos dizer: "Ah, o bispo agora é general de pijama e não tem mais problemas". Não tenho mais o governo de uma diocese, mas se eu pastoreio, eu pertenço ao Colégio Episcopal, sou membro do Concílio Ecumênico. Então, tenho na Igreja a atuação referente à missão de pastor.

Sou conselheiro da **CPT** nacional, e assessor do **Cimi**. Então, sou convidado a participar das assembleias, dos encontros, de maneira que estou presente. Quando mudei de Goiás e vim morar na casa de dominicano, trouxe minhas caixas, meus pertences de serviços, de utilidades, livros etc. Levei quatro meses para começar a abrir aquilo. Eu era chamado para todo o canto. Por isso muitas vezes eu digo, lembrando

a palavra de Mandela: "Eu preciso aposentar da aposentadoria". Mas, por outro lado, isso me estimula.

IHU On-Line – Como o senhor avalia a situação de Dom Pedro Casaldáliga? E de outros bispos, como Dom Erwin, que também são ameaçados de morte pelo trabalho que desenvolvem?

Dom Tomás Balduíno – O Pedro para mim é um ícone. Ele me considera como padrinho, porque no dia em que ele ia responder a carta desistindo de ser bispo, conversou comigo e mudou de ideia. Ele me chamou no quarto e mostrou aquela carta. Eu falei na cara dele: "Olha, Pedro, eu não entendo você! Você aceitou ser prelado, pastor dessa Igreja como presbítero, e na hora de receber o sacramento, a consagração desse pastoreio, você recusa?". Aí ele pensou um pouco mais, reuniu o pessoal, conversou e a resposta foi favorável. Por causa desse incidente, ele me considera como padrinho. Eu o considero como um verdadeiro irmão e exemplo para a minha vida. É um homem de uma vida extraordinária, uma profunda vida espiritual, mística, um profeta e também um poeta da melhor estirpe.

Pedro ultimamente deu apoio à entrada dos **Xavantes** na antiga fazenda **Suiá-Missu**, que estava ocupada por inúmeros fazendões. Mas graças a Deus o Judiciário deu ganho de causa aos Xavantes. Dom Pedro deu apoio, estímulo, e sempre cutucou o governo para não retroceder. O processo está caminhando firmemente. O que fizeram então? Ameaçaram **Dom Pedro**: "Esse aqui tem poucos dias para ser eliminado". Então, Pedro está refugiado.

IHU On-Line – Que perspectiva vislumbra para a Igreja brasileira a partir de agora?

Dom Tomás Balduíno – A Igreja depende 99,9% do Papa. Então, o Concílio e o Pós-Concílio aconteceram graças primeiro a um papa, um homem extraordinário que foi colocado ali como transição. Ele revirou a igreja de pernas para o ar. O Concílio Vaticano II foi uma coisa notada não só nas Igrejas, mas também no mundo não cristão. Depois Paulo VI aplicou pacientemente o Concílio Vaticano II, e o papa João Paulo II trouxe outra perspectiva. Então, quando muda o Papa, muda tudo. Não

tudo, porque a Igreja é plural. Mesmo com toda a perspectiva de unidade, ela é plural.

O futuro próximo é a continuidade. Agora, o futuro mais remoto a Deus pertence. Eu acho que tem muito elemento dentro da Igreja no sentido de uma renovação. Será que isso terá acesso ao governo mundial da Igreja na pessoa do Papa? Não sei. O futuro a Deus pertence. Mas tem potencial. E o potencial, a meu ver, aponta para outro rumo, não na linha da hierarquia, do clero, do masculino. Mas na linha do leigo e na valorização da mulher.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algo?

Dom Tomás Balduíno – Acho importante, com relação a esse conjunto que eu falei, a perspectiva de esperança diante de uma situação de muito sofrimento, de angústia e tristeza.

Sucedeu uma coisa na região da Serra da Mesa onde estão os **Avá-Canoeiro**: nasceu uma criança chamada **Pantio**. Fazia 22 anos que não nascia nenhuma criança naquela etnia, que é um grupo destinado à extinção. E, de repente, nasce o **Pantio**, uma linda criança. Isso tem um sabor de Natal, você não acha? Uma estrela que aponta um caminho bonito, um caminho de esperança, um caminho da boa nova, como



aconteceu para os magos. Isso que eu queria colocar aqui como perspectiva. De onde se esperava a morte nasceu a vida. E essa vida não é só para os povos indígenas, não é só para o grupo Avá-Canoeiro, mas para todos nós, para o mundo todo. Amém!

LEONARDO BOFF: Reforma Agrária Luta Pela Vida



Nesta quarta-feira (22/01), o MST completa 30 anos. O teólogo, filósofo, escritor e amigo do MST Leonardo Boff escreveu o artigo abaixo em homenagem ao MST e à luta pela terra. Confira:

Quero me associar a todos os que celebram os 30 anos de resistência, de perseverança, de lutas e de conquistas do MST. Numa perspectiva mais geral, estimo

que o MST-Via Campesina é o maior movimento popular organizado do mundo.

Tantos foram difamados, perseguidos, presos, torturados e assassinados e vocês nunca baixaram os braços ou arrearam as bandeiras. Continuaram e continuam porque a causa é justa, humanitária e, porque não dizer, divina. É uma luta por vida, fundada na Terra, e Deus é o Deus vivo e o "soberano amante da vida", como dizem as Escrituras judaico-cristãs.

Vocês resgatam uma das mais ancestrais convicções da Humanidade: a Terra é um bem comum, vital, universal para todos os seus habitantes. Apropriar-se dela, dividi-la e ofendê-la pela excessiva exploração sempre foi considerado um roubo, uma apropriação indébita e um crime de ofensa à dignidade da Mãe Terra.

O sonho do MST nunca foi pequeno: a Reforma Agrária ou políticas agrárias mais justas e equitativas. O sonho sempre foi grande: fazer que a Terra possa acolher a todos para nela trabalhar e viver, no respeito a seus limites e possibilidades para nós e para nossos filhos e netos.

O sonho continua de uma nova Terra na qual habitam seres que se sentem filhos e filhas da alegria e não condenados à exclusão e escravos de necessidades. Nada resiste à luta perseverante. Quem na noite continua acreditando no sol, este o verá brilhante e generoso nascendo de manhã.

Vocês do MST nos dão o exemplo desta perseverança e desta fé imorredoura do Sol que vai despontar para vocês e para todos nós.

Quero ser como sempre fui: um companheiro de caminhada, solidário nas tribulações e participante das vitórias.



Os 10 Conselhos de Frei Betto

Frei Betto é a versão masculina da Socialista Morena, dada sua criatividade em resumir ideias estapafúrdias em frases malucas. Na verdade, ele a supera, afinal, é um membro da igreja católica que prega o socialismo, uma bizarrice em si mesmo.

Só me dei ao trabalho de escrever sobre ele porque realmente fiquei um tanto impressionado com sua *performance* na palestra que proferiu no Metal, em Sorocaba, na semana passada.

"Toda sociedade e toda geração precisa de uma utopia para viver. Os jovens se afastam das drogas quando têm uma utopia. Quanto mais utopia, menos droga, se não, haja tanta depressão, haja droga", disse o frei, emocionando a plateia. Confesso que passei um bom tempo imaginando a galera que frequenta os diretórios acadêmicos das universidades públicas lendo isso ao som de Bob Marley, fumando aquela bomba... "Pode crer...", devem ter dito, bem devagar, depois de uma longa baforada.

Frei Betto realmente estava inspirado: "Estamos assistindo a falência da modernidade", disse, na mesma semana em que a OMS noticiou que a mortalidade infantil foi reduzida em mais de 50% desde a queda da União Soviética, mesmo com a população mundial tendo aumentado em 2 bilhões de pessoas neste período; e essa redução devese significativamente aos esforços privados de se levar água, comida e assistência médica aos povos da África subsaariana.

Mesclando chavões socialistas com ensinamentos bíblicos, Frei Betto esclareceu aos presentes o quanto o capitalismo está destruindo a humanidade, mas também ofereceu 10 conselhos essenciais para reverter esse processo:

1° – Mantenham a indignação.

Segundo Frei Betto, os militantes precisam verificar constantemente se estão mesmo alinhados com aos ideais socialistas para não se deixarem cair na tentação de enxergar a desigualdade como algo natural.

Além da notória incapacidade socialista de enxergar que a desigualdade é uma das mais claras características da natureza, o frei evidencia que a maior preocupação da ideologia que defende não é com a pobreza, mas sim com a riqueza. Se fosse o contrário, líderes e militantes socialistas já teriam reconhecido que, enquanto o capitalismo possibilitou que poucas pessoas acumulassem fortunas imensas, ele possibilitou também que a maioria da população mundial, que até duzentos anos atrás era composta por miseráveis, hoje possa desfrutar de um nível de liberdade, de instrução, de mobilidade, de conforto e de acesso a produtos e serviços antes inimagináveis. Segundo Frei Betto, o socialista deve combater os vitoriosos como forma de se consolar os fracassados.

2° – A cabeça pensa onde os pés pisam.

Também achei engraçado. Frei Betto tenta explicar: "Não dá para ser de esquerda sem 'sujar' os sapatos lá onde o povo vive, luta, sofre, alegra-se e celebra suas crenças e vitórias. Teoria sem prática é fazer o jogo da direita". Hum... Creio que depois dessas sábias palavras, os socialistas irão trocar a vida nos bairros nobres pela vida na favela.

Fiquei curioso para saber onde Frei Betto mora.

3° – Não se envergonhe de acreditar no socialismo.

Sim, ele falou isso! "O fracasso do socialismo no Leste europeu não deve induzi-lo a descartar o socialismo do horizonte da história humana", completa, comprovando sua crença leninista de que as ideias são autossuficientes, ignorando os trágicos resultados registrados em TODOS os países onde foram implantadas.

4° – Seja crítico sem perder a autocrítica.

Também achei essa frase engraçadíssima, principalmente quando a comparamos com o item anterior, no qual ele insiste que o socialismo é digno de orgulho.

5° – Saiba a diferença entre militante e "militonto".

Frei Betto explica: "Militonto é aquele que se gaba de estar em tudo, participar de todos os eventos e movimentos, atuar em todas as frentes. Sua linguagem é repleta de chavões e os efeitos de sua ação são superficiais. O militante aprofunda seus vínculos com o povo, estuda, reflete, medita...".

O frei, em pleno século XXI, ainda não se deu conta de que o povo quer se integrar ao capitalismo, ser patrão, acumular capital, formar patrimônio e ir passar férias em Miami; e que toda pessoa que resolve ler e refletir profundamente sobre as propostas e principalmente sobre a história do socialismo, no dia seguinte de torna um liberal. Se Frei Betto acredita que o socialismo deve educar o povo no sentido de libertá-lo de suas ambições materiais, ele se iguala aos jesuítas que catequisaram os índios para livrá-los do *paganismo*.

6° – Seja rigoroso na ética da militância.

Segundo o inspirado Frei Betto, "A esquerda age por princípios. A direita, por interesses. Um militante de esquerda pode perder tudo – a liberdade, o emprego, a vida. Menos a moral"; e vai além... "O verdadeiro militante – como Jesus, Gandhi, Che Guevara – é um servidor, disposto a dar a própria vida para que outros tenham vida. Não se sente humilhado por não estar no poder, ou orgulhoso ao estar. Ele não se confunde com a função que ocupa". Nesse momento, cheguei a pensar que se tratava de uma piada, mas parece que ele realmente estava falando sério.

Frei Betto, assim como seus camaradas, é incapaz de reconhecer que o socialismo sempre teve como princípio fundamental o sacrifício da

liberdade do povo em benefício da preservação do poder de seus líderes; é incapaz de reconhecer que os líderes socialistas sempre foram aqueles que elevaram ao mais alto nível o exercício da arrogância, da intolerância e da violência. Carlos Alberto Libânio Christo é um frei que equipara Jesus a Che Guevara.

7° – Alimente-se na tradição da esquerda.

Novamente Frei Betto comprova que não bate bem da cabeça: "É preciso oração para cultivar a fé...", recomendando, para tanto, a leitura da biografia de Che Guevara e estudos sobre a história do socialismo. O que ele espera que alguém encontre lendo sobre as experiências do socialismo? Prosperidade? Liberdade?

8° – Prefira o risco de errar com os pobres a ter a pretensão de acertar sem eles.

"Conviver com os pobres não é fácil. Primeiro, há a tendência de idealizálos. Depois, descobre-se que entre eles há os mesmos vícios encontrados nas demais classes sociais. Eles não são melhores nem piores que os demais seres humanos. A diferença é que são pobres, ou seja, pessoas privadas injusta e involuntariamente dos bens essenciais à vida digna. Por isso, estamos ao lado deles. Por uma questão de justiça", explica o frei, evidenciando a incoerência fundamental do socialismo expressa na insistência no materialismo histórico, desenhando passado, futuro e presente em função do que se quer, idealizando o pobre sem reconhecer que o esteja fazendo, forjando o conceito de injustiça social em benefício de uma minoria na qual os líderes socialistas insistem em não se incluir.

9° – Defenda sempre o oprimido, ainda que aparentemente ele não tenha razão.

Nessa frase, o próprio Frei Betto nos faz o favor de comprovar o bizarro conceito de justiça defendido pelo socialismo.

10° - Faça da oração um antídoto contra a alienação.

E assim, o frei incentiva os militantes socialistas a darem mais uma longa baforada revolucionária... "Pode crer...".

Os dez conselhos de Frei Betto me obrigam a fazer uma promessa:

Prometo aos leitores do Instituto Liberal e também a mim mesmo nunca mais perder meu tempo com ele.

Os Martírios de Hoje e a Cruz de Jesus

Marcelo Barros, Teologo

No Brasil, em uma semana, tivemos o martírio de três pessoas ligadas aos movimentos sociais. Na noite da 4a feira, 14, no centro do Rio de Janeiro, foram assassinados a vereadora Marielle Franco e o seu motorista Anderson Gomes. Três dias antes, no Pará, mataram o militante social Pedro Sérgio Almeida, representante da Associação dos Caboclos e Quilombolas da Amazônia. Ele cobrava da prefeitura de Macarema a falta de licença ambiental da empresa Hydro que joga detritos nos rios do Pará.



Vivemos em tempo de martírio.

Defender o projeto da Justiça e lutar pela Vida significa correr riscos e enfrentar a morte. Quem é cristão não pode deixar de ligar essas mortes violentas que acontecem cada dia ao martírio de Jesus que, nas suas liturgias, as Igrejas celebram.

Não deixa de ser estranho: as Igrejas afirmam que, em cada eucaristia, atualizam a doação de Jesus em sua cruz. No entanto, ao menos nos dias atuais, quem parece estar realmente vivendo a paixão e seguindo os passos de Jesus no seu testemunho de dar a vida pelos outros, parece não ser tanto religiosos/as ou pessoas que dizem fazer isso por causa da fé. Na América Latina, dos anos 60 até os anos 90, milhares de pessoas deram a vida por causa da justiça, em meio às lutas sociais. Dessas, muitas se proclamavam cristãs. No dia 24 de março, celebramos a memória do martírio do bispo Oscar Romero, assassinado em El Salvador, no momento em que celebrava a ceia de Jesus. Nos anos mais recentes, esse tipo de martírio continuou ocorrendo e acontece até hoje. Diariamente, há pessoas que morrem como vítimas das injustiças estruturais que dominam o mundo e esse continente. São mártires. No entanto, parece que, atualmente, o martírio está acontecendo mais fora dos ambientes eclesiais. Isso não diminui em nada o mérito e a santidade

desses irmãos e irmãs que, mesmo sem terem vinculação com a fé religiosa, dão a vida pelas causas da justiça e da libertação. Conforme o evangelho, Jesus afirmava que pertence a Deus não quem confessa o seu nome e sim quem realiza a sua vontade que é de justiça e vida para todos.

Lamentável é que as Igrejas celebram e pregam a doação da vida, mas ainda parecem distantes dessa consagração que tantas pessoas sem falar em Deus, vivem no dia a dia da vida, nas periferias urbanas, na luta das mulheres negras, na causa dos povos indígenas e na defesa das águas e dos rios. Do mesmo modo, é estranho que os irmãos e irmãs que. por causa de sua fé, nas últimas décadas, deram a vida pelo povo e pela justiça, muitas vezes, não contaram com o apoio e compreensão dos próprios pastores da Igreja. Mesmo Dom Oscar Romero não era bem compreendido por outros bispos e pelo Vaticano. Isso nos faz perguntar por que a Igreja que celebra a paixão de Jesus tem tanta dificuldade em se solidarizar e se inserir no martírio real que o povo sofre a cada dia, martírio que, na época de Jesus, se concretizou na cruz na qual o nosso mestre e Senhor deu a sua vida. Em primeiro lugar, essa interpelação toca no mais profundo de cada um de nós. Fere o meu coração como uma espada de dor e que chama a conversão minha e da nossa Igreja. Eu mesmo, nós, o que estamos fazendo? Será que esse distanciamento da vida real das lutas do povo, por parte de muitos eclesiásticos, vem do fato de que a teologia oficial das Igrejas ainda compreende a cruz e a morte de Jesus como um sacrifício religioso oferecido a Deus para salvar as pessoas dos seus pecados? Geralmente, todos aceitam que a Páscoa do primeiro testamento foi de conteúdo claramente social e político (a libertação dos hebreus do Egito). No entanto, interpretam a Páscoa de Jesus no plano meramente espiritualista. Cristo é visto como o servo sofredor de Deus que, como dizia o profeta Isaías, tomou sobre si as nossas faltas e morreu por nossos pecados. É o Cordeiro de Deus, cordeiro da nova Páscoa que, por sua morte, nos liberta espiritualmente.

Até hoje, na maioria das Igrejas, padres e pastores ligam o motor automático e, a cada ano, repetem o mesmo discurso. No entanto, atualmente, essa forma de interpretar a fé corre o risco de apresentar Deus como uma divindade cruel que, para se reconciliar com o mundo, precisa da morte do seu próprio Filho. Além disso, essa teologia separa a morte de

Jesus de tantas outras mortes violentas, a cada dia, ocorridas pela justiça e pela libertação. Se a morte de Jesus foi o sacrifício do Filho de Deus para salvar a humanidade nada tem a ver com as cruzes nossas de cada dia.

É preciso superar esse modo de compreender a fé e a Páscoa. Apesar dos evangelhos lhe emprestarem palavras que podem ser compreendidas no sentido sacrificial, parece que nem o próprio Jesus, inserido na cultura e religião hebraicas, pensava assim. A cruz era o suplício que os romanos reservavam para os escravos rebeldes e prisioneiros políticos que lutavam contra a ordem do Império. Com essa acusação, referendada pelas autoridades religiosas, ligadas ao poder político que dominava aquela região, Jesus foi condenado a morrer na cruz.

A morte de Marielle, Anderson e Pedro, assim como a de Oscar Romero e de tantos outros/as nos desafiam a compreender e celebrar a memória da morte de Jesus como martírio e não como sacrifício. Aí sim, a fé na ressurreição de Jesus nos faz ver além da morte. A caminhada da Igreja de base e sua inserção nas lutas de libertação nos ensinam que o martírio não é apenas uma forma de morrer, mas, principalmente, uma forma de viver. Somos testemunhas de que esse mundo tem remédio e apesar de todas as forças do mal, seguiremos nessa caminhada. No 6º



Encontro Intereclesial de CEBs, em Trindade (1986), as comunidades afirmaram: "Nós queremos nossos mártires vivos e não mortos". Cremos na ressurreição. Por isso, através da continuidade da luta, podemos, hoje, dizer: Viva Marielle, Anderson, Pedro e todas as testemunhas do mesmo projeto pascal de Jesus.

UM GRANDE PASSO NO NOROESTE DO PARANA



Foi criado em Maringá o Comitê de Apoio à Reforma Agrária no Noroeste do Estado. O público presente não foi tão grande, mas sem dúvida, era de qualidade. Alguns membros do MST fizeram relatos de violência policial e de milícias em alguns assentamentos. É consenso nos setores que defendem os

movimentos sociais, de que o processo de criminalização do MST inclui até atos de delinquência por pessoas que se aproximam dos acampamentos para "aprontar" e jogar a culpa nos trabalhadores. Foi colocado no debate o tema da criminalização do MST pela mídia, o que aliás fica cada vez mais claro. Houve insistência que a sociedade deve reagir contra isso e que o próprio MST deve partir para uma política de aproximação com as comunidades urbanas, conquistando corações e mentes e tirando de si a carga de preconceito que é oxigenada pelas grandes redes de TV no diaa-dia.

Pe Joao Caruana leu uma carta de apoio de Dom Anuar Batisti, que foi muito bem recebida! Este comitê, juntos om outros formados em todo o Brazil, era um passo importante para o avanço da reforma agrária, que interessa ao país mas desagrada a elite, sempre preocupada com o próprio umbigo.



Sangue Indígena: Nenhuma Gota a Mais

Sonia Guajajara, da coordenação da APIB

Trinta depois anos de aprovada a Constituição Federal de 1988, que trouxe o respeito identidade cultural dos povos indígenas e ao direito sobre as terras que tradicionalmente ocupam, nós continuamos sofrendo ameaças. A mais recente, cometida pelo novo governo de Jair Bolsonaro, se deu com a Medida Provisória (MP) n.º

870/2019 e os decretos assinados pelo presidente para reorganizar a estrutura e as competências ministeriais que deixaram, deliberadamente, graves lacunas nos instrumentos e políticas socioambientais. Com a MP 870, o Presidente transfere para o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) a identificação, delimitação, reconhecimento e demarcação das Terras Indígenas (TIs), esvaziando a Fundação Nacional do Índio (Funai).

Nos últimos anos, a conjuntura política e econômica vem imprimindo um ritmo desenvolvimentista ao país onde a Amazônia e o Cerrado desempenham o importante papel de "motor da economia". Grandes obras de infra-estrutura e a fronteira agrícola avançam com ímpeto sobre a floresta e a savana, atropelando a biodiversidade, as áreas protegidas, ignorando direitos e afetando significativamente a qualidade de vida das comunidades locais. A disputa pela terra aliada à histórica falta de governança nessas regiões resultam em mazelas que se firmam como cicatrizes no coração da maior floresta tropical do mundo. Essa conjuntura vem permitindo que diferentes aspectos da legislação ambiental sejam flexibilizados ou reinterpretados, reduzindo a proteção dos nossos ecossistemas e minando direitos constitucionais dos povos indígenas e comunidades locais.

De fato, o governo brasileiro sinaliza a tendência de continuar cedendo aos desejos dos ruralistas. Tereza Cristina, nova ministra da Agricultura, representa os interesses do agronegócio no Mato Grosso do Sul, estado que é palco dos processos de demarcação mais complicados por conta das disputas por terra. Com isso, é muito provável que o processo de identificação e demarcação de Terras Indígenas seja aue afrouxem as barreiras aue impedem se desmatamento. Também não está claro auem ficará com responsabilidade de garantir a integridade das Terras Indígenas, que antes era da Funai. O órgão, antes subordinado ao Ministério da Justica, passa a ser controlado pelo Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, comandado pela conservadora ministra e pastora evangélica Damares Alves.

O desrespeito aos direitos constitucionais desses povos tangencia problemas como o desmatamento, invasão de áreas protegidas, trabalho escravo, extração ilegal de madeira, atividade mineratória, perda da biodiversidade, conflitos fundiários, violência e assassinatos no campo. É bom lembrar que o Brasil é o país mais perigoso para ativistas e defensores da terra e do meio ambiente: em 2017, pelo menos 207 líderes indígenas, ativistas comunitários e ambientalistas foram assassinados mundo afora por protegerem seus lares e territórios dos efeitos da mineração, do agronegócio e de outras atividades que ameaçam seu modo de vida, segundo a ONG britânica Global Witness. O Brasil foi o país mais letal para quem trava essas lutas, com 57 assassinatos. Além disso, nos últimos anos, a criminalização de lideranças indígenas tem se intensificado em razão da sua luta por direitos, especialmente no Nordeste e no Sul do país. Terras Indígenas são bens da União, sendo reconhecidos aos índios a posse permanente e o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes. É dever do Estado protegê-las. Entretanto, mesmo após demarcados, esses territórios não ficam livres de ameaças. A TI Karipuna, em Rondônia, homologada em 1998, está com mais de 10 mil hectares de floresta destruídos, em consequência da exploração ilegal de madeira e de grilagem. A TI Indígena Arara, também no Pará, acaba de ser invadida por madeireiros. Nas outras regiões do país, onde os povos aguardam pela demarcação do seu território sagrado, a situação é ainda

mais grave. Na Bahia, por exemplo, 490 famílias indígenas da etnia Tuxá foram surpreendidas, em novembro, com uma decisão da Justiça determinando a imediata desocupação do território Surubabel ou Dzorobabé, ocupado tradicionalmente pela comunidade.

A demarcação de Terras Indígenas representa uma garantia de proteção à floresta e aos povos que dela dependem para viver. A terra é a base do habitat de um povo e a sustentabilidade das riquezas naturais ali presentes assegura a reprodução física e cultural das populações indígenas.

Diante da crescente ameaça e dos retrocessos impostos pelo Estado aos povos originários do país, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) lança, esta semana, a campanha "Sangue Indígena: nenhuma gota a mais", com o objetivo de mobilizar a sociedade pelos direitos indígenas. "A idéia é reunir diversas atividades, organizadas pelo movimento indígena e seus apoiadores, em uma agenda de mobilização do #JaneiroVermelho", diz Sonia Guajajara, da coordenação da APIB.

Organize seu território. Conecte suas redes. A luta indígena é permanente e precisa do seu apoio: promova rodas de conversa, debates, produza materiais... Faça parte da campanha e some nas atividades do Janeiro Vermelho.#JaneiroVermelho #DemarcaçãoJA 19/01/2019 -uma carta aberta dos povos indigenas.



Indígenas de Baixo Tapajos (Amazonia) – Novo Gurupa aldeia indígena, Rio Arapiuns, Santarem – Para.

Nos Mulheres de Baixo Tapajos, dos povos originais de Arapium, Apiak á, Arara Vermelha, Borari, Jaraqui, Kumaruara, Maytapu, Munduruku, Munduruku Cara Preta, Tapajó, Tapuia, Tupayú e Tupinambá tivemos o nosso primeiro encontro entre Janeiro dia 09 e dia 13 de 2019, na aldeia Novo Gurupá, no rio Arapiuns, no município de Santarem, Para`. Participaram em redor de 200 mulheres para defender os nossos territórios e os direitos das mulheres indígenas, para partilhar conhecimento e reforçar a nossa cultura e mística. Durante estes dias, celebremos rituais e produzimos rtesenato, medicina, produtos de limpeza, e tatoo *jenipapo e urucum*. Nós cuidamos da nossa vida e nossa beleza.

Para nós a convivência e partilha serve para parsa a nossa mesm existência e resistência. E` um modo para exercer os nosso princípios da coletividade e passar o conhecimento entre generações. Este e` o meio para defender os nosso territórios, nossos costumes e tradições durante milhares de anos. E` o meio para conservar o nosso relacionamento com a floresta e os rios. Nos dependemos da naturza para garantir a nossa existência física e espiritual. Os espíritos encantadores que nos protegem e ajuda a nossa perseverança dependem da floresta e dos rios. Se os rios e a floresta são destruídos, eles morrem e também o nosso povo. Isto porque nos somos preocupados com o desmantelamento acelerado das políticas indígenas praticadas com o novo Presidente, Jair Messias Bolsonaro. Nos não queremos desmatamento das florestas. Nos não queremos a exploração dos nosso riquezas naturais! Nos não queremos plantações da soja e rebanho extenso nas nossas terras. Nos não queremos hidroelétricas e portos nos nossos rios.

Nos nós contamos mais de 7000 indígenas, morando em 64 aldeias, que façam parte de 18 territórios indígenas localizados nos municípios de Santarém, Bel Terra, e Aveiro, na região ocidental do Para. Os nossos avos, bis avos contam para nós estórias dos seus antepassados que viviam na região de Tapajós na região Sul . Nos sabemos que os

O MST, UM OUTRO OLHAR

O que a mídia não divulga

nossos ancestrais ainda habitam nos nossos territórios. Para nós os lugares onde habitaram são sagrados. Nós realmente respeitamos e adoramos estes lugares. Nos dependemos deles dar continuidade ao nossa existência espiritual e cultural. Os nossos antenados nos ensinaram a respeitar Terra Mae e Terra Água. Cada lugar tem uma mãe e e` esta mãe que guarda e cuida de cada lugar. Nos passamos este ensino aos nossos filhos e filhas. E` assim que nos conseguimos viver e resistir a todos os modos de violência contra nós.



Nós não vamos nos intimidar com as intimidações sempre crescendo dos líderes políticos e setor privado. Tem uma serie de iniciativas com a intenção de deslegitimar a nossa existência e negar os nossos direitos originários e constitucionais. Queremos mencionar alguns exemplos emblemáticos. Em dezembro 2018 o Conselho da Prefeitura de Santarém instituiu uma comissão especial para estudar os territórios indígenas e os seus povos com o pretexto que tem "Índios Falsos" na região.

Nos consideramos isto falta de respeito aos nosso antenados, nossa memoria, como também uma violação do nosso direito constitucional de ser reconhecidos na nossa etnicidade. No mesmo mês, o Prefeito de Santarém sancionou o Plano Mestre do Município contrapondo as decisões tomadas na Conferencia Municipal, com a participação de 700 cidadãos. Neste processo participativo Maica Lake, uma região de indígenas e quilombolas habitam, foi designado no plano como uma área portuária. O voto sobre este ponto criou muito controvérsia e bastante debatido, e como resultado foi decidido de não deixar a construção de portos em Lake Maica`.O lago era considerado uma herança ambiental e socioeconômica. Centenas de famílias dependem pelas suas vivencia do Lake Maica`. Fora disso, e` na região de Maica` que fica o Territorio Indigeno Munduruku-Apiaka` (Santaremo Plateau). A demarcação dessa terra indígena foi paralisada pelo Governo Bolsonaro. Esta planura e` muito procurada pelo agronegócio da monocultura da soja. A entidade que representa os produtores rurais em Santarém (SIRSAN), que representa o agronegócio numa larga escala, esta procurando profissionais para perseguir e intimidar lideranças dos movimentos indígenas e guilombolas.

Julgando as responsabilidades do Governo do Estado do Para`, queremos frisar a total ausência de investimento no programa educacional em favor das escolas indígenas, que influencia as condições trabalhistas dos professores e a merenda escolar. O governo do estado não implementa politicas publicas em favor dos povos indígenas do Tapajós dos Sul, e em muitos casos concede a exploração das riquezas naturais, sem nenhuma consulta com o nosso povo.

Treze dias no Governo eram suficientes para Bolsonaro para desmantelar a política indigenista brasileira. No primeiro dia do governo, politicas que interessam os territórios indígenas como o licenciamento ambiental de projetos que tem impacto sobre territórios indígenas, foram transferidas ao Ministério do Agronegócio, liderado por Tereza Cristina, conhecida melhor como a "Musa Venenosa", que tinha uma influencia proeminente no Congresso, defendendo a liberação de agroquímicas. Os direitos dos Indígenas originárias estão enfrentando um risco total. Isto porque nós estamos chamando a comunidade internacional para boicotar os produtos do agronegócio brasileiros! Esta transferência de ministérios,

O MST, UM OUTRO OLHAR

O que a mídia não divulga

além de perder as atribuições fundamentais para garantir direitos de terras, a instituição indigenista publica (FUNAI) e agora dependente do Ministério das Mulheres , Familia e Direitos humanos, sob o comando de Damares Alves. Ela que como ministra neo Pentecostal combate o problemática do genro, não tem preparo para defender direitos humanos, e minorias étnicas, raciais e do gênero. Os discurso de Bolsonaro e sua equipe são retrógadas e faltam de respeito em relação a nós, nossa historia, nossos antenados e nosso histórico dialogo político com o Estado brasileiro. O Presidente nos comparou aos animais fechados num zoo, fechados em gaiolas, quando se referiu ao nossa vida e os territórios tradicionais.

Sim, nos somos Brasileiros! Nos somos indígenas! Nos sabemos o que queremos e exigimos o direito de ser consultados pelo Estado na elaboração e implementação de políticas públicas. Queremos promover a saúde da mulher indígena! Nos queremos educação publica nas nossas aldeias! Nós queremos autonomia na administração ambiental e territorial das nossas terras! Nos queremos respeito a nossa cultura, tradição e mística! Nos queremos as nossas terras reconhecidas e demarcadas! A nossa terra não e` mercadoria! Nós resistiremos! SURARA! SAWE!

"Provavelmente os povos amazônicos originários nunca estiveram tão ameaçados em seus territórios como estão agora" – Papa Francisco



"Brasília, 30 de abril de 2010

CARTA DO PRESIDENTE LULA A CNBB

"A S. Excia. Revma. "Dom Geraldo Lyrio Presidente da Conferência Nacional dos "DD. Bispos do Brasil "Meu Prezado Dom Geraldo. "Neste momento em que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil realiza em Brasília sua Assembleia Geral, tomo a liberdade de lhe enviar minha fraterna saudação, com o pedido de que esta mensagem seja comunicada aos Eminentes Senhores Cardeais, aos Senhores Arcebispos, Bispos, Sacerdotes, Religiosos e Religiosas, bem como a todos que compõem e participam desta grande Assembleia.

"Antes de mais nada, quero cumprimentar a direção da CNBB pela iniciativa de realizar em Brasília, que comemora seus cinqüenta anos, tanto

sua Assembleia Geral como o XVI Congresso Eucarístico Nacional. Esses dois eventos, além de honrarem e dignificarem a comemoração dos cinqüenta anos da Capital do País, certamente, por sua densidade espiritual, nos ajudarão na superação da grave crise política e ética que se abate tristemente sobre esta Cidade.



"Como o Senhor deve se lembrar, tive a honra de visitar, em meu primeiro ano de Governo, a Assembleia Geral da CNBB que se realizava em Itaici; agora, esta Assembleia que se inicia coincide com meu último ano de Governo. Neste momento, Dom Geraldo, minha primeira palavra é de agradecimento pelo diálogo e pela convivência franca e fraterna que tivemos ao longo desses quase 8

anos. O apoio da Igreja Católica em suas instâncias nacional, regionais e locais foi fundamental para que pudéssemos realizar e implementar as políticas sociais nestes dois mandatos. Tenho consciência de quanto são importantes os convênios com as entidades religiosas para que as políticas sociais aconteçam de fato em todo o País e em toda sua capilaridade junto ao povo mais pobre e excluído. Ao mesmo tempo, as críticas e os embates, em temas específicos, que vivenciamos com maturidade nos ajudaram a corrigir erros e limitações. As divergências e posições diferenciadas que tomamos não afastaram em nenhum momento nossa vontade de diálogo e mútua contribuição.

"Nosso Governo, Dom Geraldo, procurou nestes anos pautar-se pelo necessário equilíbrio entre sua definição como Governo de um Estado laico, e, ao mesmo tempo, desenvolver uma política de intenso diálogo com as diferentes Igrejas e Religiões. Tenho consciência dos desafios que esta posição implica, por se tratar muitas vezes de um debate entre diferentes culturas, sensibilidades e concepções éticas. No entanto, não abrimos mão deste relacionamento franco e foi nesta perspectiva que debatemos e levamos a bom termo nosso Acordo firmado e ratificado com a Santa Sé. Entendemos que este Acordo se constitui num avanco da

institucionalização de nossas relações, dando maior segurança para a atuação da Igreja Católica em nosso País.

"Mas sem dúvida, a questão que mais nos aproxima e identifica é o cuidado para com este grande contingente de brasileiros que ao longo da história foi mantido à margem da cidadania em seus mínimos direitos. Para mim, dom Geraldo, esta é a questão central da grande discussão, tão atual, em torno dos Direitos Humanos. Tenho consciência, Dom Geraldo que o Estado e o Governo estão em dívida com amplos setores da sociedade brasileira. E neste aspecto, sei muito bem que muito ainda resta a fazer, e um longo caminho a percorrer até que este País se constitua de fato numa verdadeira Nação e seus filhos tenham sua dignidade respeitada, e assegurado seu direito à participação verdadeiramente democrática em todos os sentidos.

"Por outro lado, Dom Geraldo, confesso para o Senhor que o que mais me orgulha quando revejo estes longos anos de trabalho, é a constatação de que efetiva e concretamente conseguimos reduzir a fome, a miséria e a exclusão de nosso Povo ... e aí os números não mentem. Minha maior alegria nestes tempos consiste em observar os dados que efetivamente demonstram a redução das taxas da exclusão. Porque sabemos todos que atrás de cada número se escondem milhares de seres humanos que começam a realimentar sua esperança de vida digna. Da mesma forma bem sei que esses resultados foram fruto de escolhas claras e definidas que desagradaram a alguns, mas que acenderam uma nova luz no coração de nossa gente. Não me iludo nem me envaideço com os índices de popularidade. Mas eles servem para demonstrar simplesmente que nosso povo está se sentindo cada vez mais participante deste

banquete antes restrito a minorias. E auero lhe reafirmar que а Igreja Católica, assim como outras entidades religiosas. tem uma importante participação neste processo. Seja por sua participação direta nas ações sociais, seja por seu posicionamento cobrando e exigindo políticas de



O MST, UM OUTRO OLHAR

O que a mídia não divulga

atenção aos excluídos, assim como pela formação de muitas lideranças sociais que hoje são responsáveis por importantes processos de mobilização da sociedade brasileira.

"Neste momento, Dom Geraldo, quero agradecer muito a Deus por tudo o que aconteceu nestes anos. Tenho para comigo mesmo que as bênçãos de Deus e de Nossa Senhora Aparecida, cujo Santuário pretendo visitar em ato de gratidão



antes do fim deste mandato, foram essenciais para que chegássemos até aqui. E peço suas orações e de todos os Senhores Bispos para que sigamos nesta missão até o último dia deste mandato e que o Povo brasileiro tenha a luz e a sabedoria para fazer sua escolha quanto à nossa sucessão.

"Desejo muitas luzes para esta Assembleia que se inicia e cujos resultados sem dúvida tem enorme importância para nosso povo.

Um forte e fraterno abraço".

"Luiz Inácio Lula da Silva

Presidente da República Federativa do Brasil"



"Se este caso não se enquadrar em abuso de autoridade, é melhor dizer que a lei não existe mais" – Cristiano Zani Martins (Advogado de Lula)

COMPROMISSO DE FE DO PARTICIPANTE DAS CEBS

Terei uma fé cada vez mais viva em Jesus Cristo, que será fortalecida na fonte da Palavra de Deus e dos Sacramentos.

Servirei a Deus meu Pai com louvor e ação de graças em cada ato da minha vida.

Servirei a Deus meu Pai com a celebração litúrgica do sacrifício da Santa Missa e também do Culto Eucarístico que celebramos em nossa CEB. Nesta liturgia celebrarei a minha vida com todas as alegrias, tristezas e desafios que ela apresenta e a vida da Igreja.

Viverei em profunda comunhão com os meus irmãos em minha comunidade, pois acredito que a Eucaristia e` fraternidade e partilha.

Servirei meus irmãos dedicando-lhes minha ajuda sincera e nos ministérios organizados da comunidade.

Servirei principalmente meus irmãos que não estão na comunidade. A eles dedicarei todos os meus talentos, praticando a caridade, a solidariedade e a justiça.

Serei sal e fermento do Evangelho no munda do trabalho para que eu me torne verdadeiramente testemunha e agente de justiça.

Darei ao mundo verdadeiro testemunho de Jesus Cristo e sua mensagem, apoiando as aspirações de todos os que querem ser tratados como homens livres e responsáveis.

Terei com exemplo Maria Santíssima, que assumiu a sua missão tentando fazer a vontade do nosso Pai custasse o que custasse.

Viverei unido a` Igreja de Cristo, seguindo o seu ensinamento contido nos vários documentos por ela escritos. Terei grande amor e obediência ao Papa, sinal de unidade para o mundo inteiro, ao Bispo, e ao Pároco, junto com os seus conselhos e coordenações da nossa paroquia. Amem! Fonte: Ninguém Cresce Sozinho – Arquidiocese de Maringá



EPÍLOGO

O que fica bem claro dessa humilde contribuição é que os passos dados, poucos ou muitos, em favor da reforma agrária no Brasil, são mérito principalmente desse Movimento ao qual se juntaram outros movimentos menores durante o tempo. Também por ser a reforma agrária, por definição, algo que aconteceu no interior do país, o apoio da nossa Igreja era indispensável para motivar e conscientizar os camponeses, que a única saída para eles, se quisessem trabalhar na terra, é a reforma agrária. A outra alternativa seria o trabalho quase escravizante de boia fria, ou se não aceita isto, leva sua família para viver numa das favelas das grandes metrópoles. Na verdade, a causa da existência da desumanidade das favelas que ainda persiste, pode ser chamada de uma verdadeira "falta de reforma agrária"!

Este apoio da nossa igreja e outras religiões progressistas era indispensável. Isto porque a religiosidade popular no interior tem uma grande influência, para o bem ou para o mal, na consciência do camponês. É gratificante ler que as lideranças principais, quase todas, afirmarem que a origem deles vem das comunidades eclesiais de base, pastoral da juventude, grupos de reflexões – enfim, fruto da teologia da libertação, tão discutida e mal-entendida pela maioria dos católicos. Um dia eu escrevi num jornal da minha terra natal que se a caminhada das CEBs, erroneamente, não está mais na frente na vida pastoral da igreja no Brasil - mesmo que ainda resiste - já deu ao país o que mais precisava - a consciência de que quem luta para a reforma agrária não está roubando a terra de ninguém. Algo que ainda existe. Quero aqui testemunhar também que, frequentemente, quando encontro sem-terras vindos de várias regiões, percebendo que eu sou padre, logo eles citam o nome de um ou outro padre, inclusive nomes de bispos, que os apoiaram na luta na sua região. Para mim, isto é gratificante.

Lembro um dia, velando um sem-terra assassinado, sua mãe chegou de Santa Catarina. Num certo momento exclamou: "vê com quem andava o meu filho! São gente fina, pais e mães de família, jovens e crianças, não tem bandido aqui em redor do meu filho, não! Por que fizeram isto com meu filho?!" Não pude ter um testemunho melhor em favor da luta

da reforma agrária que o MST vem travando do que o dessa mãe, eu pensei!

Sobre a problemática do marxismo-comunismo que sempre é apontado quando a fala cai sobre o MST eu penso assim: O Movimento aceita que tem uma inspiração marxista, mas conseguiram respeitar suas origens como já vimos. A meu ver o grito de Marx "trabalhadores do mundo, univos" está sempre presente nos movimentos sociais que conseguiram fazer algo no mundo. Também durante estes 100 anos e especialmente nos últimos 50 anos - na nossa vida - houve muito diálogo entre cristãos que enfrentaram as injustiças sociais e os marxistas e os resultados, a meu ver, são muito positivos.

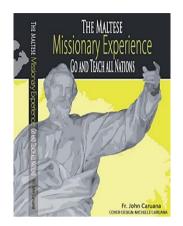
Lendo e relendo o livro até chegar a última versão, lendo especialmente as contribuições de tantos escritores, lutadores e teólogos cresci para admirar e entender o que estas famílias que compuseram o Movimento durante as décadas tentaram e conseguiram fazer. Obrigado!



"Filhos, obedeçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo."Honre seu pai e sua mãe" é o primeiro mandamento, que inclui uma promessa "para que você seja feliz e tenha vida longa sobre a terra". Efésios 6, 1-3

OBRIGADO MAMÃE! OBRIGADO PAPAI!

OUTROS LIVROS DO PADRE JOÃO CARUANA



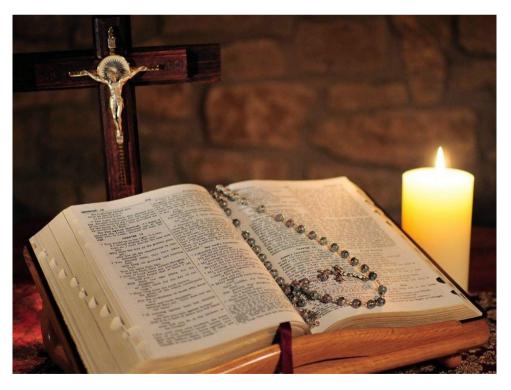
The Maltese Missionary Experience



Pensadores Da Caminhada



Comissão Pastoral da Terra



"Evangelizar é nossa revolução, Nossa fé sempre é revolucionária. Esse é o nosso mais profundo e constante grito".

Papa Francisco no Equador



A chegada em Maringá da caminhada de conscientização exigindo a Reforma Agrária, denunciando também a opressão do Governo de Jaime Lerner. Foram recebidos por estudantes, sindicalistas, autoridades religiosas e locais e o povo em geral!